DA ASIA
DE
DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA NONA.

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M.DCC.LXXXVI.

Com licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTEM NESTA
DECADA IX.

CAP.

DECADA NONA.

Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

Da ſeparação que ElRey fez de todo o Eſtado da India, dividindo-o em tres governos; D. Antonio de Noronha foi eleito Viſo-Rey da India deſde o Cabo de Guardafú do Eſtreito de Méca até Ceilão; Franciſco Barreto por Governador do Cabo das Correntes até o de Guardafú; e Antonio Moniz Barreto por Governador deſde Pegú até á China; e de como chegou D. Antonio de Noronha a Goa, e eſtado em que achou a guerra.

OMO ElRey tinha ordenado que a Governança da India foſſe triennal, e D. Luiz de Ataíde, que nella eſtava, cumpria o ſeu triennio, ordenou ElRey D. Sebaſtião de prover a India de novo Viſo-Rey; e porque o Imperio Orien-

tal eſtava mui dilatado, e eſpalhado por climas mui remotos, a que hum ſó Viſo-Rey não podia acudir, quiz dividir o Eſtado em tres partes, como já ElRey ſeu avô fez no anno de . . . . e declarou ſua tenção a D. Antonio de Noronha, que elegeo por Viſo-Rey neſte Janeiro de 1571. e lhe mandou fazer preſtes ſinco náos, como ſe verá na primeira Parte do meu Epilogo, indo o Governador de Malaca Antonio Moniz na náo Belém na ſua companhia debaixo de ſua bandeira até chegar á India, a qual Armada teve tão boa viagem, que todas as náos juntas em ſeis de Setembro deſte anno em que andamos, chegáram á barra de Goa, eſtando o Viſo-Rey D. Luiz de Ataíde no paſſo de Sant-Iago continuando com a guerra, o qual tanto que ſoube de ſua chegada, ſe partio pera Goa, deixando todos os Capitães nos paſſos, e Armadas nos rios, e fez logo entrega do Eſtado ao Viſo-Rey, e ſe foi pera Pangi, ou pera os Reys Magos.

Já neſte tempo eſtava o Idalxá enfadado da guerra; e vendo novo Viſo-Rey com tão poderoſa Armada, logo ſe affaſtou, e recolheo ſeu campo, deixando em ſeu lugar dous Capitães ſeus de grande confiança, e Melique Xaramir com poderes muito baſtantes pera tratarem de pazes com o Vi-

Viſo-Rey; o qual tanto que tomou poſſe, foi logo viſitar os paſſos da Ilha, e provellos de novos Capitães, e recolheo os outros pera irem deſcançar dos trabalhos da guerra, e deixou nelles menos gente, por ſaber ſer o Idalxá já recolhido; e pela meſma maneira viſitou os armazens das munições, e mantimentos; e porque em Goa já não havia arroz, nem trigo, ſenão o que havia nos armazens, dos quaes o Viſo-Rey D. Luiz de Ataíde em todo eſte tempo de inverno ſuſtentou todo o povo, vendendo-lhos em preços moderados, pelo que ſe gaſtou tanta quantidade, que valia o candil de trigo a oitenta xerafins, que são mais de vinte mil reis, e o candil de arroz a vinte e ſinco, e a trinta; e o que eſtava nos armazens, era já muito pouco, e de fóra não podiam vir mantimentos alguns ſenão no fim do verão; e querendo pôr muito cobro naquelles que havia, me mandou chamar, porque tinha vindo com elle na ſua náo bem deſpachado, e me encarregou daquelle armazem com muitas mercês, e ventagens, dizendo-me publicamente que ſó delle, e de mim fiava aquelle negocio pela neceſſidade que de tudo havia; e por fóra em toda a Cidade não havia hum grão de trigo, nem quem comeſſe pão, ſenão algumas peſſoas ricas,

que o puderam guardar; e chegou o negocio a tanto extremo, que me mandou o Viſo-Rey chamar, e na ſua camera muito em ſegredo me pedio empreſtadas dez mãos de trigo pera ſeu comer, e que de noite ſem ſe ver o entregaſſe a huma peſſoa ſua de recado. Deixemos agora iſto neſte eſtado por continuarmos com D. Diogo de Menezes, que deixámos partido de Chalé.

Informado o Viſo-Rey das couſas de Chalé, e aperto em que eſtava, a primeira couſa em que poz a mão foi em mandar mais Armada a D. Diogo pera poder ſoccorrer Chalé mais folgadamente; e aſſim tirou dos rios duas galés, e quatro fuſtas, de que elegeo por Capitão mór Franciſco de Souſa Tavares o Manco, que partio de Goa a 27. de Setembro, elle em huma galé, e Pedro Homem da Silva filho de Vaſco Fernandes Homem na outra; nas fuſtas João Franciſco Peſſoa, Martim de Vaſconcellos, D. Antonio de Caſtro, e Vaſco Fernandes Pimentel; e em ſua companhia mandou hum galeão, de que hia por Capitão Pedralves de Faria com muitos mantimentos, que lhe eu dei dos que havia, muitas munições, e outras couſas neceſſarias. Partida eſta Armada, entrou o Viſo-Rey no apercebimento de outra pera tornar a mandar a D. Diogo, pera que por

fal-

falta de diligencia, e ſoccorro não pereceſ-
ſe aquella fortaleza, a qual conſtava de ou-
tras duas galés, e mais tres fuſtas, em que
mandou embarcar duzentos e quarenta ho-
mens; nas galés D. Fernando Capitão mór
hia em huma, e Martim Affonſo de Mel-
lo o Pombeiro em outra; nas fuſtas Fran-
ciſco da Silva de Menezes, que viera aquel-
le anno do Reino, Pedro Furtado de Men-
doça, e Gaſpar de Sá, cuido que era filho
de Gaſpar Fernandes de Ribafria, Porteiro
da Camera de ElRey D. João; em quanto
eſta Armada ſe faz preſtes, continuaremos
com D. Diogo de Menezes.

Partido D. Diogo de Menezes de Cha-
lé, foi ſeguindo ſeu caminho pera Goa á
mór preſſa que pode, e no caminho encon-
trou Franciſco de Souſa Tavares, que com
ſua Armada hia em buſca delle; e vendo
que não era então neceſſario, porque ha-
via de voltar, o deixou na coſta do Cana-
rá pera recolher as cafilas de mantimentos,
e levallas a Goa, aonde D. Diogo chegou
dahi a dous dias, eſtando já D. Fernando
de Monroy preſtes pera ſe partir em buſ-
ca delle; pelo que o Viſo-Rey o deſpedio
com a Armada que tinha pera o Norte,
porque era neceſſario acudir áquella coſta,
e levar a Goa as cafilas de mantimentos
que lá houveſſe pela neceſſidade que delles
ha-

havia, e D. Diogo se ficou negociando pera tornar a voltar com novo soccorro a Chalé.

CAPITULO II.

Do que succedeo em Chalé, depois de D. Diogo a soccorrer: e de como se entregou a Fortaleza a partido.

SAhido D. Diogo de Menezes de Chalé, bem entendeo o Çamori que havia de voltar com maior poder pera soccorrer aquella Fortaleza; pelo que determinou de a apertar de feição, que ou a tomasse por força, ou se lhe entregasse por vontade, que já tomára isto por opinião, e assim foi continuando com a bateria com maior furia, e importunação por quebrantar os nossos que se defendiam o melhor que ser podia; mas como os mantimentos que lhe mettêram, ou que elles recolhêram, foram os que já disse atrás, que eram pera quinze dias a meia medida de arroz por dia a cada pessoa, porque no recolher houve tanta desordem que se refundio quasi ametade, começáram aos oito, ou dez dias a faltar mantimentos, e foi necessario a D. Jorge despejar a Fortaleza de muita gente inutil que nella havia; e assim lançou fóra mais de quarenta pessoas, que se foram fazer alguns

guns delles Mouros, e os outros matáram os inimigos, e alguns morrêram de enfermidades, e nem com eſte deſpejo deixou de haver grandes neceſſidades; e chegáram os homens a tanto extremo, que antes ſe queriam entregar aos inimigos, que morrerem aſſim naquella deſconſolação: e a mim me diſſe Cuſtodio Mendes de Vaſconcellos, que era hum dos Fidalgos que já diſſe que entráram dentro, que eſtando hum dia em huma bombardeira já quaſi deſeſperado, víra em baixo hum cão, e deitando-lhe de ſima huma pedra grande ſobre elle, o matára, e ſe deitára por huma corda abaixo ajudado de ſeu irmão, e fora recolher o cão a riſco de os Mouros o matarem, do qual ambos comêram dous dias; e chegáram em fim a tal extremo, que compadecendo-ſe delles o Rey de Tanor, que era muito noſſo amigo, e tambem chamava a D. Jorge pai, mandou tratar com elle de ſe entregarem a elle que os tomaria ſobre ſi, e que largaſſe a Fortaleza ao Çamori, e devia de ſer iſto por induſtria, e ordem do meſmo Çamori: alguns dizem que D. Jorge ſe fora de noite ver com grande ſegredo com o Çamori, porque na verdade eram muito amigos. Eſtas práticas, e recados do Rey de Tanor poz o Capitão em conſelho dos Fidalgos, e gen-

te

te principal, não lhe propondo mais que o eſtado em que ſe elles viam, e que conforme a elle, votaſſem livremente o que lhe pareceſſe, de que mandou fazer hum termo pera ſe tomarem os votos por eſcrito, em que ſe elles haviam de aſſignar: em fim debatido o negocio, os mais votáram que ſe deviam entregar ao Rey de Tanor, que era muito amigo dos Portuguezes, o qual ſegurava as peſſoas de todos, porque do mal ſempre ſe havia de eſcolher o menor, e que no mundo não era couſa nova entregarem-ſe differentes Fortalezas a partidos com menos razões das que elles tinham. Verdade ſeja que as mulheres como tão fracas, e mimoſas, e ſoffriam mal a fome, e os riſcos da vida, apertáram eſte negocio rijamente; e D. Jorge, que era muito ſujeito a D. Filippa ſua mulher, trabalhou por lhe fazer a vontade, que eſta ſó culpa teve o pobre velho. Feito o termo, os que foram de parecer que ſe entregaſſem ao Rey de Tanor, aſſignáram nelle; outros, que foram de contraria opinião, não quizeram aſſignar por nenhum caſo: e eu vi huma certidão, que paſſou Vaſco Fernandes Pimentel a Franciſco de Souſa Pereira Camelo, que fez aquella entrada que diſſe em Chalé, em que dizia que não aſſignára na entrega da Fortaleza, antes elle, e os do con-

tra-

trario bando a reclamáram muitas vezes. Concluida a entrega, deo-ſe recado ao Rey de Tanor, que fez com o Çamori que affaſtaſſe ſeu campo; e ſahindo-ſe todos, e o pobre velho D. Jorge com a mulher pela mão derramando grande cópia de lagrimas por ſuas venerandas cans, e o meſmo as mulheres, em todos os mais não faltou ſentimento; mas conſolavam-ſe com verem que pera ſalvarem as vidas lhes fora aſſim neceſſario fazer-ſe eſta entrega, que foi a primeira que ſe fez na India aos quatro dias do mez de Novembro deſte anno de 1571. em que andamos. O Rey de Tanor levou toda eſta gente pera a ſua Cidade, aonde a teve até chegar D. Diogo de Menezes, como logo diremos; e o Çamori tomou logo entrega da Fortaleza com toda a ſua artilheria, e mandou arrazar por terra a Fortaleza, ſem diſſo ſe tomar nunca ſatisfação, antes lhe fizeram pazes livremente, ſem obrigação de tornar a entregar a Fortaleza, ou lugar pera ella no meſmo ſitio; mas houve muitos Capitães de parecer que por credito do Eſtado não convinha tornar-ſe a levantar Fortaleza ſobre as ruinas da noſſa que já alli eſteve; e por eſta razão, quando em tempo do Viſo-Rey D. Duarte de Menezes (como ao diante com o favor de Deos diremos) concedia fazer-

ſe

ſe huma Fortaleza em qualquer de ſeus portos que quizeſſem, pareceo bem fazer-ſe no rio de Penané, como fez, que tambem ſe largou pelos reſpeitos que ao diante diremos.

CAPITULO III.

Da Armada com que D. Diogo de Menezes partio de Goa: e do que fez depois de achar novas que a Fortaleza eſtava entregue.

CHegou D. Diogo a Goa em doze de Outubro, e deo relação ao Viſo-Rey D. Antonio de Noronha do eſtado em que eſtava a Fortaleza de Chalé, e que era neceſſario ſoccorrella, porque lhe não puderam metter mantimento pera mais que trinta e ſinco dias, e que D. Jorge de Caſtro lhe eſcreveo tambem o riſco em que ficava, ao Viſo-Rey, dando-lhe conta que do mantimento que D. Diogo deixára á porta da Fortaleza ſe não recolhêra nem ametade, porque parte leváram os Mouros, e parte ſe refundio ao metter na Fortaleza, pedindo com o maior encarecimento que pode o mandaſſe ſoccorrer, ſenão que correria aquella Fortaleza o riſco que correſſe: com o que logo o Viſo-Rey ſe foi pôr na ribeira das Armadas, e mandou dar muita preſ-

preſſa a todos os navios , e galés que havia pera poderem ir naquella jornada , e aſſim pagou á ſoldadeſca que havia de ir naquelle ſoccorro , e foi em peſſoa correr os armazens dos mantimentos, e munições, andando muito enfermo de tericia que parecia hum homem morto , e com tudo da ſua parte fez tudo o que hum muito são, e bem diſpoſto Viſo-Rey pudera fazer ; e deo a D. Diogo de Menezes toda a preſſa que pode pera que logo ſe partiſſe; e lembra-me, que eſtando o Viſo-Rey no armazem da polvora , me mandou chamar por eu ter o dos mantimentos a meu cargo, e me diſſe, que do trigo que tiveſſe mandaſſe fazer muito biſcouto pera aquella jornada; e eſtando-me encommendando iſto, entrou D. Diogo de Menezes; e o Viſo-Rey ſem ſe levantar ſe deſcompoz, dizendo-lhe que ſe embarcaſſe logo , e que foſſe ſoccorrer a Fortaleza de ElRey ; ao que D. Diogo reſpondeo, que elle eſtava preſtes, pera tanto que lhe deſſem mantimentos. Por mantimentos eſperais? Logo ſe vos darão, lhe tornou o Viſo-Rey, logo ſe vos darão; mas quando os não houver, ide, Senhor, comendo os remos da voſſa galé , e idevos, que deſta maneira ſe ſoccorrem as Fortalezas que eſtam no riſco em que aquella fica. D. Diogo que o vio apaixonado, lhe

re-

reſpondeo que logo ſe hia embarcar; e aſſim ſe foi á ribeira das Armadas a mandar lançar os navios ao mar, e concertar as galés dos damnificamentos que tiveram na entrada de Chalé; e por muita preſſa que ſe deo, não pode ſahir de Goa ſenão aos quatro de Novembro, parecendo-lhe que até chegar a Chalé poderia haver mantimentos pera ſe ſuſtentarem, como pudera haver, ſe tiveſſe nelles ordem, e regimento, que tudo faltou; porque como D. Jorge era de oitenta annos, ſua mulher governava tudo, e ſuas criadas, e negras gaſtavam largo, porque lhes dava de tudo aſſim como lhe importava; e a mim me contáram algumas peſſoas que ſe acháram no cerco, que hum dia antes que ſe entregaſſem, mandára huma eſcrava de D. Filippa huma gallinha em bringe a hum ſoldado com quem andava; e onde havia eſta gallinha, e eſte arroz, havia de haver mais, porque ninguem dá o de que preciſamente neceſſita pera viver, e não podia eſgotar por alli tudo: em fim em todas as partes houve deſcuidos pera eſta Fortaleza ſe vir a perder, e o de todos pagou ſó o pobre velho D. Jorge, como ao diante veremos.

Sahio D. Diogo de Menezes de Goa, como hia dizendo, em quatro de Novembro com quatro galés, de que a fóra elle

eram

eram Capitães, Mathias de Albuquerque, D. Antonio de Menezes o Cantanhede, e Diogo de Azambuja. Levou mais trinta fuſtas, cujos Capitães foram os ſeguintes: D. Lourenço de Almeida, D. João de Souſa, D. Antonio de Souſa, D. Luiz de Menezes, D. Manoel Pereira, filho de D. Antonio Pereira, D. Antonio de Caſtro, D. Diogo de Caſtro, D. Pedro Coutinho, Gaſpar de Brito, Franciſco de Miranda o Velho, Manoel de Miranda, Vaſco Fernandes Pimentel, Pedro de Anhaya, Fernão de Albuquerque, Pedro Gomes da Silva, Ruy Pereira, Franciſco Peſſoa, Manoel Fernandes de Manás, Henrique Barboſa da Silva, Lopo Pereira, Antonio Fernandes de Chalé, Pedro Rodrigues Malavar, Franciſco Foz Malavar, Martim de Vaſconcellos, Mattheus Delgado Feitor da Armada, e Chriſtovão do Amaral Capitão de huma barcaça. Com toda eſta Armada, em que iriam couſa de mil e quinhentos ſoldados, ſe fez á véla com muita preſſa, ſem ſe deter em parte alguma; e chegando a Cananor, ſoube como a Fortaleza de Chalé ſe entregára a partido no meſmo dia que elle ſahio de Goa, o que ſentio em extremo; e apreſſando-ſe, chegou a Tanor, onde ſurgio, e mandou grandes agradecimentos áquelle Rey do favor, e amizade que uſá-

uſára com os noſſos Portuguezes, e no recolhimento que lhes fizera; e mandou recado a D. Jorge, e a todos que ſe embarcaſſem na Armada pera os levar a Cóchim, o que elles logo fizeram, mandando a Mathias de Albuquerque que recolheſſe na ſua galé a D. Jorge, e a ſua mulher D. Filippa, e a gente de ſua caſa, e os Religioſos de S. Domingos que lá reſidiam, que recolhêram comſigo os ornamentos, e couſas ſagradas, e recolheo perto de duzentas peſſoas, e os Fidalgos, e mais gente ſe repartíram pela Armada; e ao ſegundo dia em que partíram chegáram a Cóchim, donde deſpedio Duarte de Albuquerque por Capitão mór do Cabo Çamori com a ſua galé, e nove navios pera recolher as cafilas dos mantimentos daquellas partes, e as levar a Goa, e o Capitão mór ficou correndo a coſta do Malavar, e ao diante daremos razão do que a hum, e outro ſuccedeo.

Partido D. Diogo de Menezes pera o Malavar, logo o Viſo-Rey deſpedio D. Fernando de Monroy com a ſua Armada, que já eſtava provído de tudo, pera que foſſe pela coſta do Norte recolher a cafila dos mantimentos, e mandou que o Feitor de Baçaim lhe compraſſe todo o arroz que achaſſe pera os armazens de Goa, e o dito

to D. Fernando partio de Goa em dezeſeis de Outubro deſte anno de ſetenta e hum, com o qual tambem depois continuaremos.

Partido D. Fernando de Monroy de Goa, logo o Viſo-Rey fez partir a Nuno Alvares Carneiro, que acabou de ſer Secretario, a Ormuz em huma náo por Veador da fazenda pera mandar de lá todo o trigo que pudeſſe, porque o Reino de Cambaya, donde coſtumava vir, andava revolto em guerras, das quaes logo darei razão; e juntamente deſpedio Franciſco de Souſa Tavares pera a meſma coſta do Canará, donde tinha vindo, e levou duas galés, huma em que elle hia, e na outra Chriſtovão Zuzarte, e duas fuſtas, em que foram João Barriga Simões, e Pedro Zuzarte, na qual coſta andou até Abril, em que recolheo duas cafilas de mantimentos, com que a Cidade de Goa começou a levantar cabeça: neſta companhia foi Ruy Gonſalves da Camera entrar na Capitanía de Barcelor, de que eſtava provído.

Partidas eſtas Armadas, tratou o Viſo-Rey o negocio das pazes, ſobre que os Vereadores lhe fizeram lembrança pela grande falta que havia de tudo, e porque tambem apertavam por ellas os Procuradores do Idalxá, que eſtavam da outra banda; e fazendo o Viſo-Rey ſobre eſte particular al-

gu-

gumas juntas de Fidalgos, e Capitães, assentáram todos que era justo concederem-se-lhes as pazes com condições honrosas ao Estado, com a qual resolução se mandou recado a Mojatecão Governador geral dos Reinos do Idalxá, pera que mandasse Procuradores com Procurações bastantes, que lhe deixou ElRey, e os poderes que lhe ficáram pera poder assentar as pazes com o Estado, o qual logo mandou tudo por Melique Xamir, e Xamerado, que foram em Goa bem recebidos, e agazalhados; e fazendo o Viso-Rey conselho geral, foram nelle estes homens ouvidos, e mostráram as Procurações que traziam do Noradecão, e os poderes que o Idalxá lhe deixou, os quaes houveram por authenticos: pelo que assentáram que os Procuradores do Idalxá fizessem apontamentos do que pediam, e que o Capitão da Cidade, Védores da fazenda, e outros adjuntos fizessem outros por parte do Estado; e apresentados huns, e outros em conselho, e praticados os pontos delles muito devagar, se concluiriam as pazes com estas condições, o que tudo succedeo em treze de Dezembro de 1571.

CA-

CAPITULO IV.

Do que promettêram os Procuradores do Idalxá.

» PRimeiramente que as terras de Sal-
» ſete, e Bardés, que eram de ElRey
» de Portugal, de que o Eſtado da India
» eſtava de poſſe, ficariam ao Eſtado; aſ-
» ſim, e da maneira que as poſſuia até vir
» recado de Portugal do que niſſo ſe faria;
» e quando não vieſſe reſpoſta, ſería obri-
» gado o Idalxá a mandar ao Reino ſeu Em-
» baixador, a quem o Viſo-Rey daria pera
» iſſo livre paſſagem.

» Que aſſim aos mercadores da ribeira,
» como aos mais Contratadores da Cidade
» de Goa, que foſſem ás terras do Idalxá
» comprar madeira, taboado, carnes, man-
» timentos, e outras quaeſquer couſas, lhes
» não levariam mais direitos dos que eſta-
» vam em coſtume antigo, e lhes não fa-
» riam nenhuns deſaguizados, e que ſe paſ-
» ſariam pera iſſo Chapas do Idalxá pera
» os Tanadares, e Capitães de ſuas terras.

» Que todos os Portuguezes, que de Goa
» foſſem fugidos, ou de outra qualquer ma-
» neira, pera as terras do Idalxá, que nem
» elles, nem ſeus Capitães os recolheriam,
» nem lhes dariam lugar, nem muxára, an-

» tes os lançariam fóra, pera que se tornassem
» sem pera nossas Fortalezas.

» Que vindo quaesquer Armadas de inimigos
» migos sobre nós, assim por mar, como por
» terra, que o dito Idalxá, e seus Capitães
» as não recolheriam, nem lhes dariam lugar,
» gar, nem muxára, e os lançariam de suas
» terras, como a seus proprios inimigos,
» e nessa conta os teriam, e os perseguiriam
» riam até se sahirem de seus portos.

» Que os marinheiros, que fossem necessarios
» sarios pera as Armadas de ElRey nosso
» Senhor, e pera os navios, e náos dos Portuguezes,
» tuguezes, não lhes seriam tolhidos, e os
» não impediriam a passar pera as nossas
» terras das do Idalxá, como sempre fizeram.
» ram.

» Que havendo algumas brigas, ou contendas
» tendas entre alguns Lascarins Mouros, e
» os Portuguezes, ou estes com os seus Lascarins,
» carins, que nem por isso sería quebrada
» esta amizade, e contrato, e que os aggressores
» gressores seriam castigados de huma, e
» outra parte.

» Que todos os escravos, e escravas dos
» moradores de Goa que fugissem, e fossem
» ter ás mãos do Capitão de Pondá, e seus
» Tanadares, seriam obrigados a tornallos
» a seus donos, salvo fazendo-se Mouros,
» porque em tal caso seriam vendidos, e o

» di-

» dinheiro delles ſe daria a ſeus donos ; e
» porém por quanto os Cafres , e nobres
» eram eſcravos de preço , e em Pondá não
» haveria quem os compraſſe , como elles va-
» lem , que ao menos ſe daria por cada hum
» vinte pardaos de ouro , tornando-ſe Mou-
» ros , e iſto ſe faria de ambas as partes ;
» e da noſſa os que ſe tornaſſem Chriſtãos ;
» ſe faria o meſmo que aos noſſos » e ou-
tras couſas, que não são de tanta ſubſtan-
cia , e deixo por não enfadar.

CAPITULO V.

Do que o Viſo-Rey prometteo.

» QUe teriam Feitor em Dabul , que não
» aggravaſſe os mercadores , o qual da-
» ria cartazes pera os mercadores na-
» vegarem livremente até Ormuz por toda
» a coſta ; e que arrecadaria os direitos das
» náos que entraſſem naquelle porto , con-
» forme os cartazes.

» Que os Viſo-Reys lhe dariam cada an-
» no ſeis cartazes forros pera onde o Idal-
» xá quizeſſe , os quaes ſe lhe dariam , man-
» dando-os elle Idalxá pedir por ſuas car-
» tas ; e indo as embarcações com os taes
» cartazes a outros portos por caſo fortui-
» to , ou por outra qualquer via , não pa-

» gariam direitos alguns; e que não eſtan-
» do o Viſo-Rey em Goa, o Capitão que
» foſſe da Cidade poderia dar os taes car-
» tazes.

» Que o Idalxá poderia mandar tirar
» deſta Cidade cada anno fazendas, que va-
» leſſem ſeis mil pardaos de ouro, forros
» de direitos.

» Que o Idalxá poderia mandar levar
» cada anno da Cidade de Goa vinte e ſin-
» co cavallos forros de direitos.

» Que huma das ſeis náos de cartazes
» poderia ir cada anno a Dabul de Ormuz
» com cavallos, e pagaria os direitos del-
» les, deſcontando os vinte e ſinco que tem
» livres.

» Que poderia mandar aquelle anno ſó-
» mente ſeſſenta candís de gengivre pera a
» contra coſta, e que pelo tempo adiante
» lhe dariam os Viſo-Reys a quantidade que
» quizeſſem.

» Que as náos que navegarem ſem car-
» tazes, e ſe acolherem aos portos do Idal-
» xá, e ahi forem tomadas, ainda que ſe-
» ja pelos vaſſallos do Idalxá, e ainda que
» as náos ſejam de ſeus vaſſallos, viſto ſe-
» rem de preza, ſe faria partilha dellas,
» ametade pera o Idalxá, e ametade pera
» o Eſtado, o que ſe cumpriria aſſim de
» huma parte, como de outra.

» Que

» Que os Rendeiros que devessem di-
» nheiro ao Idalxá, ou Estado, acolhendo-
» se pera qualquer destas duas partes, se-
» riam logo entregues; » com outros Capitu-
los de menos substancia.

As quaes pazes foram logo juradas, assim pelo Viso-Rey, como pelos Procuradores do Idalxá, e apregoadas assim em Goa, como no Balagate com as solemnidades costumadas, e assim começáram a correr as fazendas, e mantimentos pera Goa como de antes.

CAPITULO VI.

Do que este verão aconteceo a D. Diogo de Menezes em Malaca.

DEpois que D. Diogo de Menezes deixou a gente da fortaleza de Chalé em Cóchim, sendo avisado que pera o Cabo Çamori eram passados muitos parós, despedio pera aquella parte Mathias de Albuquerque com a sua galé, e nove navios pera ir ajuntar os navios que vem de todas aquellas partes demandar aquelle Cabo, pera lhes ir dando guarda até Goa; e o Capitão mór juntou algumas náos, e navios de mercadores que haviam de ir pera Goa, com os quaes partio elle tambem pelos se-

gu-

gurar dos ladrões de que aquella costa andava cheia, e com elles chegou a Goa em Dezembro deste anno de setenta e hum, e logo na entrada do seguinte de setenta e dous tornou a partir pera o Malavar, e andou por aquella costa em busca dos cossairos, e nella tomou algumas embarcações carregadas delles, e outros lhe escapáram por ligeiros, e assim poz muita diligencia em tapar os portos, donde lhe haviam de ir os mantimentos, e lhes tomou algumas embarcações carregadas delles, com que os poz em grandes necessidades; e sendo tempo de Mathias de Albuquerque se recolher, porque trazia huma grande cafila de náos, e navios, se foi em busca delle, e em Panané o encontrou com huma grande frota de navios, em cuja companhia tambem foi pela segurar de ladrões, e de caminho tomou a barra de Tanor, aonde se vio na praia de Coulete com aquelle Rey, e com elle tratou algumas cousas de segredo, que eu não sei, nem achei em lembrança alguma. Feita esta diligencia, tornou D. Diogo á sua jornada em companhia da cafila com quem foi até Mangalór, e alli despedio a Mathias de Albuquerque com ordem, pera que da barra de Goa voltasse em sua busca, porque importava assim, o qual foi seguindo sua jornada, e chegou a Goa a trinta

ta de Março ; e deixando a cafila na barra, tornou em bufca do Capitão mór, o qual achou antes de chegar a Barcelor; e ajuntando-fe a elle, foram furgir na barra de Sanguifer, onde D. Diogo levava por regimento entraffe, e desfizeffe huma fortaleza, que hum Rey vaffallo do Idalxá que andava levantado fizera, e a deftruiffe de todo, e logo fe fez preftes pera iffo, dando a dianteira a Antonio Fernandes Chalé, e os Capitães das galés fe paffáram a navios ligeiros, como tambem fez o Capitão mór; e entrando o rio, defembarcou Antonio Fernandes com toda a gente, e foi commetter a Fortaleza com muita determinação, à qual os noffos entráram, e efcaláram, matando muitos dos que eftavam nella, porque os mais fe foram vafando por huma porta que tinham pera o Sertão, e nefta entrada deram a Antonio Fernandes de Chalé huma fréchada pelas guelas, de que cahio morto ao pé da Fortaleza, morte que fe fentio geralmente de todos por fer hum dos valentes, e prudentes Capitães efte Malavar de feu tempo, debaixo de cuja bandeira todos aquelles Capitães militáram os annos que fervíram no Malavar; e fobre todos o fentio D. Diogo, porque por feu confelho fez por muitas vezes guerra naquella cofta: tinha-o ElRey D. Sebaftião

por

por ſeu esforço , e conſelho feito , cuido que Fidalgo , e lhe mandou o habito de Chriſto com boa tença ; e era tão reſpeitado dos Viſo-Reys , e de todos , como hum dos mais honrados Fidalgos da India. D. Diogo mandou recolher ſeu corpo , e mettello em hum caixão breado , mui calafetado por cauſa do mão cheiro , e o mandou embarcar no navio , em que elle andava , que foi entregue aos ſeus Laſcarins , que o prantearam bem. D. Diogo mandou a Mathias de Albuquerque foſſe pelo rio dentro até onde as fuſtas pudeſſem chegar , e deſtruiſſe tudo o que achaſſe em vingança da ſua morte ; o que elle fez mais de ſinco leguas por elle dentro , e fez nas terras , e aldeas do Naique grandes deſtruições , deixando tudo o que havia entregue ao ferro , e ao fogo , e com eſte grande caſtigo ſe tornou pera o Capitão mór , e logo ſe partio pera Goa , aonde chegou em ſeis de Abril dia de Paſcoa , e ao outro dia foi deſembarcado o corpo de Antonio Fernandes ; e eſtando o Viſo-Rey com todos os Fidalgos , e povo preſentes , e os Capitães , e com todas as Religiões , Cabido , e Clero pera o acompanharem , foi levado em huma rica tumba aos hombros dos mais honrados Fidalgos do habito de noſſo Senhor Jeſu Chriſto , de cuja Ordem elle era ;

e

e com esta pompa funeral, que he a maior que se fez a homem particular, foi levado a S. Francisco, onde lhe fizeram solemnes Officios, que tudo se lhe devia por ser hum dos grandes servidores daquelle toque, que ElRey teve na India, cuja morte o Çamori festejou muito, porque o temia sobre todos os Capitães, que foram áquella costa; e com isto se cerrou o inverno.

CAPITULO VII.

Do presente que o Viso-Rey D. Antonio de Noronha mandou ao Idalxá.

DEpois que os Procuradores do Idalxá se foram pera a Corte daquelle Rey com as pazes feitas, despedio elle logo hum Embaixador a visitar o Viso-Rey, e dar-lhe os parabens de sua chegada, e successão, o qual foi recebido com muita honra, e apparato; e porque já era fim do verão, o despedio logo muito bem despachado, e apôs elle outro Embaixador seu a lhe pagar a visita, pera o que elegeo hum Veador seu por nome Antonio do Rego, homem velho, authorizado, e intelligente, e ordenou por elle mandar hum presente de cavallos, e outras curiosidades, que mandou negociar com muita pressa, e lhe mandou tudo o seguinte.

De-

Dezeſete cavallos Arabios mui fermoſos, que cuſtáram a quinhentos, e a ſeiscentos pardaos, com tres celizes cada hum de damaſco, damaſquilhos de comequis de cores pera o caminho. Huma ſella eſtardiote de veludo negro franjada de ouro em preto com arções de aço de Milão de tauxia dourada, lavrados de figuras de relevo com ſua brida e eſtribos, e cabreſto do meſmo toque. Outra eſtardiota de veludo carmezim franjado de ouro, com ſeus prégos, medalhas, bridas, cabreſto, tudo dourado do meſmo toque. Outra ſella de veludo verde com todas as ſuas peças, medalhas, eſtribos, brida, copes, e cabreſto, com ſeus ferós, tudo muito bem dourado, e ricamente guarnecido.

Huma peça de veludo carmezim, outra de veludo roxo, outra de ſetim carmezim, outra de ſetim encarnado, todas de oitenta covados cada huma, duas peças de eſcarlatas finas, tres barças de louça da China ſorteadas, hum bacio de agua ás mãos de baſtiães pelo meio da bordadura, e pela borda de fóra de lavor retalhado com a hiſtoria de Judith no meio, tudo dourado, hum gomil de boca larga do meſmo toque, hum ſaleiro da meſma obra com hum S. Jorge em ſima.

Com todo eſte preſente chegou o Embai-

baixador á Corte do Idalxá, onde foi muito bem recebido. ElRey lhe deo audiencia, e recebeo a carta, e presente diante de seus Capitáes, e mandou correr com o nosso Embaixador muito bem, e confirmou, e jurou de novo as pazes, e com muita satisfação o despedio o verão seguinte.

Neste mesmo tempo já no fim de Abril despedio o Viso-Rey huma Armada de soccorro a Maluco pelas cartas que achou de Gonsalo Pereira Marramaque, em que lhe dava conta das cousas daquellas Ilhas, e da Armada Castelhana, que ficava em Cebú, e dos trabalhos em que ficava com os tyrannos da Ilha de Amboino, e da muita gente que tinha perdido, pedindo-lhe o soccorresse; pelo que o Viso-Rey negociou Armada pera lhe mandar, e despachou Fernão Ortiz de Tavora, que era provído daquellas viagens, com hum galeão carregado de muitos provimentos, munições, dinheiro em basarucos, que lá se despendem bem, e fardos de jubões, calções, colchas, chapeos, e barretes pera os soldados, que tanta conta se tinha naquelle tempo com elles; porque soldados famintos, e despidos não servem pera a guerra, nem pera a paz: em sua companhia mandou hum galeão, de que foi por Capitão Pedro Lopes Rebello, e duas galeotas grandes, Capi-

pi-

pitães Diogo Colaço, e Luiz Machado, os quaes por acharem os tempos contrarios, tornáram a arribar espalhados pera diversas partes, ficando este anno aquellas Ilhas sem soccorro algum, o que causou em todos grande desesperação; e com isto se cerrou o inverno, no qual nos cabe darmos relação das cousas, que acontecêram a Gonsalo Pereira Marramaque, depois que o deixámos (com as cousas mais necessarias) até agora.

Ficáram as cousas daquellas Ilhas naquelle grande assalto que o Rey de Ternate deo á nossa Fortaleza, em que fez aquelle estrago, e ganhou a povoação, e entráram o baluarte aquelles dous esforçados cavalleiros Luiz Damó, e Belchior Vieira fizeram aquellas façanhas que contei, ficando assim as cousas naquelle miseravel estado, e a Fortaleza de Ternate arriscada a se perder; succedeo huma obra maravilhosa, e não esperada em tal tempo, que foi chegar ElRey de Tidore pela banda do mar á nossa Fortaleza em duas corocoras; e sem o moverem as bombardas, que os nossos lhe tiráram, foi com muita segurança pôr a proa em huma praia no lugar em que estava huma Ermida de nossa Senhora, que sempre acode ás grandes necessidades, e mandou desembarcar hum tio seu só, o

qual

qual foi levado muito honradamente ao Capitão, porque foi conhecido, e delle muito bem recebido; e depois de eſtarem ſentados, lhe diſſe, que ElRey ſeu ſobrinho lhe mandava dizer, que era muito ſeu amigo; e que poſto que fora em companhia de El-Rey de Ternate na entrada de ſua povoação, que lhe jurava por ſua Lei, que nada levára das couſas, que ſe tomáram daquelle aſſalto, mais que aquelle retabolo de noſſa Senhora, que lhe mandava de preſente; e que lhe fazia a ſaber que elle perdêra naquella guerra mais que todos, porque lhe matáram ſeu tio Regedor de Benavé; e deſenrolando huns pannos, tirou o retabolo de noſſa Senhora, e D. Alvaro de Ataíde ſe levantou, e poſto de joelhos o tomou, e adorou, como fizeram todos os Portuguezes, que alli eſtavam; e logo deſpedio huma peſſoa de recado a ElRey com os agradecimentos daquella mercê que lhe fizera, e que pera ſer perfeita havia de haver por bem que ſeu tio ficaſſe naquella Fortaleza, porque tinha muitas couſas que tratar com elle devagar, e que lhe fizeſſe mercê de o mandar prover de mantimentos por ſeu dinheiro, e por moſtrar niſſo a amizade que com elle tinha, e com eſte recado lhe mandou de preſente algumas peças curioſas; porque eſtes Reys todos eſ-

tam

tam com os ouvidos no recado, e com os olhos nas mãos a ver se lhes levam alguma cousa. Dado o recado, ElRey mostrou folgar muito com os agradecimentos; e vendo que o tio ficava na Fortaleza, entendendo que ainda a que o não consentisse, lho não dariam, mandou responder ao Capitão, que era muito contente do que lhe mandava pedir, e que elle a mandaria prover muito bem; e com isto se tornou, e dalli por diante começáram de ir os Tidores á Fortaleza com os mantimentos, o que faziam de noite, porque os Ternates os não vissem. O Capitão agazalhou muito bem o tio de ElRey, e de sua casa o mandou prover abastadamente, porque bem sabiam os poucos mantimentos que na Fortaleza havia, e assim esteve quarenta e sinco dias na Fortaleza, e no cabo delles pedio licença pera se ir, a qual o Capitão lhe deo, e o acompanhou até á praia, tendo com elle grandes cumprimentos.

Tanto que Gonsalo Pereira teve recado do trabalho, em que os da Fortaleza estavam, logo se embarcou pera os soccorrer, não levando mais que a sua escusa galé com dezoito peças de artilheria, cameletes, falcões, e berços, e quarenta soldados com mais huma fusta, de que hia por Capitão João Rodrigues de Béja com vinte

te ſoldados, e duas corocoras, com doze ſoldados cada huma, e dezeſeis champanas cheias de mantimentos, e deixou na Fortaleza de Amboino D. Duarte de Menezes, e com elle Sancho de Vaſconcellos por Capitão do mar. Deſtas preparações do Capitão mór foi logo ElRey de Ternate aviſado, pelo que determinou de ver ſe podia impedir aquella jornada, porque determinava de apertar tanto com aquella Fortaleza até que a tomaſſe; o que não poderia fazer, ſe Gonſalo Pereira lá paſſaſſe; e pera que eſte ſeu penſamento vieſſe a effeito, deſpedio a Reboangé com huma boa Armada pera ir contra Amboino, a fim de entreter por lá o Capitão mór, e quando elle foſſe já partido, dar na Fortaleza, e tomalla; e poſto que o Reboangé ſe apreſſou, já quando chegou havia poucos dias que o Capitão mór era partido, e foi pôr cerco ao lugar de Ulate nas Ilhas de Iliaſer, cujos moradores eram grandes amigos dos noſſos, do que D. Duarte foi aviſado, e deſejou bem de lhes acudir, mas não pode por lhe faltarem navios, e com tudo negociou huma fuſta já velha; e de huma champana, que foi dos Jáos, ordenou outra, e armou duas corocoras, em que deſpedio Sancho de Vaſconcellos em ſoccorro dos cercados; e quando lá chegou, qua-

ren-

renta dias havia que eſtavam de cerco ; e vendo os Ulates o ſoccorro, cobráram tão grande animo, que ſe ſahíram do lugar ſitiado, e commettêram as eſtancias dos inimigos, e com morte de muitos lhas ganháram, e os fizeram fugir, e Reboangé ſe embarcou na ſua Armada, e paſſou por muito perto de Sancho de Vaſconcellos; porém não ſe atreveo ao commetter. O Sancho de Vaſconcellos tanto que chegou ao lugar de Ulate, deſembarcou com ſua gente, e foi recebido de todos os moradores com grandes feſtas, e muitos ceſtos cheios de cabeças dos inimigos, que degolláram naquelle aſſalto que lhes deram ; e depois que alli deſcançou, ſe tornáram pera a Fortaleza, ficando os Ulates em grande obrigação aos noſſos pelo ſoccorro que lhes deram; e indo com ſua Armada tanto á vante, como o lugar de Ruanivé, lhe deram novas como D. Duarte de Menezes era falecido de humas febres agudas que lhe deram, ainda que alguns preſumíram que fora peçonha. O Sancho chegando á Fortaleza tomou poſſe della pelo deixar D. Duarte nomeado por Capitão.

Os Itos tanto que víram ido o Capitão mór, e D. Duarte morto, víram que lhes ficava boa conjunção pera ſe levantarem, e vingarem das vitorias que os noſſos tinham

nham havido contra elles, pera o que se carteáram com os principaes lugares da Ilha de Ito; persuadindo-os a se virem ajuntar com elles contra os nossos, affirmando-lhes que Reboangé, Capitão mór da Armada de Ternate, se fora refazer ás Ilhas de Burro, e Xuló pera tornar contra a nossa Fortaleza; ao que os moradores lhes respondêram, que se o Reboangé tornasse com o poder que diziam, que elles estavam prestes pera se juntarem a elles; ao que os Itos lhes tornáram a mandar dizer, que estivessem prestes pera a facção, que se juntariam a elles, porque Reboangé trazia maior poder do que lhes mandavam dizer, e tudo isto eram ardís de Reboangé, que estava refazendo-se na Ilha de Burro. Sancho de Vasconcellos estava innocente desta conjuração, e por isso descuidado do que lhe sobreveio, tinha lançado fóra huma Armada de sinco corocoras, em que elle quiz ir correr as Ilhas, e deixou em seu lugar Ayres Pinto da Fonseca: levava Sancho comsigo hum soldado chamado Simão de Abreu, de alcunha o Papa Ferro, a qual alcunha lhe puzeram, porque em sete desafios que teve tomou sete espadas a seus contrarios, e elle hia por Capitão de huma corocora, e na outra hum Alexandre de Matos da obrigação de D. Duarte, e nas

outras duas corcoras hiam dous filhos de Amboino mestiços. Com esta Armada passou Sancho de Vasconcellos á costa de Banaor a buscar mantimentos, e neste caminho fez muitas prezas. Os Itos tanto que souberam que o Sancho era fóra da Fortaleza, logo avisáram a Reboangé, e deram recado aos conjurados, pera que estivessem prestes, que logo seriam com elles, como fez em trinta corocoras. Juntos todos, foram buscar o Sancho á Ilha de Varenúla, de que elle teve aviso, pelo que logo se embarcou em huma corocora pequena, e muito ligeira, em que com grande pressa se foi pera a Fortaleza, por lhe não succeder algum desastre, deixando a Armada entregue ao Papa Ferro; e chegando a ella, foi avisado que o Reboangé era passado áquella costa de Termelor, onde tinha deixado o Papa Ferro com a Armada; pelo que o mandou avisar por huma embarcação muito ligeira, e dizer-lhe que logo se fosse pera a Fortaleza, e que fosse pela costa da Ilha de Rosalaor, cujos moradores eram nossos amigos; e achando novas que o Reboangé o hia buscar, se fizesse forte nos juncos dos Jáos, que tinham tomado de preza; e querendo o Papa Ferro fazer o que Sancho de Vasconcellos lhe mandava, embarcando-se na Armada, se

foi

foi affaſtando, e hum Padre da Companhia Italiano chamado Lomedo lhe diſſe com bom zelo, que não era bem deixar na praia de Calelobate quatro Portuguezes, que alli eſtavam por ſer tão perto; ao que o Papa Ferro voltou pera lá as proas, e chegando áquelle lugar, o achou queimado da gente do Reboangé, que nelle deſembarcou, e os noſſos Portuguezes ſe acolhêram ao mato, o que logo pareceo podia ſer: deſembarcando alguns, foram gritando, ao que elles acudíram, e ſe embarcáram na Armada, e deram por novas, que o Reboangé eſtava na enſeada, que era na meſma coſta, pelo que todos foram de parecer que ſe deixaſſem ficar aquelle dia, e que á noite atraveſſaſſem a Roſalaor, ou à Chiamão. Alguns dizem que o Papa Ferro perguntára aos quatro Portuguezes o que faria, ao que elles reſpondêram que elle era Capitão mór, que faria o que lhe bem pareceſſe, que elles o ſeguiriam; e dandolhe a deſconfiança diſto, diſſe que elle não era D. Jorge de Menezes o Baroche, nem D. Duarte de Menezes pera ter tamanha confiança, que ſe puzeſſe em fugida, ſem ver de que: que depois que viſſe o inimigo, faria o que o tempo lhe enſinaſſe, e mandou remar pela coſta adiante quaſi ás oito horas do dia; e como o Reboangé eſta-

tava dalli perto, defcubrio logo os noffos navios, e lhe fahio muito apreffado com toda fua Armada. Simão de Abreu largou os juncos dos Jáos que levava, e juntou a fi as fuas corocoras, que eram ligeiras, com tenção de romper por meio dos inimigos, que vinham em huma meia lua, e paffar á outra banda. A corocora, em que hiam os quatro meftiços, não podia acompanhar as mais por levar ruim efquipação; e vendo-a os inimigos ficar atrás, atiráram-lhe algumas bombardadas; e pondo-fe todos a huma banda, fe virou a corocora, e elles fe lançáram a nado, as outras lhe acudíram, e os falváram, e todos os mais. Naquella detença chegáram os inimigos á noffa Armada, com a qual traváram; entre elles fe começou huma afpera batalha, e no furor della, em que o Padre Lomedo andava animando os noffos, lhe deram com hum tiro de arremeço, de que cahio morto. O Papa Ferro, e os mais foram pelejando, e rompendo pela Armada inimiga, e de paffagem axorou o Papa Ferro huma embarcação dos inimigos; e virando a ella pera a tomar, parecendo-lhe que os mais o feguiffem, os vio ir acolhendo voga arrancada. Vendo-o o Reboangé ficar fó, virou a elle com outras corocoras, e logo o abordáram, e depois de huma grande bata-

ta-

talha, em que o Papa Ferro fez maravilhas, foi entrado, e morto com os vinte e ſinco companheiros que levava. Antonio Lopes de Rezende, Capitão da outra corocora, que tinha honra, e valor, vendo o Papa Ferro abordado, virou a elle, e o foi ſoccorrer no maior impeto do conflicto, mas já achou tudo concluido, e na proa da ſua corocora o Pate de Atua, que eſtava com ſua eſpada, e Solabaco pelejando valeroſamente, ao qual elle bradou que ſe lançaſſe a nado, que elle o tomaria; ao que elle lhe reſpondeo, que pois o ſeu Capitão era morto, que não queria elle eſcapar. Neſta detença foi o Antonio Lopes cercado dos inimigos, com os quaes pelejou denodadamente até tomar hum berço ao hombro; e vendo ir o Reboangé pera elle, diſſe a hum ſoldado, que quando lhe fizeſſe ſinal, lhe puzeſſe fogo, como fez; e diſparando o berço, foi tal ſua ventura, que tomou o Reboangé por hum joelho, e deo com elle dentro na corocora; e cuidando os ſeus que era morto, acudio a elle toda a ſua Armada, com o que Antonio Lopes teve tempo de ſe recolher, levando quatro companheiros feridos, que morrêram: e ſe as outras corocoras não fugíram, certo eſtava alcançarem os noſſos a vitoria.

O Pate de Atua não ſe quiz ſalvar, como

mo digo, e deixou-ſe eſtar na embarcação do Papa Ferro com quem hia; e chegando-ſe a ella huma corocora pera ver ſe havia que roubar, achou o Pate, de que logo lançou mão ſem o conhecerem, nem elle ſe quiz nomear; mas diſſe-lhe que o levaſſem á Ilha de Boano, que daria por ſi bom reſgate, pelo que os Boanos o eſcondêram, e agazalhâram bem. O Reboangé recolheo-ſe aſſim ferido a Varenula, e logo ſoube ſer vivo o Pate de Atua; e como era grande ſeu inimigo, mandou lançar bando com grandes penas, que quem o tiveſſe lho levaſſe; e que quem lho deſcubriſſe, lhe daria muito dinheiro; o que ſabido dos Boanos, o levâram, porque logo foi conhecido; e poſto diante do Reboangé muito inteiro, elle lhe diſſe que de duas couſas havia de fazer huma, ou arrenegar da Lei dos Chriſtãos pelo elle ſer, ou que havia de varar por ſima delle a ſua corocora; ao que o conſtante Cavalleiro de Chriſto reſpondeo, que elle era Chriſtão, e que na Fé que profeſſára, havia de morrer: e que não dizia elle varar a ſua corocora por ſima delle, mas que todas quantas trazia a ſua Armada. Vendo o tyranno aquelle deſengano, e conſtancia, mandou-o atraveſſar no varadouro dos navios, e por ſima delle ſe varou a ſua corocora, que era tama-

ma-

manha como huma galé, tendo elle sempre os olhos no Ceo, e chamando pelo nome de Jesus, e assim foi despedaçado: novo modo de martyrio, e grande occasião de darmos todos grandes graças a Deos nosso Senhor por vermos hum barbaro creado entre os rusticos, e espessos matos de Amboino tão constante, e inteiro na Fé de nosso Senhor Jesu Christo; o qual por certo temos lhe daria o galardão, e coroa do martyrio, que tão valerosamente soube merecer.

CAPITULO VIII.

Da grande vitoria, que Gonsalo Pereira alcançou de ElRey de Maluco.

PArtido o Capitão mór de Amboino, como dissemos, sendo tanto ávante como as Ilhas de Bacao por Negoriche, que são dezoito leguas de Ternate, lhe sahio este Rey, e o de Tidore com os Sangages daquellas Ilhas com sincoenta corocoras tamanhas como galés reaes; porque o Rey de Ternate tanto que soube que o Rey era partido de Amboino, logo ajuntou aquelles Senhores, e aquella Armada pera o ir esperar ao caminho. Gonsalo Pereira tanto que vio tão grossa Frota, ajuntou os seus navios, a sua galeota, e tomou no meio

as

as embarcações dos mantimentos, e se preparou pera aquelle conflicto, em que lhe era necessario mostrar todo o valor, porque bem vio que o negocio era muito arriscado; mas não perdendo ponto em seu animo, posto em sima do toldo, animou os seus soldados com a brevidade a que o tempo deo lugar, e esperou os inimigos mui confiado em Deos nosso Senhor, a quem se encommendou muito do coração. ElRey de Tidore endireitou com a galeota do Capitão mór, pera que o de Ternate com mais gosto lhe désse a irmã em casamento, como lhe tinha promettido, e lhe poz a prôa pela rabada; e vindo já pera o investir, quiz Deos que hum soldado chamado João Machado, que trazia á sua conta hum falcão, lhe désse fogo em hora tão ditosa; que tomou a galeota de poppa á prôa; e como levava carga de huma boa roca de seixos, a axorou logo, despeçando a maior parte da gente, e o Rey de Tidore cahio tão mal ferido, que cuidáram todos que era morto; e juntando-se as suas corocoras, deram toa á de ElRey, e se affastáram; e o Rey de Ternate vendo aquelle destroço, foi-se á galeota do Tidore a saber se era morto. João Rodrigues de Béja vendo os inimigos affastados, foi-se á galeota do Capitão mór a ver se havia lá algum perigo;
e

e vendo-o são, e muito gentil homem, e alegre, ſe poz ſobre o banco de alvorar armado de armas brancas com a eſpada na mão, capeando aos inimigos que chegaſſem. Succedeo naquelle tempo andarem algumas corocoras ligeiras pequenas atirando muitas bombardadas aos noſſos, que eſtavam ſem remar, e quiz a fortuna que endireitaſſe hum pelouro pera elle, e o tomaſſe pelo hombro eſquerdo, que lho deſpedaçou, de que logo cahio mortal, e não durou mais que tres, ou quatro dias. Foi eſte Fidalgo filho de Rodrigo de Vaſconcellos, Veador que foi do Infante D. Luiz; o Capitão mór ſentio aquelle deſaſtre na alma pelo muito que nelle perdia; e vendo-ſe aliviado dos inimigos, deo á véla pera Ternate, aonde chegou ao outro dia, que foi tão feſtejado de todos, como aquelle, que lhe levava o remedio.

CAPITULO IX.

Do ſoccorro que D. Leoniz Pereira Capitão de Malaca mandou a Maluco.

VEndo D. Leoniz Pereira Capitão de Malaca, que não vinha ſoccorro nenhum da India pera Maluco, e que aquella Fortaleza eſtava tão arriſcada a ſe perder,

der, negociou hum fermoſo galeão, e o mandou carregar dos mantimentos, munições, e roupas que póde, e pagou ſeſſenta ſoldados, e elegeo pera aquelle ſoccorro a João da Silva Pereira ſeu ſobrinho, filho de Ruy Pereira da Silva, o qual partio por via de Borneo; e deo-lhe noſſo Senhor tão boa viagem, que em pouco tempo chegou a Ternate, com o qual ſoccorro os noſſos parece que reſuſcitáram, e começáram a levantar cabeça. Andava neſte tempo que João da Silva chegou, huma Armada de ElRey de Ternate, fazendo guerra a huma Fortaleza, que tinhamos no Morro, na qual eſtava por Capitão Henrique de Lima com ſincoenta ſoldados, os quaes Gonſalo Pereira foi logo ſoccorrer; e chegando áquella Fortaleza, pareceo-lhe bem desfazella, e recolher a gente, porque o Capitão de Ternate aſsás tinha que fazer em ſe ſuſtentar a ſi, quanto mais a outra Fortaleza; e aſſim o fez, e recolheo na ſua Armada todos os Portuguezes; o que viſto pelos naturaes, não quizeram ficar na boca do lobo, como dizem, porque o Rey de Ternate era ſeu inimiciſſimo; e tomando todos mulheres, filhos, e fazendas, ſe embarcáram tambem pera Ternate. Recolhido tudo iſto naquella Fortaleza, logo o Capitão mór ſe partio pera Bachão, levando

do comſigo João da Silva pera naquella Ilha ſe ir prover de mantimentos, confiado naquelle Rey, que era Chriſtão, e amigo; mas achou-o já com o coração damnado, e andou entretendo o Capitão mór tantos dias, que de nojo, e trabalho veio a adoecer, pelo que ſe tornou pera Amboino; e chegando áquella Fortaleza, e ſabendo da morte de D. Duarte, e de como os lugares daquella Ilha eſtavam todos levantados contra os noſſos, e do desbarate da Armada do Papa Ferro, tomou tamanho pezar, que foi peiorando, e em poucos dias faleceo. Gabriel Rebello diz, que morreo indo de Bachão pera Amboino, e que o ſeu corpo fora lançado ao mar, como fizeram ao Rey Aeyro de Maluco, em cuja morte elle foi conſentidor: ſeja como for, elle acabou miſeravelmente cheio de dividas, do que tomou de fazendas ás partes. Abrio-ſe ſeu teſtamento, e achou-ſe nomeado em ſeu lugar João da Silva, que logo tomou poſſe da Armada, e começou a correr com ſuas obrigações.

CA-

CAPITULO X.

Da mudança da Fortaleza de Amboino pera o lugar da Cova.

JOão da Silva tanto que tomou poſſe do cargo de Capitão geral daquelle mar, começou a tratar das couſas que convinham áquellas Ilhas, que eſtavam em grande riſco, pelo ſitio em que a Fortaleza eſtava, que era na Ilha de Ito, cercada por todas as partes de inimigos, e não podia ſer ſoccorrida, ſenão com grande riſco; pelo que houve pareceres que aquellas Ilhas ſe haviam de largar, e irem-ſe todos pera Malaca, porque tanto trabalho, e fome não o podiam aturar corpos humanos; ſó Sancho de Vaſconcellos diſſe que nunca Deos quizeſſe que aſſim ſe largaſſe aquella Chriſtandade, que tantos cativeiros, mortes, e trabalhos tinham paſſado, aſſim pela Fé de Chriſto, como por ſuſtentarem a amizade dos Portuguezes; e tornando a haver grandes alterações ſobre o que eſtava votado, pelos mais em ſe irem todos pera Malaca, tornou Sancho de Vaſconcellos a dizer, que ſe deſenganaſſem todos, que elle não havia deſamparar aquella Chriſtandade, nem era razão deixarem aquellas ovelhas na boca dos lobos: que elle eſtava determinado

em

em ſe deixar eſtar em Amboino do modo que o Capitão geral ordenaſſe, ou por ſoldado, ou por Capitão, porque ou de huma, ou de outra maneira elle ſe atrevia a ter em pé, e ſuſtentar aquella Chriſtandade toda; e que quando o Capitão mór não quizeſſe, que elle tinha trinta ſoldados de ſua ſevadeira, com os quaes havia de fazer no lugar de Ulate hum recolhimento o mais fortificado que pudeſſe pera ficar com elles: e que affirmava mais, que quando aquelles trinta ſoldados não quizeſſem ficar com elle, que elle ſó havia de ficar alli, e que ſó com os Chriſtãos amigos havia de ſuſtentar aquellas Ilhas, que por muito ditoſo ſe haveria, quando ſua ventura foſſe tão grande que acabaſſe a vida naquelle ſerviço de Deos, e de ſeu Rey; e em fim foram taes as couſas, que ſobre iſto diſſe, que ſe envergonháram todos, e ſe retratáram a lhe parecer bem o que Sancho de Vaſconcellos dizia, e ſe conformáram todos em que mudaſſem a Fortaleza pera a ponta de Roſanive, na qual eſtava hum lugar de Ulilhenos, grandes amigos dos Portuguezes, que aſſim elles, como outros amigos os proveriam, o que não poderiam fazer ficando alli, onde então eſtava a Fortaleza, por ſer muito affaſtado delles.

Deſta ponta de Roſanive pera a Ilha

de

de Ito faz huma enfeada muito penetrante, a qual ferá de mais de quatro leguas de comprido pera dentro da terra, tres de largura na boca; e affim como vai pera dentro, fe eftreita, e falta-lhe por romper aquella Ilha, pera ficar em duas, até outro mar hum tiro de berço; mas ifto he no fim de hum eftreito, que defta enfeada vai pela terra dentro, que ferá de duas leguas de comprido, pelo qual póde ir huma corocora de maré cheia, por grande que feja, fómente lá no fundo do facco he neceffario varalla, e levalla áquelle efpaço que diffe. Efte fundo defta enfeada fe chama a Cova, ou defde fua boca até dentro; porque tanto que por ella entram quaefquer náos, ficam como em hum muito brando, e fechado tanque. Nefta parte que digo fe affentou fazer-fe a Fortaleza, fica na terra da Ilha de Ito, com os lugares de Ative, Tarire, Curálo, Chuno; e da outra banda no fundo da enfeada eftá o lugar de Rofanive, o qual goza de duas praias, e he lugar farto, e de muitos mantimentos, mas de pouco Ságum, que he como entre nós o trigo: mais pera dentro tem os lugares de Soya, Putá, Aló, e Bagoela, em que ha muito: da banda da contra-cofta do Sul eftão eftes lugares, Tiaire, Seiró, Quilão, Nacohema, e Timure, que são muito abaf-
ta-

tados, e grandes noſſos amigos; e por todas eſtas razões ſe aſſentou, que ſe mudaſſe a Fortaleza pera aquella enſeada, o que logo ſe poz por obra, e ſe embarcáram na náo, em que foi João da Silva, e no galeão S. Franciſco, que tinha ido de Malaca pera a Ilha de Jaoa, na qual ſe embarcou Sancho, e todas as mais embarcações que havia. João da Silva com a ſua náo, e a maior parte das embarcações, foi pela parte de Vacaſſeo muito bem, e Sancho foi pela de Leſte, parecendo-lhes que lhes não faltariam virações da parte do Sul, pera poderem entrar mais folgadamente na enſeada da Cova, o que lhe aconteceo ao contrario, porque ventáram Leſtes, que alli são deſgarrões, com o que não pode ferrar a terra. O Piloto foi-ſe na outra volta, pera perder o fundo na ponta de Roſanive, por eſtar aconſelhado com os mais do galeão, com tenção de ſe çafarem pera Malaca, porque como naquella parte perdem o fundo, não ſe póde mais cobrar. Diſto foi Sancho de Vaſconcellos aviſado á meia noite; e diſſimulando o caſo, fallou com os ſoldados de ſua obrigação ſobre o que haviam de fazer, que foi tomarem as armas, e elle tambem o fez, e com elles ſe foi ao chapitel, e mandou governar ao Piloto pera terra; ao que o Meſtre reſpondeo,

deo, que ſe não podia chegar a ella, porque tudo eram baixos, em que ſe haviam de perder; ao que elle lhe reſpondeo que fizeſſem o que lhe mandava, e que ſe perdêſſem embora, porque antes queria morrer, que dizerem delle que fugia aos trabalhos; e como eſtes homens do mar são teimoſos, foram governando pera terra, e ácinte puzeram o galeão em ſecco. Vendo-ſe Sancho de Vaſconcellos daquella maneira, metteo-ſe no batel com os mais dos ſoldados, e ſe foi pera terra, onde os Roſanives os agazalháram, e por terra os leváram até outra banda da enſeada, onde João da Silva já eſtava, o qual ſentio muito a perda do galeão, mas acudio ao mais neceſſario, que foi prover o melhor que pode em algumas faltas que havia de provimentos pera aquella gente, que perecia á mingua; e como já era chegada a monção de Malaca, entregou tudo ao Sancho, e ſe partio pera paſſar a Goa a dar conta ao Viſo-Rey das miſerias, e trabalhos, em que os noſſos, e os Chriſtãos naturaes eſtavam, e primeiro ordenou huma maneira de Forte pera recolhimento dos noſſos, em quanto Sancho de Vaſconcellos não fazia a Fortaleza, que eſtava ordenada, e neſte eſtado deixaremos as couſas deſtas Ilhas, por irmos ſucceſſivamente continuando com as couſas em ſeus tempos.

CA-

CAPITULO XI.

Das cousas que passáram entre o Viso-Rey D. Antonio de Noronha, e Antonio Moniz Barreto, Governador de Malaca.

OS cercos passados não deram lugar pera continuarmos com as cousas, que passáram entre o Viso-Rey D. Antonio de Noronha, e Antonio Moniz Barreto, Governador de Malaca; e porque são materias substanciaes, darei razão dellas o mais abbreviadamente que puder, pera o que se ha de saber, que quando D. Antonio de Noronha foi eleito em Almeyrim por Viso-Rey, aonde eu tambem estava requerendo os serviços da India, tendo ElRey D. Sebastião informação das grandes inquietações, que o Achém dava á nossa Fortaleza de Malaca, praticando o remedio disto com os de seu Conselho, assentáram que era necessario haver em Malaca Governador separado do Viso-Rey da India, por não estar dependente do seu soccorro, e provimento, ao qual o Viso-Rey que aquelle anno fosse, désse Armada bastante pera dous mil homens, que tambem lhe havia de dar: e que as despezas daquella governança se fariam dos direitos das náos da China, Maluco, e das mais partes, que poderiam im-

portar trezentos mil pardaos, que ficavam faltando ao rendimento da India; e assentado isto, quando D. Antonio de Noronha foi eleito por Viso-Rey, logo ElRey lhe declarou o que neste particular se tinha assentado, de lhe dar dous mil homens, e Armada apparelhada pera elles, em que Antonio Moniz Barreto iria; e como este Viso-Rey estava pobre, e com filhos, acceitou a jornada com as condições assima ditas, e não sei se com obrigações, que deixou em conselho daquillo a que se obrigava, sabendo elle muito bem como Capitão, que tinha andado na India tantos annos, que nem a India tinha tamanho cabedal pera tirar de si, nem elle podia dar cumprimento ao que se obrigou; porque lhe pareceo que em chegando á India, ainda que não désse tudo aquillo a Antonio Moniz, que com qualquer cousa, que lhe désse moderadamente, se contentaria; e o mesmo Antonio Moniz Barreto conhecia muito bem, que o Viso-Rey D. Antonio de Noronha não podia cumprir o que lhe promettêra, de maneira que ambos se enganáram, ou os enganou a necessidade em que se viam: em fim a esta conta mandou ElRey negociar náos, e pagar quatro mil homens, de que não chegáram á India dous mil sãos, porque todos morrêram nesta viagem, que foi

tra-

trabalhofiffima de febres, e inchações de pernas, porque cuido que traziam ainda algumas fezes daquella contagiofa pefte, que deo no Reino de Portugal o anno atrás; e fó na náo Chagas, em que eu vim embarcado com o Vifo-Rey D. Antonio, que trazia novecentos homens, morrêram mais de quatrocentos e fincoenta; e na náo Belém, em que Antonio Moniz vinha, mais de trezentos, e affim pelas outras embarcações da Armada.

Chegada efta Armada a Goa, achando, como diffe, toda a India de guerra, não teve Antonio Moniz que fazer; mas depois de feitas as pazes, e concertadas as coufas, vindo-fe chegando a monção de partirem as náos, vio-fe Antonio Moniz Barreto com o Vifo-Rey D. Antonio, prefentes o Secretario, Veador da Fazenda, e Fidalgos velhos do Confelho, e lhe moftrou fuas provisões, e requereo que o negociaffe, e lhe déffe a Armada, que ElRey mandava, porque fe queria partir cedo pera Malaca, porque havia naquellas partes neceffidade da fua prefença. O Vifo-Rey lhe diffe, que elle eftava prompto pera fazer o que ElRey lhe mandava; mas que bem via o eftado em que achou a India cercada de todos os Reys do Oriente, e a fazenda Real neceffitada, e empenhada pelas

muitas despezas que fez nas guerras de Goa; e pelos soccorros que fez ás Fortalezas, a que foi necessario acudisse por se não perderem: e que tambem via que dos quatro mil homens com que do Reino partíram, não havia dous mil que estivessem sufficientes pera tomar armas; mas que com tudo suppostas as impossibilidades referidas, queria pôr em Conselho a Armada, gente, e provimentos que lhe haviam de dar, e do que se assentasse o mandaria avisar pelo Secretario; e com isto se recolheo o Governador Antonio Moniz Barreto, entendendo que não estava o Estado pera lhe darem tudo o que ElRey mandava.

O Viso-Rey poz aquelle negocio em Conselho dos Fidalgos, e Capitães, e lhes propoz sobre elle o que lhe pareceo mais serviço de ElRey, e bem do Estado, e entre todos se praticou o caso, e assentáram que o Estado da India não estava pera tirar de si tamanho cabedal: que quando ElRey ordenára aquella divisão do Estado, e que se désse aquella gente, e Armada que D. Antonio de Noronha promettêra em Portugal a ElRey, não sabia dos grandes cercos, trabalhos, e necessidades em que a India então estava; demais que ElRey mandára quatro mil homens, pera delles ficarem dous mil na India, e irem os outros

dous

dous mil com o Governador Antonio Moniz Barreto pera Malaca, dos quaes não havia dous mil que se lhe pudessem dar: que Antonio Moniz se fosse pera a sua governança de Malaca, e que lhe dessem dous, ou tres galeões, e algumas galés, e fustas com quatrocentos, ou quinhentos homens, e que pera o anno lhe mandariam tudo o que pudesse ser, porque estava já o Estado mais desafogado. Assentado isto, deo-se conta ao Governador Antonio Moniz, e se lhe respondeo por escrito, com o que elle se não satisfez, e disse que não havia de ir a Malaca senão pela ordem, e com o poder que ElRey lhe promettêra, porque se não queria deshonrar; e porque as náos eram já partidas, pera tomarem a carga da pimenta a Cóchim, escreveo a ElRey o caso, fazendo-lho mais feio do que fora; e tanto, que lhe affirmou que nunca o Viso-Rey o aviaria, e que a India ficava tão prospera de tudo, que bem lhe pudera o Viso-Rey dar tudo o que no Reino lhe promettêra, porque se elle estivera no governo da India, pudera dar a gente, e Armada a quem quer que fosse pera Malaca, assim como ElRey mandava se lhe désse; e representando-lhe as novidades que havia em Malaca, cercos que tinha do Achém ir sobre aquella Fortaleza, e que es-

eſtava arriſcada a ſe perder, e de como Gonſalo Pereira Marramaque em Maluca eſtava em grande aperto com a Fortaleza cercada, e Armada dos Caſtelhanos em Cebú, e outras couſas deſta ſorte, a que era neceſſario acudir-ſe, o que elle não podia fazer pelo não aviarem. O Viſo-Rey D. Luiz de Ataíde foi-ſe embarcar a Cóchim na náo Chagas, em que tinha vindo do Reino o Viſo-Rey D. Antonio, e chegou a Lisboa muito cedo; e pelas grandes vitórias que alcançou de todos os Reys da India, foi recebido de ElRey com pallio, e grandes honras, porque as merecia.

Deſpachadas as náos do Reino, ſendo quinze de Janeiro de 1572. teve o Viſo-Rey recado, que no rio de Bandá ſinco leguas de Goa ſe recolhêram alguns paráos de Malavares contra o contrato das pazes tão pouco tempo havia celebradas com o Idalxá, pelo que com toda a preſſa deſpedio D. Henrique de Menezes em huma galé, e ſinco navios mais, de que foram por Capitães Antonio Maſcarenhas, Pedro de Souſa, Luiz Machado, Duarte Pereira Sampayo, e Antonio de Oliveira em huma galeota de ſerviço da galé.

Recolhido D. Henrique a Goa, logo em dezeſete de Fevereiro deſpedio o Viſo-Rey a Jorge de Moura por Capitão mór da coſta

ta do Norte com duas galés , elle em huma , e Pedro Homem da Silva em outra, e ſeis fuſtas mais, Capitães Duarte Pereira de Sampayo, Ruy de Pina, Nicoláo de Brito, João Barriga Simões, e Diogo Duarte, e não fez mais que dar guarda á coſta , e recolher-ſe em nove de Maio.

Neſta companhia foi D. Luiz de Almeida entrar na Capitanía de Damão; e porque em Fevereiro deſte anno de ſetenta e dous acabava os tres annos da Capitanía de Ormuz D. Franciſco Maſcarenhas que lá eſtava, e ao preſente não havia provído nenhum , deſpedio o Viſo-Rey a Fernão Telles , que depois foi Governador, pera lhe ir ſucceder , o qual partio de Goa em 21. de Fevereiro de ſetenta e dous , que foi no galeão S. João , e tomou poſſe da Fortaleza , e D. Franciſco Maſcarenhas ſe veio pera Goa no meſmo galeão.

Depois de Fernão Telles partido, logo em onze de Março deſpedio o Viſo-Rey a Franciſco de Souſa Tavares pera a coſta do Canará pera dar guarda ás cafilas dos mantimentos que haviam de vir a Goa; levou duas galés , elle em huma, e Nuno Alvares Pinto em outra , tres fuſtas mais, Capitães Damião Furtado, Duarte de Villalobos, e Alvaro de Barros. Eſta Armada gaſtou o verão em trazer as cafilas de manti-

timentos, e jangadas de madeiras, maſtos, vergas, e outras couſas deſtas pera as Armadas.

Porque os Eſtreitos de Ormuz eſtavam deſamparados de Armadas, que andaſſem na guarda das cafilas, que coſtumam a vir de Baçorá pera aquella Fortaleza, ordenou o Viſo-Rey mandar huma galé, e tres navios mais pera de lá tornarem, dando guarda ás náos, que haviam de partir em Novembro, por haver novas andarem fóra algumas galés de Turcos, o que tudo quiz o Viſo-Rey prover por lhe não ſucceder algum deſaſtre. Neſta companhia deſpedio o Governador Antonio Moniz cartas pera ElRey pera ſe lhe mandarem por terra, em que lhe dava conta do que tinha paſſado com D. Antonio de Noronha Viſo-Rey da India, e de como na entrada de Abril ſe tornára a offerecer pera ir a Malaca, como ElRey mandava, dando-lhe a Armada, e gente que elle lhe tinha ordenado, tornando a affirmar que ſe elle fora Viſo-Rey, houvera deſpachar Governador, que foſſe a Malaca com tudo o que lhe elle mandava dar, porque a India eſtava proſpera, e não faltava mais que vontade ao Viſo-Rey.

Partida eſta Armada, deſpedio logo o Viſo-Rey outra pera Ceilão, de que elegeo por

por Capitão daquella Fortaleza D. Antonio de Noronha, que partio no primeiro de Maio com huma galé em que elle foi, e quatro fustas, Capitão Fernão Dias de Oliveira, Jeronymo Monteiro, e Antonio Machado, que todos chegáram a salvamento, e D. Antonio tomou posse daquella Capitanía. Destas Armadas atrás não escrevo os successos, porque não houve cousa notavel de que façamos menção.

CAPITULO XII.

Das cousas que succedêram em Maluco.

NEsta enseada que já disse, quando dei relação do lugar, que se elegeo pera mudarem a Fortaleza, sahe ao mar huma ribeira muito fresca, e graciosa, cuberta de arvoredo de frutas excellentes, ao longo da qual Sancho de Vasconcellos cortou toda a madeira pera a Fortaleza que fez de duas faces, fechada com suas chaves muito fortes, entulhada muito bem de maneira, que pera aquella parte ficava bastantemente defensavel, e tinha seus baluartes, e guaritas guarnecido tudo de artilheria: nesta obra ajudáram, ou pera melhor dizer, fizeram tudo alguns Atives, e Tarives fidelissimos assim a Deos, como aos Portugue-

guezes, e alli ficáram os noſſos eſperando o ſoccorro, paſſando fómes, e trabalhos immenſos, porque não comiam mais que frutas dos matos.

João da Silva chegou a Malaca, e deo informação do riſco em que os noſſos ficavam: pelo que o Capitão daquella Fortaleza, que era D. Franciſco da Coſta, que ſuccedeo a D. Leoniz Pereira, negociou com muita preſſa hum galeão, de que fez Capitão hum foão Paes, e huma fuſta, em que foi Alvaro Barreto, nos quaes navios mandou embarcar muitos mantimentos, munições, e roupas, e fez embarcar por força alguns ſoldados, porque naquelle tempo pera elles era hum deſterro perpétuo. Partido eſte ſoccorro com homens forçados, os que hiam na fuſta fizeram com que arribaſſem a Fundá, e o galeão ſe foi metter na enſeada de Japará, onde deo á coſta, e todos os que nella hiam foram cativos: dizem que hum meſtiço, que hia degradado, cortára de noite a amarra ao galeão, e o fizera rolar a terra. Hiam neſte galeão dous Padres da Companhia, hum dos quaes era Pedro Maſcarenhas, Religioſo de muita virtude, e caridade, homem Fidalgo, e Letrado, natural de Arzila; e o outro era Italiano, e alli onde foram cativos os reſgatáram os Portuguezes que por lá andavam,

e

e os embarcáram em huma fusta pera Malaca. O mestiço que fez todo este mal, dizem que logo se fez Mouro, e era tão máo, e perverso que o mandou aquelle Rey matar por velhaco, ou o permittio Deos nosso Senhor assim por suas torpezas: os Padres da Companhia foram depois ter a Malaca, aonde fizeram muitos serviços a Deos nosso Senhor, e passáram os trabalhos que ao diante diremos.

Estando as cousas de Maluco, e Amboino neste miseravel estado que dissemos, chegáram a Ternate os dous galeões, que o Viso-Rey D. Antonio de Noronha despedio no Abril passado com muitos provimentos, dos quaes foram por Capitães Fernão Ortiz de Tavora, provído daquella viagem, e Pedro Lopes Rebello, que foram recebidos dos nossos como soccorro vindo do Ceo; e porque era monção do cravo, carregáram logo, e se partíram pera Amboino com os provimentos que hiam forçados pera aquella Fortaleza, com que os que nella estavam se animáram, e os naturaes ficáram mais seguros na amizade que sustentavam. De Amboino se partíram estes galeões em Maio deste anno de setenta e dous em que andamos; e indo atravessando o golfo, abrio o galeão de Pedro Lopes Rebello tantas aguas, que se hia ao fundo;

do; e acudindo-lhe Fernão Ortiz de Tavora, lhe ſalvou toda a gente; e como era muita, foi-lhe faltando a agua, pelo que lhe foi neceſſario arribar ao Macaſſar, e tomou da outra banda do mar da Jaoa já ſem agua alguma, e como deſeſperados ſe foram á Ilha do Salazar pera ſe proverem; e eſtando ſurto nella, lhe deo huma tormenta de Sudoeſte, que varou com o galeão á coſta, e a gente ſe ſalvou no batel, e em outras embarcações da terra, e ſe paſſáram ao Macaſſar, e aquelle Rey os recolheo humanamente, e os mandou levar a Malaca em juncos, dando-lhes tudo o neceſſario, que tambem entre os barbaros não falta caridade; e parece certo que tinha Deos noſſo Senhor o açoute de ſua Divina juſtiça ſobre aquella gente de Maluco pelas crueldades que uſáram com aquelle Rey, e injuſta morte que lhe deram, porque depois que o matáram até hoje não paſſáram lá ſenão muito poucos galeões, e o lugar de Ative eſtá em huma Ilha entre a de Ito, e a de Liaſer, oito leguas da Fortaleza, e he muito povoada, e tem junto de ſi dous lugares de ſua facção, cujos moradores são muito cavalleiros, as mulheres muito fermoſas, e deshoneſtas. Neſte lugar fizeram os Padres da Companhia huma Igreja, á qual acudíram todos aquelles Chriſtãos á roda.

da. Estes Atives, que eram grandes amigos dos nossos, desejavam offerecer-se alguma occasião pera se vingarem de alguns aggravos que lhes pareciam ser-lhes feitos, e cumprio-lhes o demonio seus desejos por esta maneira. Tanto que víram ausente o Capitão mór, e desbaratado, e morto a Simão de Abreu o Papa Ferro, como dissemos, ordenáram de dar nos nossos, e convocáram os dous lugares assima nomeados, e huma noite foram demandar o lugar, em que a Igreja estava, e matáram sinco Portuguezes. Os Padres da Companhia, que tinham a Igreja em hum alto, e lá ouvíram o reboliço, e entendendo o que era, o Padre Pedro Mascarenhas disse ao companheiro, que se fossem pera os matos; e estando neste conselho, deram os inimigos na Igreja, e matáram o companheiro do Padre Pedro Mascarenhas, e elle quiz Deos que tivesse tempo, e lugar pera escapar daquella furia, e ir-se embrenhar nos matos. Feito isto, recolhêram-se os inimigos, e o Padre andou pelos matos oito dias, sem comer mais que humas frutas pequenas, e beber agua que havia alli muita, e muito boa. Os moradores do lugar de Oma, que eram nossos amigos, e viviam na costa da outra banda do Sul, tiveram logo aviso do negocio, e de como o Padre se acolhêra

aos

aos matos, e foram logo em bufca delle, e o acháram affentado ao longo de huma ribeira tão fraco, que fe não podia bullir; e vendo aquella gente, cuidando que o hiam matar, fe deixou eftar muito feguro, offerecendo-fe a Deos no feu coração em facrificio. Os que o bufcavam chegando a elle, o confoláram, e o mettêram em hum andor, dizendo-lhe que fe não receaffe de coufa alguma, e no feu lugar o agazalháram, e provêram de tudo o neceffario. O Padre ficou confoladiffimo com aquelle não efperado foccorro, entendendo lhe viera da mão de Deos noffo Senhor, que fempre coftuma acudir onde menos efperança ha de humano remedio.

Sancho de Vafconcellos fabendo tamanha traição, convocou os vizinhos amigos no mefmo dia; e embarcando-fe na Armada á meia noite, chegou ao lugar de Achua, aonde defembarcou fem fer fentido; e commettendo o lugar, o entrou, e deftruio, mettendo á efpada toda a coufa viva, fem perdoar nem a velhos, nem a meninos de peito; e pondo fogo ao lugar, affim elle, como todos os mortos fe convertêram em cinza, e com efta vingança, e fatisfação fe tornáram pera a Fortaleza, onde fe apercebeo de algumas coufas, e logo fe tornou a embarcar, e foi demandar a Ilha Rofa-

ler

ler doze leguas da noſſa Fortaleza, cujos moradores eram grandes inimigos dos Portuguezes, e deſembarcou nella, e foi por huma ſerra aſſima, onde elles tinham ſuas tranqueiras, e eſtavam deſcuidados de tal ſobreſalto; e commettendo-as os noſſos, foram entradas á força de braço, e dentro matáram mais de duzentos, e lhes eſcaláram as caſas, em que lhes acháram razoadas prezas, com que ſe recolhêram bem ſatisfeitos.

CAPITULO XIII.

Torna a continuar as couſas da India, e as Armadas que o Viſo-Rey lançou fóra: e de como o Mogor ſe ſenhoreou do rio de Cambaya.

NA ſexta Decada, livro decimo, Capitulo dezeſeis démos larga conta de como por morte de Soltão Mamúde Rey de Cambaya levantáram os grandes do Reino por Rey a Soltão Mahamud, que diziam ſer filho do morto, o qual como era de ſete pera oito annos, ficou em poder dos tres tutores Alucan, Itimitican, e Madre Maluco, em cujo poder andou o triſte, e pobre moço até agora, que bem pobre ſe póde chamar, pois não mandava couſa alguma, por ſer como huma eſtatua muda

ſem

ſem poder fallar , porque o não deixavam ſer ſenhor de ſuas acções : e prouvera a Deos que ſuccedêra eſta deſgraça ſó aos barbaros , e não chegára a abranger a alguns Reys Chriſtãos , e de xaque em xaque , como Rey de Xadrés , andava o pobre moço ora nas mãos de hum , ora nas de outro dos tutores , ſem elle ter vontade , nem querer , ſobre o que via entre aquelles tres tyrannos que mandavam , e comiam tudo com grandes invejas , e ciumes : e ſuccedeo naquelle tempo que o Viſo-Rey D. Conſtantino tomou a Cidade de Damão , que foi no anno de mil e quinhentos e ſincoenta e nove , em que eſte pobre moço teve modo , com que fugio de Madre Maluco pera o Itimitican , o qual como era máo homem , ſempre ſe receou dos grandes do Reino , e pera ſe ſegurar quiz uſar de huma das maiores traições , que nenhum vaſſallo uſou com ſeu Rey , e foi eſta.

Eſtava o Hibar Rey poderoſo dos Mogores na Cidade de Agará , onde então tinha ſua Corte , que poderiam ſer . . . . jornadas do Reino de Cambaya , o qual era o maior ſenhor de todo o Oriente , e andava com penſamentos de conquiſtar todos os Reinos do Decan , pera ficar maior ſenhor que o Grão Tamorlão de quem deſcendia ; e além da má inclinação que o Itimi-

mitican tinha, parece que ſuſpeitou que o Mogor tinha tambem os olhos naquelle Reyno; e querendo-ſe ſegurar em ſeu eſtado, quiz quebrar hum olho a ſi (como dizem) por quebrar ambos aos levantados; e em grande ſegredo deſpedio Embaixadores ao Mogor, pelos quaes lhe mandou dar conta do eſtado em que as couſas daquelle Reino de Cambaya eſtavam, e que ſe quizeſſe ſenhorear-ſe delle, que elle lho entregaria ſem golpe de eſpada, e lhe poria o Rey moço em ſeu poder, com tanto que o havia de deixar a elle Itimitican por Viſo-Rey de todo aquelle Reyno, e com outros partidos largos, que o Mogor lhe concedeo liberalmente; e não dilatando o negocio, ſe partio com ſincoenta, ou ſeſſenta mil cavallos, com que em poucos dias entrou pelo Reyno de Cambaya, e o Itimitican o foi eſperar á Cidade de Amadabá, onde lhe entregou aquelle Rey, e ſe poz em ſuas mãos. O Mogor que nunca tal imaginou, avaliando por grande aquella felicidade, recolheo o Rey com muita honra, e o entregou a hum Capitão, que tinha dez, ou doze mil cavallos, pera que livremente o trouxeſſe em ſua guarda, e elle foi entrando pelo Reyno, e ſenhoreando-ſe delle ſem golpe de eſpada até chegar á Cidade de Cambaya, donde mandou prover as cou-

ſas do Reyno, e mandou levar a ſi todos os Capitães principaes, e os entregou a quem os trouxeſſe em boa guarda.

Eſtavam naquelle tempo na Cidade de Cambaya alguns ſincoenta, ou ſeſſenta Portuguezes mercadores, que ſe não puderam recolher por terem ſuas fazendas em terra. Eſtes vendo aſſim o Reyno entregue, ajuntáram-ſe todos veſtidos o mais cuſtoſamente que pudéram, e ſe foram offerecer ao Mogor, que lhes fez grande gazalhado; e como no jogo da fortuna eſtava com tanta ganancia, ſem cuſto algum lhes fez mercês de barato, ſegurando-os que ſe não temeſſem, e mandou que ſe lhes não buliſſe em couſa alguma de ſuas fazendas, e lhes diſſe que lhe pediſſem mercês, porque lhas faria: o que viſto por elles, lhe pedíram de mercê que quitaſſe os direitos aos Portuguezes mercadores, que foſſem áquelle porto com ſuas fazendas, o que o Mogor lhes concedeo facilmente, ſuppoſto que não pode o Rey cumprir eſta ſua vontade, porque hum Capitão, ou Veador da fazenda lhe foi á mão, dizendo-lhe que lhe importava aquillo todos os annos trezentos mil cruzados, pelo que a mercê não teve effeito; e parecendo-lhe bem aquelle trajo dos noſſos, mandou fazer outros de capas de raxa, chamalotes, roupetas, calções, e

bo-

botas, e pedio aos Portuguezes algumas gorras, que ſe então coſtumavam de Milão, e alguns chapeos, e veſtio-ſe á Portugueza com eſpada, e adaga, pelo que os noſſos lhe beijáram a mão.

O Mogor ficou concertando as couſas do Reyno, e mandou tomar poſſe das Fortalezas de Baroche, e Surrate, em que poz Capitães Mogores, como fez nas mais Cidades, e ſó alguns Regulos, que viviam em ſerras fortes, ſe ſuſtentáram nellas, e alguns levantados mais que ſe ficáram com as partes que governavam, quando morreo Soltão Mahamede lá pera as ſerras de Jurager.

Diſto teve logo o Viſo-Rey aviſo; e vendo quão máo vizinho era o Mogor, e que era neceſſario acudir a ſegurar as Fortalezas do Norte, deſpedio pera eſſe effeito a Jorge de Moura com huma galé, em que elle hia, e ſeis fuſtas, de que foram por Capitães Chriſtovão do Amaral, João Correia de Brito, Vicente Paes, João Barriga Simões, Nicoláo de Brito, e Henrique Barboſa da Silva, que todos partíram em dezeſete de Agoſto deſte anno de ſetenta e dous, levando por regimento que não quebraſſe com o Mogor, nem fizeſſe mais que andar á viſta da Fortaleza de Damão, e que em ſegredo defendeſſem que

não foſſem mantimentos pera Cambaya, o que elle fez com muito cuidado, e diligencia; e porque ſegundáram as novas, D. Luiz de Almeida Capitão de Damão eſcreveo ao Viſo-Rey, que eſtava aquella Cidade aberta, que era neceſſario acudir-lhe, porque ſe o Mogor tentaſſe alguma maldade, a não tomaſſe, pelo que com muita preſſa deſpachou outra Armada de duas galés, e ſete fuſtas, de que foi por Capitão mór D. Jorge de Menezes, que depois foi Alferes mór do Reyno, o qual partio de Goa em quinze de Outubro ſeguinte, elle em huma galé, Diogo de Azambuja em outra; das fuſtas foram por Capitães D. Sancho de Vilhena, D. Luiz de Menezes, Pedro Boto Meirelles, Eſtevão de Pina, Manoel Alvares, Pedro Soares, Apollinario de Val de Rama, que ſe foi direito a Damão, e andou por aquella coſta com grandes intelligencias no Mogor, e veio com huma grande cafila de navios a Goa, donde o Viſo-Rey o tornou a deſpedir pera Cananor a buſcar outra com que chegou a Goa, eſtando já o Viſo-Rey pera dar á véla pera Damão.

Como nas Cortes dos Reys do mundo nunca faltam liſongeiros deſejoſos de ganhar terra com elles, aſſim ſuccedeo aqui com eſte barbaro, que eſtando pondo em

or-

ordem as coufas daquelle Reyno, de que fe fez Senhor em tão breve tempo fem golpe de efpada, fendo fua potencia tão grande nos tempos paffados, que affombrava todo o Oriente, lhe differam que as terras de Damão, e ainda as de Baçaim com fuas Cidades eram do Reyno Guzarate, as quaes os Portuguezes comiam, e poffuiam, fendo de direito fuas, que era defcredito da fua potencia diffimular com iffo, tendo-as tão perto, e tão certas que não eftava em mais fenhoreallas que em mandar feus Capitães fobre ellas; e tanto lhe differam, que mandou fazer preftes Cutibidican com dez mil cavallos, de que logo D. Luiz de Almeida foi avifado, e defpedio recado com muita preffa ao Vifo-Rey, affirmando-lhe a certeza daquella jornada, que ficava a rifco de fe perder aquella Cidade pela pouca defensão que tinha, e juntamente fe começou a fortificar o melhor, e mais apreffadamente que pode fer. O Capitão do Mogor defpedio hum enviado ao Capitão da Cidade, pelo qual lhe mandou dizer que o Mogor feu Senhor lhe mandava rogar que lhe defpejaffe a Cidade, e largaffe as terras, que eram do Reyno de Cambaya, cujo Senhor elle era, e que folgaria de não romper com elle fobre o que era feu. D. Luiz lhe refpondeo,

que

que eſtava alli da mão do Viſo-Rey da India, ſem cuja licença elle não podia fazer couſa alguma: que lhe mandaria recado; e mandando elle que lhe entregaſſe tudo, o faria com muito goſto; e ſobre eſte negocio tornou o Mogor a replicar por vezes, e de todas ellas o foi entretendo D. Luiz com a eſcuſa de eſperar pelo recado do Viſo-Rey, até elle chegar, como ao diante diremos.

Eſte recado chegou ao Viſo-Rey na entrada de Dezembro, e logo com muita preſſa ſe começou a fazer preſtes pera acudir em peſſoa áquelle negocio com todo o poder que na India houveſſe, porque era mui arriſcado o caſo, ſe nelle houveſſe deſcuido algum; e aſſim quando foi a ultima oitava do Natal, ſahio pela barra fóra com a Armada ſeguinte. Nove galés, huma em que hia o Viſo-Rey, e das outras foram Capitães, D. Jorge Alferes mór que foi, que tinha vindo do Norte com huma grande cafila, D. Garcia de Noronha, neto do outro que foi Viſo-Rey, D. Henrique de Menezes, D. Miguel de Caſtro, filho do Viſo-Rey D. João de Caſtro, D. João da Gama, filho de D. Vaſco da Gama, ſegundo Conde da Vidigueira, Franciſco da Silva de Menezes de Campo Mayor, Diogo de Azambuja, e Rodrigo Homem da

Sil-

Silva. Levou oito galeotas Latinas, cujos Capitães foram: D. Diogo de Menezes, Manoel Furtado de Mendoça, irmão de André Furtado, que foi Governador, Fernão de Albuquerque, que ainda hoje vive, Gaſpar de Brito do Rio, João de Mello de Sampayo, filho do Doutor Gaſpar de Mello, Nuno de Mendoça, e Diogo Dias do Preſte. Fuſtas levou ſetenta e ſeis, de que foram Capitães Manoel de Souſa Coutinho, que depois foi Governador, D. Rodrigo de Souſa, D. Rodrigo de Caſtro, D. Franciſco de Souſa, D. Martinho da Silveira, Ayres Falcão, Jorge da Silva Pereira, filho de Ruy Pereira da Silva, D. Antonio de Caſtro, Alexandre de Souſa, Antonio Maſcarenhas, João Gomes de Abreu de Lima, Diogo da Silva, Jeronymo Carvalho, Franciſco Paes de Mello, Nuno Cordeiro, Gonſalo Guedes de Reboredo, Antonio de Eſpinola, Luiz de Souſa, Gaſpar de Sá, Manoel Fernandes de Béja, Fernão Alvares do Oriente, Pedro Furtado de Mendoça, João Fernandes da Coſta, Chriſtovão de Araujo Evangelho, Antonio de Souſa Coutinho, Luiz Ferreira o Chatim, Gregorio Boto, Pedro Fernandes Brochado, Vaſco da Silva, Manoel de Miranda, Franciſco Pereira, Antonio Vaz Correia, Eſtevão Gonſalves, Meſtre Capitão

tão dos Inhames, Manoel Dias, Fernão Gomes, Lopo Pereira, Pedro Zuzarte Tição, Alvaro de Abreu Pereira, D. Leoniz Pereira, Capitão que foi de Malaca, Manoel de Mello, Damião Furtado, Diogo Collaço, Christovão de Tavora, Martim Affonso de Mello, João Ferreira Fialho, Diogo Lopes de Mesquita, que foi Capitão de Maluco, D. Paulo de Lima Pereira, Antonio Telles de Menezes, Alvaro Ferreira, Manoel Rodrigues, Cosme Duarte, Luiz Fernandes, Rodrigo Monteiro. O Licenciado Antonio Correia, Ouvidor geral, Diogo Fernandes o Forte, João Pereira, Francisco Pereira, Diogo do Quintal, Diogo de Mello Coutinho, e Zofocão Principe do Balagate, D. João Principe de . . . . o Inquisidor Bartholomeu da Fonseca, Agostinho Nunes, Francisco de Mello, Antonio Luiz, Gaspar Tavares Cananôr, D. Luiz de Menezes, Henrique Dias, Apollinario de Val de Rama, D. Sancho de Vilhena, Estevão de Pina, Pedro Boto Meirelles, Manoel Alvares, Manoel de Saldanha, D. Garcia Malavar, Bartholomeu de Magalhães, Pedro Fernandes, e outros.

Levou mais sinco galeões, cujos Capitães foram D. Pedro de Castro, D. Francisco Henriques, Ayres de Sousa, Manoel

de

de Brito , e Mem Lopes Carrafco. Nefta Armada hia o melhor de tres mil homens de armas a fóra a gente da terra, cujos provimentos de toda ella me encarregou o Vifo-Rey , e em menos de hum mez deo á véla; e como ventavam terrenhos, e virações , em poucos dias foi tomar Baçaim, onde teve recado de D. Luiz de Almeida, que os Mogores eftavam já menos de duas leguas daquella Cidade, pelo que teve confelho com feus Capitães , e Fidalgos velhos fobre o que faria , e os mais delles votáram que o Vifo-Rey ficaffe naquella Cidade de Baçaim, e mandaffe toda aquella potencia a Damão ; porque vendo os Mogores, e fabendo que o Vifo-Rey ficava em Baçaim , haviam de ter pera fi que com elle ficava outro poder maior , e que vendo-o em Damão, tambem haviam de cuidar que levava comfigo todo o poder que na India havia , e que era muito differente huma coufa da outra pera os Mogores não pafarem fobre Damão : em fim debatido o negocio , affentou o Vifo-Rey de paffar adiante, porque houve votos que fe conformáram com elle , dando por razão, que quando os Mogores o lá viffem , não haviam de medir a gente pela que levava a Armada, fenão pela potencia da fua máquina , em que ao menos haviam de cui-

dar

dar que hiam mais de ſeis mil homens, e que ſó o nome de eſtar o Viſo-Rey da India em Damão havia de enfrear muito os Mogores, no que ſe não enganou; e tomando alli mais doze, ou quinze navios, que ſe lhe ajuntáram de Chaul, e Baçaim, os quaes os Fidalgos alli caſados tinham armados pera acompanharem o Viſo-Rey, deo á vela pera Damão, aonde chegou em poucos dias, e deixando os galeões fóra, entrou o rio com as galés, e com a Armada de remo, que ſe eſtendeo de huma, e outra parte, ficando o rio entulhado de embarcações que ao entrar ſalváram a Cidade com tanto eſtrondo, que foi eſpanto, e o meſmo fizeram os galeões, cujos terremotos foram dar nos ouvidos dos Mogores, que os aſſombrou de maneira que não ſabiam parte de ſi. O Viſo-Rey deſembarcou em terra, e foi viſitar as fortificações, e as mandou renovar com muita preſſa, porque não tinha a Cidade mais muros que huns entulhos altos de arêa, e mettidos por elles humas arvores, e hervas leiteiras mui grandes, e eſpeſſas, ás quaes ſe não póde chegar pera as cortar, porque o leite que dellas ſalta, ſe dá nos olhos, logo os céga, e trata mal, e com a artilheria não ſe podem bater, porque nos pés dellas nos entulhos de arêa ficam os pelou-

ros

ros enterrados, e mais aſſima paſſam pelas arvores ſem fazerem damno; e nos baluartes, que tinha da meſma feição, mandou pôr algumas peças de artilheria pera varejarem o campo que ſe deſcobre todo, e poz nelles Capitães com ſeus ſoldados de maneira, que ficou a fortificação ſegura, e aſſim entendeo o Viſo-Rey em outras couſas de que havia neceſſidade com muita ordem, e brevidade.

Tanto que ſoube o Capitão dos Mogores ſer o Viſo-Rey chegado, logo aviſou o ſeu Rey, que eſtava em Baroche, pelo que ſe paſſou a Surrate por ficar mais perto de Damão, donde proveo em muitas couſas do Reyno, e houve ás mãos os Capitães alevantados, que mandou ter a bom recado, e mandou prover aquellas Fortalezas de outros ſeus vaſſallos com que os ſegurou; e tendo recado em como o Viſo-Rey eſtava em Damão com aquelle poder, não quiz romper com elle, antes procurar amizades pelo proveito que diſſo tinha na navegação de ſuas náos pera Meca, em que elle determinava de metter grande cabedal, e ſua mãi, e algumas mulheres deſejavam de ir viſitar o ſepulcro de Mafamede; pelo que ordenou hum Embaixador com grande apparato, e mageſtade pera o ir viſitar, e tratar com elle amizades, o

qual

qual em breves dias foi ter a Balſar, e dahi mandou fazer a ſaber ao Viſo-Rey da ſua vinda, o qual lhe mandou preparar hum grande recebimento, e lhe mandou os parabens della por Chriſtovão do Couto Lingua do Eſtado, que pera iſſo foi muito acompanhado, e ambos aſſentáram o dia, em que queriam fazer ſua entrada, que foi por eſta maneira.

Mandou o Viſo-Rey chegar os galeões o mais perto da barra que pode ſer, e as galés que ſe puzeſſem pelo meio do rio em fileira, e hum eſpaço diante huma da outra, e as fuſtas que ſe eſtendeſſem de longo da ribeira de huma, e outra parte, e os baluartes da Cidade ſe encheſſem de bandeiras, como fizeram os galeões, e as fuſtas todas, e as galés com ſuas flamulas, galhardetes, e bandeiras todas fermoſiſſimas; e a galé baſtarda, em que o Viſo-Rey eſtava, ſe poz no meio das outras com ſeu toldo de borcado franjado de ouro, que arrojava quaſi até a agua, e na quadra a bandeira Real das Armas de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, e na poppa tres grandes faroes dourados, e a chuſma veſtida o melhor que pode ſer, e a coxia do maſtro até a eſtanteirola cuberta de fermoſas alcatifas, e o toldo com outras mais ricas, e por ſima guarnecidas de pannos de ouro, de

de maneira que eſtava a Armada tanto pera temer, como pera ſe folgar de ver; e o dia da entrada do Embaixador mandou o Viſo-Rey chamar pera a ſua galé todos os Fidalgos velhos, e Capitães, que eram mais de duzentos, que foram cuſtoſiſſimamente trajados, e armados por baixo, os quaes ſe eſtendêram pela galé de poppa á proa por ſima dos baleſteiros, e o Viſo-Rey dentro no toldo aſſentado em huma cadeira de borcado, veſtido de huma roupa preta, e huma ſaia de malha muito rica por baixo, e hum pagem com hum montante nú junto delle, no cabo da coxia encoſtado á eſtanteirola eſtava D. Jorge de Menezes, que depois foi Alferes mór do Reino, armado de armas inteiras brancas mui reluzentes, e huma cellada de aço na cabeça a modo de viſeira, e nas mãos hum grande montante dourado nú; e como era hum dos fermoſos homens de ſeu tempo, aſſim na eſtatura do corpo, como no valor de ſua peſſoa, e animo, ſó pera o ver ſe pudéra tomar qualquer trabalho.

O Embaixador do Mogor chegou á outra banda da praia, onde o eſperava D. Luiz de Almeida Capitão da Cidade com ſeus parentes, e amigos muito louçãos, e nas viſtas tiveram grandes cumprimentos; e tomando elle o Embaixador pela mão, o em-

embarcou em huma fusta ricamente preparada, e o levou ao toldo, onde se assentáram cada hum em sua cadeira de veludo, e ao affastar, e desamarrar da praia se fez hum sinal, com o qual começáram os galeões a disparar aquella soberba furia de artilheria huma, e muitas vezes, e o mesmo fizeram as galés, indo já o Embaixador pelo meio dellas, o qual fez parar a embarcação, porque com as nuvens do fumo não viam por onde hiam, porque escurecia a claridade do Sol, e depois das galés fizeram o mesmo as fustas, e navios de remo, o que tudo foi de muito maior espanto pera os Mogores, que nunca imagináram de ver, e cuido certo que de boa vontade trocára o Embaixador as honras de se ver naquelle lugar por se não ver nelle: durou esta salva largas duas horas; e tanto que o estrondo cessou, que se começáram a espalhar as nuvens de fumo, foi o navio em que o Embaixador hia remando pera a galé, e antes de chegar a ella lhe deo tambem huma fermosa salva: foi a fusta demandar a proa como estava ordenado, pela qual, e por sima daquelles fermosos canhões, e baziliscos foi o Embaixador desembarcado, e pela coxia o foi o Capitão D. Luiz sempre levando de mão, indo elle muito grave, pondo os olhos naquel-

quella fermoſa fidalguia que de huma, e outra parte eſtava; e chegando á eſtanteirola, deo com D. Jorge de Menezes em pé na fórma que diſſe; e parando hum pouco a olhar pera elle, lhe fallou. O Viſo-Rey ao entrar do toldo ſe levantou, e deo alguns paſſos a tomar o Embaixador, que ſe lhe vinha humilhando, e o levou nos braços, e pela mão o levou ao toldo, onde ſe aſſentáram, e o Viſo-Rey lhe perguntou pela ſaude do Hecobar, e de ſeus filhos, ao que lhe reſpondeo em fórma; e paſſados eſtes primeiros cumprimentos, lhe diſſe o Viſo-Rey que elle vinha muito alvoraçado pera ver o Hecobar, parecendolhe que o achaſſe mais perto; mas pois não podia ſatisfazer eſte deſejo, o mandaria fazer por ſeu Embaixador, que deſpediria em ſua companhia: e que eſtimava muito que foſſe Senhor do Reyno de Cambaya por ficar mais perto das noſſas Fortalezas, donde os Capitães dellas, e elle Viſo-Rey o ſerviriam, e ſuſtentariam com elle huma firme amizade pera melhor conſervação de ſeus Eſtados. O Embaixador depois de ter ſobre aquelles pontos os agradecimentos devidos, e cumprimentos neceſſarios, lhe deo ſua embaixada, que toda redundava em deſejar com o Eſtado da India a meſma paz, e amizade de que a todos reſultaria gran-

grandes bens, e accrefcentamentos; e por fim vieram a affentar, que o Vifo-Rey mandaffe feu Embaixador a concluir as pazes com o mefmo Hecobar, que eftava em Surrate: e que elle Embaixador efperaffe dous, ou tres dias da outra banda, onde tinha as fuas tendas até fe aviar a peffoa que com elle havia de ir, e que recolheffe a gente de guerra das terras de Damão, porque os moradores das aldeas, que era gente coitada, eftavam affombrados, e não oufavam cultivar fuas terras, o que o Embaixador prometteo, e cumprio inteiramente, e com ifto o defpedio com algumas peças ricas que lhe deo, e ao defembarcar teve outra falva femelhante á paffada, e o Capitão D. Luiz o poz da outra banda, e fe tornou pera a Cidade.

O Vifo-Rey tratou logo da eleição da peffoa, que havia de ir por Embaixador, e por parecer dos mais foi eleito Antonio Cabral, que era homem Fidalgo, e de bom entendimento, e de muitos annos da India, e que poderia fazer muito bem aquelle negocio, o qual logo fe fez preftes de trajos, e apparatos pera o lugar, que hia reprefentar diante de hum tamanho Monarca, e o Vifo-Rey lhe deo apontamentos das coufas, que havia de tratar fobre as pazes, e provisão pera conceder ao Heco-

bar

bar huma náo ſua pera ir de Surrate ao porto de Méca forra dos direitos. Negociado Antonio Cabral, paſſou-ſe da outra banda, levando comſigo Chriſtovão do Couto Lingua do Eſtado, e oito, ou dez homens de ginetes muito bem ataviados, e outra gente de ſerviço, e em companhia do Embaixador Mogor foi a Surrate, tendo o Hecobar já recado do ſeu Embaixador das couſas que tinha paſſado com o Viſo-Rey, e de como lhe mandava ſeu Embaixador, ao qual elle mandou receber mui honradamente, tendo com elle as práticas ordinarias de lhe perguntar pela ſaude de ElRey de Portugal, e do Viſo-Rey, e por outras couſas, a que lhe reſpondeo Antonio Cabral muito em fórma, e commetteo alli logo ás peſſoas que lhe pareceo a conclusão do negocio das pazes, com as quaes Antonio Cabral ficou correndo, ſendo em tudo Chriſtovão do Couto a Lingua, porque era homem muito reſoluto naquelles negocios, e por fim ſe vieram a concluir as pazes, e a ſe jurarem, Antonio Cabral por parte do Viſo-Rey; e da parte do Hecobar não pude ſaber ſe as jurou elle, ſe outrem em ſeu nome; e os pontos principaes com que ſe concluíram ſe poderáõ ver melhor deſte formão que dellas paſſou o Hecobar, das quaes eu te-

nho tres traslados na Torre do Tombo, cujo theor he o ſeguinte.

PODEROSO DEOS HUM SO'.

Mandado de Gelaldim Mamede Hecobar Patagaſi.

» AOs meus nobres, e honrados Rege-
» dores, Governadores, Capitães, e
» Fidalgos, e a todos os deſta dignidade,
» e a todos os mais meus criados, e Offi-
» ciaes, a que o conhecimento deſte perten-
» cer, mórmente aos que regem, e gover-
» não eſta Provincia de Guzarate, e prin-
» cipalmente aquelles que tem mandado ſu-
» premo em Baroche, e Surrate, e na Pra-
» ſara, de Nauſaury, e de Velodára: ſai-
» bam todos que o muito honrado dos mui
» illuſtres, e affamados deſte tempo, obe-
» diente ao alto mandado, D. Antonio de
» Noronha Viſo-Rey dos Portuguezes me
» mandou offerecer, e moſtrar quanto de-
» ſejo tinha de minha amizade, e quanta
» vontade tinha de fazer ſerviços a eſta mi-
» nha alta, e Real caſa, offerecendo-ſe-me
» pelo honrado Antonio Cabral, que por
» elle chegou a ſupplicar, e beijar o pé de
» meu alto aſſento, a qual offerta, e offe-
» recimento me contentou, e houve por
» bem

» bem mandar paſſar eſte meu alto, e il-
» luſtre formão, pelo qual vos mando em
» geral a todos, e a cada hum por ſi, que
» Damão, e ſuas terras, de que elle eſtá
» de poſſe, e as tem em ſeu poder, que
» lhas não tomeis, nem mandeis tomar,
» nem nellas entrar por nenhum caſo, nem
» chegar a ſeus extremos; e os Malavares
» que vierem com mercancia, e navegarem
» em ſeus paraos, e fuſtas, ſendo ladrões, e
» malfeitores, e merecerem ſer caſtigados,
» não os favoreçais, por ſerem perjudiciaes
» a toda a nação; mas antes vos mando
» que favorecendo os ditos Portuguezes, ſe-
» ja notorio a todos eſte favor, que lhes
» eu mando dar: fazei-o de maneira com
» que elles fiquem de mal livres, e do da-
» mno que lhes poderáõ fazer, pera que
» com iſſo vivam contentes; e ás ditas ter-
» ras não irá ninguem, nem a ſeus extre-
» mos; e não conſentireis a outrem que
» lhe faça damno algum; e o que virdes
» que he rebelde a eſte meu alto mandado,
» caſtigareis de maneira com que por ne-
» nhum caſo poſſa fazer damno algum: e
» todo o eſcravo de Portuguezes que vier
» a lugares, e terras noſſas fugindo das ſuas,
» examinareis a tenção que pera iſſo teve,
» e conforme a lei ſerá julgado, e entre-
» gue a ſeu dono: pelo que vos mando

 » que

» que em se cumprirem estas cousas não haja dúvida alguma. Feito a dezoito de Março de mil e quinhentos e setenta e tres. » Este formão tiveram alguns pera si que ficára em descredito do Estado pela grande soberba, que este barbaro nelle usára, e houve dúvidas se se havia de aceitar, ou se se havia dissimular, por se não arriscar aquella Fortaleza pela grande potencia com que este Rey estava tão perto della.

O proprio com o sello pendente do Hecobar feito em huma folha de papel de marca maior, achei eu na mão de hum homem, que me não lembra seu nome, nem como me disse viera a seu poder, o qual eu levei ao Viso-Rey, que me parece era D. Francisco Mascarenhas, pera que se veja como se guardam as cousas que tanto importam, e se põe em cobro neste Estado, onde se não trata mais que de ajuntar, e andar; e ainda este proprio que eu descubri, e dei ao Viso-Rey, não sei que he feito delle, sendo obrigação estar na Torre do Tombo, como padrão de huma doação de tanta importancia, como he o de huma Cidade com mais de doze leguas de jurisdicção: e por eu lembrar estes descuidos, ElRey D. Filippe, que está em gloria, quando me commetteo esta histo-

ria

ria da India , mandou logo ordenar esta Torre do Tombo, aonde mandou se recolhessem todos os papeis, livros, e cousas que houvesse em casa do Secretario, e na Chancellaria, e todas as instrucções, e regimentos que vem do Reino todos os annos, o que nunca pude acabar com os Viso-Reys que o fizessem assim executar, e quasi que está esta casa por fórma só com o titulo de Torre do Tombo, sem ter mais que huns poucos de livros velhos, que aqui lançáram os Officiaes por lhes não aproveitarem, nem servirem de cousa alguma.

E porque a mãi, e mulheres do Hecobar desejavam, como disse, irem-se offerecer á casa de Mafamede pera segurança da náo em que fossem, pedíram os Ministros do Mogor a Antonio Cabral salvo conducto pera poder partir de Surrate huma náo cada anno pera Méca forra dos direitos, que elle concedeo livremente, encommendando aos Capitães no salvo conducto que lhe déssem, e fizessem todo o favor, e serviço á mãi, e mulheres do Hecobar que lhe fosse necessario. Feitas estas amizades, e celebradas em Surrate, e em toda Cambaya, se despedio Antonio Cabral do Mogor, e se foi pera Damão, onde o Viso-Rey ainda estava dando despacho a muitas cousas.

E

E porque não fique isto pera outro lugar por caber neste, direi o que custa este cartaz todos os annos ao Estado. Andava a Alfandega de Dio neste tempo arrendada; e sabendo os rendeiros da liberdade desta náo, reclamáram ao Viso-Rey, pedindo abatimento do que importavam seus direitos, o que correo diante dos seus Officiaes da fazenda, onde se alvidrou que se descontassem dezoito mil pardáos cada anno da renda, visto pagarem outras, que se despachavam em Dio a mesma quantia, de que os rendeiros apresentáram certidões dos livros das Alfandegas. E assim ficáram faltando nas rendas do Estado cada anno aquelles dezoito mil pardáos: e não foi só esta a perda que por aqui recebeo, mas pelos tempos adiante recebeo mais de sinco mil cruzados por esta maneira. Tanto que os moradores de Cambaya (que costumavam ir a Méca em suas náos, que eram doze, e quinze, e tinham obrigação de irem carregar a Dio, e pagar alli os direitos) víram ser esta náo liberta dos direitos, lá em Méca embarcavam nella o seu ouro, prata, e brocados, coral, e outras fazendas ricas, que era o principal rendimento daquella Alfandega; e as náos da obrigação daquella Fortaleza chegavam a ella com o rebotalho das fazendas, que na

ou-

outra ſe não pudéram carregar, e a de menos ſubſtancia, de que a Alfandega recebe grandes perdas, em que não ha remedio algum, por quanto ſe havia de guardar aquelle cartaz que ſe concedeo, porque importa aſſim ao Eſtado pelo credito, e pela quietação da Cidade, e terras de Damão, em cuja defensão ſe gaſtaria duas, e tres vezes mais do que iſto monta pera ſe defenderem. Eſtando o Viſo-Rey aqui em Damão provendo em muitas couſas, lhe chegáram cartas de Maluco, aſſim da morte de Gonſalo Pereira Marramaque, como do eſtado perigoſo em que a Fortaleza de Ternate ficava, pelo que abbreviando os negocios, fez logo volta pera Goa.

O Mogor tanto que concluio com as couſas de Cambaya, e deixou dada ordem a ſeus governos, foi-lhe neceſſario acudir aos outros Reinos, porque ſe receava que aſſim os Liquios, que confinão com elle pela parte do Norte, como os Patanes, que lhe ficam ao Naſcente, que todos são ſeus mortaliſſimos inimigos, vendo-o muito tempo auſente lhe entraſſem por ſeus Reinos, como já fizeram por algumas vezes, como ſe verá na minha quinta, e ſexta Decadas: pelo que ſe poz logo a caminho, levando comſigo o Rey entregue (como diſſe) a hum Capitão, que o tratava mui-

muito bem, e o mesmo fez ao Itimitican; que lhe entregára o Reino, e aos mais Capitães, por assim segurar melhor a sua causa; e como he muito natural nos Reys estimarem a traição, e aborrecerem aos traidores, em pago de o Itimiticam lhe entregar aquelle Reino, lhe mandou em Laor cortar a cabeça, porque este foi o galardão que lhe deo, dando por razão que quem fora traidor ao seu Rey natural, e que chegou a entregallo em pessoa com o Reino, não guardaria lealdade a quem não tinha obrigações; e o mesmo fez aos mais dos outros Capitães por lhe não ficar cousa de que se pudesse temer, e recear, e por ficar seguro naquelle Estado, que tanto assombrou todo o Oriente. Chegou o Viso-Rey a Goa na entrada de Abril, e logo tratou do soccorro de Maluco por achar novas certas do miseravel estado em que aquellas partes estavam, e mandou negociar hum galeão, huma náo, e tres galeotas, em que se mettêram muitas munições, mantimentos, e roupas. Partio na entrada de Maio, e elegeo por Capitão mór deste soccorro a Antonio Valadares de Lacerda, que era provído da viagem de Bandá, que havia de ir fazer depois de deixar este soccorro em Maluco: da náo foi Antonio Machado Capitão; das galeotas

tas foram Francisco de Mello Soares, que depois foi Capitão de Barcellor, Christovão Machado, e D. Francisco de Lima. Partidos de Goa, não pudéram as galeotas dobrar a ponta de Gále, e arribáram a Ceilão, onde invernáram, o galeão, e a náo a passáram, e foram seguindo sua jornada, de que ao depois daremos razão.

E por quanto o Çamori fazia movimentos contra a Fortaleza de Cranganôr, despedio o Viso-Rey no mesmo tempo a Vicente Dias de Villalobos com duas galés, e sinco fustas pera ir invernar naquella Fortaleza: nas galés hia elle, e Vasco Fernandes Pimentel; nos navios hiam João Fernandes da Costa, Ruy Gonsalves Ribeiro, Manoel Carvalho de Oliveira, Bartholomeu Fernandes, e D. Garcia o Malavar.

E assim proveo as Fortalezas do Canará de alguns Capitães, e soldados, e a de Columbo em Ceilão com dous navios, em que foram Francisco Gomes Leitão Capitão do Campo, e Jeronymo Monteiro, e com isto se cerrou o inverno.

Muita perda foi pera os Chatins de Barcellor aquella Fortaleza em seu porto, porque não só lhes tirava os provimentos, mas ainda a sua liberdade, porque ficavam como cativos, sendo de antes tão livres, que não havia quem lhes fosse á mão: pelo que

ven-

vendo entrado o inverno , e que a Fortaleza ficava com pouca gente, determináram de a tomar; e ajuntando ſinco, ou ſeis mil homens, foram ſobre ella, e lhe puzeram hum rijo cerco. Ruy Gonſalves da Camera, que nella eſtava por Capitão, foi aviſado das preparações que faziam , e com muita preſſa deſpedio recado ao Viſo-Rey, que lá chegou no fim de Agoſto; e vendo que era forçado acudir áquelle negocio, logo com muita preſſa mandou lançar ao mar tres galeotas, e elegeo pera irem nellas a Gonſalo Nunes , filho de Leonardo Nunes, Fyſico mór de ElRey, por Capitão mór , e a Rodrigo Homem da Silva, filho de Vaſco Homem Fernandes, e Ruy Gonſalves Ferreira , que com ſer inverno tormentoſo ſahíram pela barra fóra em nove de Junho , e em ſua companhia foram Antonio de Menezes de Vaſconcellos , e Diogo Lopes da obrigação de Ruy Gonſalves da Camera, cada hum em ſua almadia forçando os mares, e os ventos por ſer o tempo groſſo , quaſi alagados chegáram áquella Fortaleza, que eſtava muito trabalhoſa, e tinha todos os dias grandes rebates , e aſſaltos dos inimigos ; mas com o ſoccorro ficáram mais aliviados, e todavia os inimigos foram mettendo cada vez mais cabedal , e apertáram muito com os noſ-

ſos,

ſos, do que Ruy Gonſalves aviſou ao Viſc-Rey, e lhe pedio mais ſoccorro, que elle logo negociou, e elegeo por Capitão mór delle D. Jorge de Menezes, que depois foi Alferes mór, a quem mandou armar doze galeotas, e fuſtas, que em breves dias ſe apercebêram, e partíram de Goa em dezenove de Julho, e os Capitães, a fóra D. Jorge, foram os ſeguintes. Roque de Brito, que hia por Feitor da Armada, Triſtão Gomes Pereira, filho do Tanadar mór de Goa, Franciſco Pereira, Sebaſtião Gonſalves de Alvellos, Leonel de Lima, que em Portugal foi Provedor da Caſa da India, Pedro Boto Meirelles, D. Eſtevão de Menezes, filho de D. Jorge de Menezes o Baroche, Cuſtodio Mendes de Vaſconcellos, D. Diogo da Silveira, filho de D. Simão da Silveira o Velho, Thomé de Souſa Coutinho, irmão de Manoel de Souſa Coutinho, que depois foi Governador da India, Domingos Ferreira Eſcorcio, e Diogo Rodrigues, homem da terra.

D. Jorge de Menezes não pode ſahir pela barra fóra por ſer o tempo muito tormentoſo, e eſtarem os bancos areados, e ſoberbos, pelo que determinou de ir pela de Goa velha, e aſſim foi por dentro dos rios rodeando a Ilha até a boca da barra, que ſe chama Murmugão, que he mais larga

ga que a de Goa, e mais oppoſta ao vento traveſsão, onde os mares fazem grandes eſcarceos, e por ſima daquellas carrancas commetteo a ſahida, na qual eſteve toda a Armada perdida, e com grande trabalho, e riſco tornáram pera dentro todos alagados, e com os mantimentos perdidos; e ſem querer D. Jorge tornar a Goa, mandou recado ao Viſo-Rey, o qual me mandou chamar, porque corria (como diſſe) com os armazens dos mantimentos, pera que proveſſe aquella Armada de novo, como fiz em vinte e quatro horas, e o Capitão mór gaſtou tres, ou quatro dias em reformar os navios, porque ſahíram todos deſtroçados; e tomando os novos provimentos, tornou D. Jorge a commetter a barra, já em quatro, ou ſinco de Agoſto, e porfiando contra os ventos, e mares, ſahio fóra ao largo, e deo á véla com toda a ſua Armada junta, indo correndo a coſta, porque ainda que o vento era furioſo, ſervia pera a jornada, e ao outro dia foi tomar o rio Janquiſer, onde levava por regimento ir queimar huma galé que diziam ſe fazia alli, e caſtigar aquelle Naique por eſtar levantado, como o anno paſſado o caſtigára D. Diogo de Menezes. D. Jorge commetteo a entrada do rio, que he muito ruim, e de muitas pedras, e com muito

tra-

trabalho, e risco entrou dentro, e foi pôr a proa na povoação, em que mandou desembarcar trezentos homens com seus Capitães com ordem do que haviam de fazer; e entrando a povoação, acháram huma náo, que se estava fazendo em estaleiro, e lhe puzeram o fogo; ao que o Naique acudio com suas gentes, que eram mais de mil e quinhentos homens, com os quaes os nossos travâram huma muito razoada batalha. Na Armada se ouvio a revolta, e os nossos que della vieram fugindo, deram recado ao Capitão mór, o qual saltou logo em terra armado com hum montante nas mãos, e os soldados do seu navio foram correndo áquella parte, deixando no navio André de Sousa, irmão de Francisco de Sousa o Manco, hum Fidalgo mancebo de muitas partes, pera que lho tivesse naquelle lugar, e a Pedro Boto Meirelles com a gente do seu navio, pera que se não affastasse da Armada, e pera que recolhesse alguns desmandados. D. Jorge foi até á povoação, onde os nossos andavam de volta com os inimigos, que logo se desbaratáram com sua chegada, e D. Jorge foi recolhendo os seus, e encaminhando pera a praia. Os dous Fidalgos, que elle deixou em guarda dos navios, deo-lhes a desconfiança de verem ir o Capitão mór daquel-

quella maneira pera a povoação, e de ouvirem a revolta da briga, pelo que largando tudo, foram caminhando pela povoação dentro por huma rua differente da por onde o Capitão mór se vinha recolhendo, e deram com hum corpo de inimigos, que vinham ladrando aos nossos; e vendo aquelles Capitães com poucos soldados, denodadamente remettêram a elles, que tiveram por affronta fugirem-lhes, antes lhes fizeram rosto, e com grande valor traváram com elles huma aspera batalha, em que fizeram altissimas cavallarias; mas como os inimigos eram tantos, e os tinham rodeados por muitas partes, os matáram de innumeraveis feridas, e ainda lhes cortáram as cabeças. D. Jorge chegando á Armada, e achando menos aquelles dous Fidalgos, bramia como hum leão de lhe sahirem contra seu mandado; e mandando-os buscar, os acháram sem cabeças, e os trouxeram á praia, o que D. Jorge sentio em extremo, porque só aquelles dous Fidalgos se perdêram por desconfiança; e mandando-os embarcar, os foi enterrar em huma Ilha que se faz no meio do rio, onde pera sempre ficáram.

Feito isto, partio D. Jorge pera Barcellor onde entrou, e na barra achou huma náo de Méca que tomou, e mandou pôr

a bom recado; e chegando á Fortaleza, a achou já desapressada, e sem trabalho; e deixando-lhe gente, e munições, voltou logo pera Goa, levando a náo comsigo, a qual o Viso-Rey mandou entregar ao Veador da fazenda; mas era cousa de pouco porte.

CAPITULO XIV.

Vai D. Henrique de Menezes ao Norte, toma duas náos de Méca, e perdem-se com tormenta.

PArtido D. Jorge de Menezes pera Barcellor, logo o Viso-Rey mandou preparar outra Armada de huma galé, e sete galeotas, de que fez Capitão mór D. Henrique de Menezes, porque foi avisado que em Dabul se esperavam algumas náos do Idalxá, que haviam de vir de Méca sem cartazes, dando por regimento a D. Henrique que as tomasse, senão trouxessem salvo conducto, conforme ao contrato das pazes; e que trazendo-o, lhes fizesse cumprimentos, e corresse com elles como náos de Rey amigo. D. Henrique se fez á véla no fim de Agosto, elle na galé, e nas galeotas Antonio Mascarenhas, Fernão de Sousa Coutinho, Gonsalo Guedes de Reboredo, Vicente Carvalho, Manoel de Lima,

Al-

Alvaro Peixoto , e Martim de Aguiar , e com o tempo que ainda era verde foi navegando pera o Norte ; e andando aſſima dos Ilheos de Anguirála ſete , ou oito leguas de Chaul , houveram viſta de huma fermoſa náo , que vinha com o meſmo tempo com todas as vélas enfunadas a demandar a terra ; e indo-ſe a ella , a rodeou com os ſeus navios , e lhe mandou pedir o cartaz , ao que lhe reſpondêram com muitas bombardadas : pelo que o Capitão mór a foi varejando com a artilheria tezamente ſem poderem os navios chegar a abordarem-na pela groſſidão dos mares. Ella que hia poderoſa , e levava muita gente , deixou-ſe ir ſeu caminho , defendendo-ſe com algumas peças de artilheria muito bem : aquelle dia , e noite a foram os noſſos ſeguindo até deſapparelharem de todo que ſe rendeo , e o Capitão mór mandou metter na galé o Capitão , e Officiaes , e mandou pelos navios dar toas á náo ; e ſabendo do Capitão , e da gente della que atrás vinha outra náo , a eſperou , e dalli a tres , ou quatro dias appareceo ; e indo-a demandar , a rodeou , e lhe perguntou pelo cartaz , a que tambem lhe reſpondêram com muitas bombardadas. Os noſſos lhe começáram a fazer ſeus officios tão bem feitos , que em pouco tempo ſe rendeo , porque tomáram

por

por melhor confelho fazerem-no affim, que arrifcarem as vidas. D. Henrique vendo-fe com duas náos tão poderofas ricas, deo logo á véla pera Goa; mas como os gof-tos do mundo não coftumam nunca fer de muita dura; fendo tanto ávante como a en-feada dos Bragmanes abaixo de Dabul, lhe deo huma tormenta do Sul tão groffa, que obrigou aos noffos a lhe virarem a anca; e como hiam perto de terra, e os ventos, e mares andavam mui groffos, deo logo com huma das náos á cofta, onde fe fez em pedaços, e o que fe falvou foi roubado dos da terra. D. Henrique de Menezes foi correndo tormenta com a galé que era ve-lha, e já aberta por algumas partes, e de-fronte daquellas Ilhas fe lhe abrio de to-do, pelo que foi forçado virarem a terra, donde fe falváram milagrofamente do mar, mas não da gente, porque logo foram pre-zos, e levados dalli ao Tanadar, que os mandou ao Idalxá, cujas as náos eram, pa-decendo trabalhos no caminho, e na Cor-te os mandou aquelle Rey ter a bom reca-do; e de fincoenta foldados, e Fidalgos que levava, fó me lembra de D. João de Ataíde, que depois foi Capitão de Baçaim, irmão de D. Alvaro de Ataíde, que nefte mefmo tempo eftava por Capitão em Ma-luco de cerco, e em trabalho, como logo

diremos; e não só fez isto o Idalxá, mas mandou logo reprezar todos os Portuguezes, que estavam na sua Corte, com cavallos, e outras fazendas.

As náos da Armada de D. Henrique, que foram com a outra náo, pairáram o melhor que pudéram; e como passou o tempo, foram seguindo sua derrota pera Goa; e sendo tanto ávante como o rio Tarvorá, dezoito, ou vinte leguas de Goa encontráram com nove paraos, e os foram demandar com grande determinação. Os Capitães dos nossos navios chegáram á galeota de Antonio Mascarenhas, que hia por cabeça delles, e lhe disseram que lhes parecia bem recolherem-se dentro da náo com os navios á roda, onde se defenderiam melhor, porque levavam todos os navios abertos da tormenta que passáram, e que não estavam pera passarem trabalho, nem pera jogarem artilheria. Antonio Mascarenhas, que era muito cavalleiro, e desconfiado, disse que tal não havia de fazer, e que havia de pelejar com os paraos barba a barba, e não havia de dar occasião a que dissessem que elle lhe fugíra, que o seguissem, que Deos lhe daria a vitoria, e assim voltou aos paraos, que já vinham perto delles, e huns, e outros se commettéram denodadamente, disparando sua artilheria, e es-

espingardaria. Os paraos abordáram os nossos, e dous delles a Antonio Mascarenhas, que valerosamente foi morto com a maior parte dos seus, e o mesmo foi Fernão de Sousa Coutinho; e algumas pessoas das que escapáram desta refrega me disseram, que primeiro que os matassem fizeram grandes cavallerias, e pela mesma maneira foram os mais dos nossos. Alguns navios que víram a cousa mal parada foram-se recolhendo á náo, da qual se defendêram valerosamente. Os Malavares lhe puzeram bandeira branca, e lhes mandáram dizer que se entregassem, que lhes dariam hum navio dos seus, em que se fossem livremente pera Goa; e havido conselho entre si, assentáram que sería bem acceitarem o partido, porque já estavam sem munições, e os Mouros vitoriosos que os não haviam de largar até os não renderem. Assentado isto, o disseram aos Malavares, os quaes por lhes ficar a náo de preza, lhes concedêram o partido, e lhes mandáram pôr a bordo hum navio, em que todos se embarcáram, e deram á véla pera Goa; e por este successo infelice se póde conhecer quanto mal faz huma desconfiança, e quão perigosa cousa he na guerra, porque as mais das vezes dá em perdições, e em trabalhos grandissimos, como nesta occasião vemos

que ſuccedeo ; porque ſe Antonio Maſcarenhas ſe recolhêra na náo com toda a gente, nem elle fora morto, nem a Armada desbaratada, nem os Malavares ſe lográram da náo, que tanto trabalho lhes cuſtou ; e depois que tomáram poſſe della, dando-lhe buſca, recolhêram aos navios todo o bom que acháram, e a náo com o que lhe não ſervio, deixáram no mar, ainda que me parece (ſe mal me não lembra) que tambem a leváram comſigo á toa.

Chegando a Goa a fuſta da companhia de D. Henrique de Menezes com os que eſcapáram dos Malavares, ſentio muito o Viſo-Rey o caſo, aſſim por não ſaber ainda novas de D. Henrique, como pela perda das náos, que eram de grande importancia, e podiam remediar o Eſtado, que eſtava mui endividado, e impoſſibilitado por cauſa das grandes guerras que houve; e chamando Fernão Telles, lhe mandou que até o outro dia ſahiſſe pela barra fóra na ſua galé baſtarda, e com alguns navios mais, com que os Fidalgos ſe offerecêram ao acompanharem; e ſem ſe affaſtarem dalli, mandáram embarcar muitos provimentos em navios de mercadores, que alli ſe trouxeram, porque corrêram as novas do caſo pela Cidade, e tinha acudido ao caes toda a ſoldadeſca, que havia em

Goa

Goa com ſuas armas, o mandou o Viſo-Rey embarcar; e tanta preſſa ſe deram, que de noite ſe acabáram de embarcar, e provêram do neceſſario, e deram á véla: Fernão Telles na galé, como diſſe, e nos navios que ſe pudéram negociar foram os Capitães ſeguintes: Gaſpar de Brito, Franciſco da Silva de Menezes, Diogo de Azambuja, D. Eſtevão de Menezes, filho do Baroche, Belchior Calaſſa, D. João de Souſa, e Pedro Rodrigues Malavar, que todos ſe fizeram á véla a vinte e oito de Setembro, e foram correndo a coſta, levando diante navios ligeiros pera deſcubrirem os portos; e indo até Dabul ſem acharem novas da náo, nem da Armada Malavar, ſe tornáram a recolher a Goa já com os mantimentos gaſtados. Neſte tempo em fim de Setembro foi D. Franciſco Henriques entrar na Fortaleza de Malaca, e foi embarcado na náo com Triſtão Vaz da Veiga, que tinha vindo de fazer duas viagens da China pera Japão, e hia pera Sunda fazer dez mil quintaes de pimenta pera de lá ſe ir pera o Reino, por contrato que fez com o Viſo-Rey D. Antonio, por ter ElRey mandado que por aquella via foſſe huma náo todos os annos, e não achei a fórma do contrato.

Recolhido Fernão Telles, veio logo re-

ca-

cado ao Viſo-Rey que na Fortaleza de Beligão eſtava D. Henrique com os Portuguezes reteudos, e ainda todos os que andavam na Corte do Idalxá com muitos cavallos, e outras fazendas, que ſe lhe depoſitáram, pelo que lhe pareceo que pera conſervação da amizade daquelle Rey era neceſſario mandar-ſe-lhe deſculpar do caſo; e porque lhe diſſeram que andavam huns agentes daquelle Rey em Goa comprando hum cavallo que havia de fama, e algumas eſpadas largas, mandou elle comprar o cavallo, e mandou guarnecer algumas eſpadas muito fermoſas, que ſe buſcáram, e elegeo pera mandar a eſte negocio a Chriſtovão do Couto, Lingua do Eſtado, homem muito prático nas artes daquelles Reys, e de quem todos tinham muito conhecimento, pelo qual mandou viſitar ao Idalxá, e lhe eſcreveo huma carta de muitos cumprimentos, deſculpando-ſe do caſo das náos, e pondo a culpa aos donos dellas de navegarem ſem cartazes, e ao tempo tormentoſo que as desbaratou, porque a ſua tenção era, ſe foram ter a Goa, não ſe bulir nellas, e mandar-lhas de preſente, porque niſſo ſervia a ElRey de Portugal ſeu Senhor, como lhe tinha encommendado.

Chriſtovão do Couto foi em breves dias á Corte, aonde tratou de lhe ElRey dar

au-

audiencia, e apprefentar-lhe a carta, e prefente do Vifo-Rey, o que não pode acabar com elle, nem ElRey o quiz ouvir, antés o mandou deter, de que elle logo avifou ao Vifo-Rey, o qual vendo aquillo, e fendo informado que havia ainda outras duas náos do Idalxá pera virem de Méca, determinou de as mandar tomar pera com ellas fazer as pazes, e amizades com aquelle Rey, pera o que defpedio Fernão Telles com duas galés, e treze fuftas, de que foram por Capitães, elle em huma galé, e da outra D. João da Gama, e das fuftas D. Sancho de Vilhena, D. Eftevão de Menezes, D. Bernardo de Noronha, D. Luiz de Menezes, Manoel de Miranda Henriques, Diogo Taveira, Fernão de Albuquerque, Eftevão de Pina, Gafpar de Brito, Nuno Fernandes de Ataíde, Gafpar de Soufa, e Domingos Ferreira Efcorcio. E com efta Armada fe fez á véla no fim de Outubro, e com ella toda junta fe foi pôr na paragem, que as náos de Méca haviam de vir demandar, e affim o deixaremos: nefta companhia foi Fernão de Soufa Chichorro entrar na Capitanía de Dio.

Antes de partir Fernão Telles de Goa, chegáram de Portugal as náos S. Gregorio, de que veio por Capitão Antonio Rebello, irmão de Pero Lopes Rebello, de quem nef-

te

te Epilogo fallei muitas vezes, e a náo Belém, Capitão Theotonio de Vasconcellos, e a náo Santa Clara, de que veio por Capitão Luiz Dalter, todos tres da companhia de D. Francisco de Sousa, que tinha partido por Capitão mór de quatro náos, o qual foi tomar Cóchim no fim de Outubro, e logo se embarcou pera Goa por trazer a seu cargo cousas de muita importancia, como logo veremos, e chegou a esta Cidade na entrada de Dezembro, o qual logo se foi ver com o Arcebispo D. Gaspar, e lhe deo huma instrucção de ElRey com huma carta em sima pera elle, na qual lhe dizia que se o Viso-Rey D. Antonio de Noronha não tivesse mandado a Antonio Moniz Barreto pera Malaca, ou não estivesse já pera o despachar pera lá, em tal caso abrisse huma successão da governança da India, que com aquella hia, e mandasse chamar a Antonio Moniz á Sé, e D. Francisco de Sousa Capitão mór da Armada do Reino, e o Secretario, e o Veador da Fazenda, D. Pedro de Sousa Capitão da Cidade, e os Vereadores, e Officiaes da Camera, Desembargadores, e Fidalgos, e todas as mais pessoas públicas, e que a pessoa que nella estivesse, fizesse logo entregar da governança da India, e que D. Antonio de Noronha se embarcasse

ſe pera o Reino na náo Capitânia com D. Franciſco de Souſa quaſi como prezo. Tanto que o Arcebiſpo vio o eſtilo da inſtrucção, que ElRey lhe commetteo, ſem fazer mais diligencia alguma naquelle negocio, mandou chamar á Sé todas as peſſoas aſſima nomeadas em nove de Dezembro de mil e quinhentos e ſetenta e tres; e ſendo todos preſentes, mandou ler a inſtrucção de ElRey pelo Secretario Rodrigo Annes Lucas, por virtude da qual tirou logo do peito a via da ſucceſsão, que ElRey lhe mandou, que tambem mandou ler diante de todo aquelle concurſo em alta voz, a qual de *verbo ad verbum* he a ſeguinte, que quiz aqui pôr, por quanto foi couſa nova naquella Cidade.

CAPITULO XV.

Manda ElRey deſapoſſar do governo a D. Antonio de Noronha.

» EU ElRey faço ſaber aos que eſte vi-
» rem, que por alguns reſpeitos de meu
» ſerviço tenho aſſentado que D. Antonio
» de Noronha do meu Conſelho, meu Vi-
» ſo-Rey da India, ou qualquer outro Go-
» vernador que lhe tiver ſuccedido, ſe ve-
» nha pera eſte Reyno nas náos deſta Ar-
» ma-

» mada, de que vai por Capitão mór D.
» Francisco de Sousa, como se contém em
» huma carta que ao Arcebispo escrevo,
» e ao dito Viso-Rey; e pela muita con-
» fiança que tenho de Antonio Moniz Bar-
» reto do meu Conselho, que encarreguei
» de Governador de Malaca, e partes do
» Sul, hei por bem de meu serviço que o
» dito Antonio Moniz succeda na gover-
» nança da India, e entre logo nella, co-
» mo se nestas náos fora por mim proví-
» do de Governador da India. Notifico-o
» assim ao dito Viso-Rey D. Antonio de
» Noronha, ou qualquer outro Viso-Rey
» que lhe tiver succedido, e lhe mando que
» logo tanto que esta Provisão lhe for ap-
» presentada, entregue a dita governança
» da India ao dito Antonio Moniz Barre-
» to, sem dúvida alguma, e todos os regi-
» mentos, cartas minhas, e Provisões, que
» deste Reyno levou, e lhe mandei o an-
» no passado, e ora envio nas náos desta
» Armada, tendo-se na dita entrega o mo-
» do que se usa, e guarda em semelhan-
» tes entregas de huns Governadores a ou-
» tros, de que se farão autos, e se passa-
» rám Certidões na fórma que se costumam
» fazer; e feita logo a dita entrega pela
» dita maneira, desde agora em diante hei
» ao dito D. Antonio de Noronha, ou a

» qual-

» qualquer outro Governador, por desobri-
» gado da homenagem que me fez da di-
» ta governança, e ao dito Antonio Mo-
» niz Barreto por obrigado a ella; e po-
» rém elle dito Antonio Moniz a faça em
» fórma, e assim o juramento, que me fa-
» zem os Governadores da India junta-
» mente, e conforme o que se costuma na
» India, quando se abrem as succesśões da
» dita governança: e mando a todos os
» Officiaes de Justiça, e de minha Fazen-
» da das ditas partes, Capitães das Forta-
» lezas, e de minhas Armadas, e navios,
» Fidalgos, Cavalleiros, e gente de ar-
» mas, que nas ditas partes me andam ser-
» vindo, e a quaesquer outras pessoas, a
» todos em geral, e a cada hum em par-
» ticular, que recebam ao dito Antonio
» Moniz Barreto por meu Capitão mór, e
» Governador das ditas partes, e lhe obe-
» deção, e cumpram em tudo seus manda-
» dos inteiramente, e o deixem usar da ju-
» risdição, e alçada que tinha concedido
» ao dito D. Antonio de Noronha, sem dú-
» vida, nem embargo algum que a isso se-
» ja posto, que assim o hei por bem de
» meu serviço; e ficando o dito Antonio
» Moniz por Governador da India por bem
» desta Provisão, hei por bem de meu ser-
» viço que succeda na governança de Ma-
» la-

» laca a peſſoa nomeada na primeira ſuc-
» ceſsão da dita governança, e em defeito
» da tal peſſoa haverão effeito as mais ſuc-
» ceſsões por ſuas precedencias: e hei por
» bem que eſte valha, e tenha força, e vi-
» gor, como ſe foſſe Carta feita em meu
» nome por mim aſſignada, e paſſada por
» minha Chancellaria, e ſellada com o ſel-
» lo de minhas Armas, ſem embargo da
» Ordenação do livro ſegundo, titulo vin-
» te, que defende que não valha Alvará,
» cujo effeito haja de durar mais de hum
» anno: e valerá outro ſim, poſto que não
» ſeja paſſado pela Chancellaria, ſem em-
» bargo da dita Ordenação, que o contra-
» rio diſpõe. Miguel de Moura a fez em
» Xabregas a doze de Março de mil e qui-
» nhentos e ſetenta e tres.» R E Y.

Lida a ſucceſsão, logo Antonio Moniz Barreto deo a homenagem do Eſtado da India na fórma da ſucceſsão nas mãos do Arcebiſpo, e juntamente fez o juramento ordinario que fazem os Viſo-Reys, e Governadores, cujo traslado, porque he notavel, e não ſei ſe todos o guardam, o porei aqui, poſto que já em huma das minhas Decadas o fiz, e o que juram he o ſeguinte, poſtas as mãos em hum Crucifixo em ſima de hum Miſſal.

» Juro aos Santos Evangelhos, em que
» po-

» ponho as mãos , que não dei , nem da-
» rei , nem prometti de dar , nem mandar
» cousa alguma a nenhuma pessoa por cau-
» sa de me ser dada esta Capitanía , e go-
» vernança , nem pera ao diante a vir a
» ter : e assim juro que quanto a mim , e
» a minhas forças , e juizo for possivel , eu
» servirei o dito cargo , e governança bem ,
» e fielmente , como ao serviço de Deos ,
» e descargo da consciencia de S. A. e mi-
» nha cumprir : e trabalharei quanto em
» mim for , que inteira , e igualmente se
» guarde direito , e justiça ás partes , sem
» alguma differença , nem respeito que ha-
» ja de grandes a pequenos , nem de ricos
» a pobres , nem de estrangeiros a natu-
» raes , porque quanto em mim for , pro-
» curarei que a todos se faça , e guarde
» por inteiro , e especialmente terei cuida-
» do dos prezos , orfãos , e viuvas pobres ,
» e pessoas miseraveis : e trabalharei quan-
» to em mim for , que todos os negocios ,
» e despacho que a meu cargo pertence-
» rem se despachem bem , justa , e breve-
» mente , sem alguma paixão de odio , amor ,
» nem affeição , ou parentesco , nem de ou-
» tros semelhantes respeitos : e assim mes-
» mo juro , que nem por mim , nem por
» interposta pessoa não receberei dadivas ,
» presentes , nem serviço algum de nenhu-

» ma

» ma peſſoa que ſeja ; e quando alguns
» Reys , ou Senhores das ditas partes me
» mandarem alguns preſentes , ou dadivas ,
» que pareça que por ſerviço do dito Se-
» nhor , e por evitar eſcandalo lhos devo
» tomar , em tal caſo os mandarei logo en-
» tregar inteiramente ao Feitor de S. A.
» da Feitoria onde eſtiver , e os mandarei
» carregar ſobre elle com receita pelos Eſ-
» crivães de ſeu cargo : e aſſim com dili-
» gencia trabalharei que os Capitães do di-
» to Senhor , Feitores , Eſcrivães , e quaeſ-
» quer outros Officiaes , aſſim de Juſtiça ,
» como da Fazenda , que neſtas partes eſti-
» verem , ſirvam ſeus Officios bem , e ver-
» dadeiramente , e ſegundo ſeus regimen-
» tos , os quaes inteiramente farei guardar
» ſem mingua alguma , e aſſim todas as
» Provisões de S. A. , e aſſim meſmo juro ,
» e prometto de guardar todas as ordens ,
» e provisões do dito Senhor ; e por firme-
» za de tudo aſſima promettido , e jurado
» aſſignei aqui neſte aſſento. »

CAPITULO XVI.

De como ſuccedeo na governança de Malaca D. Leoniz Pereira.

ACabado eſte acto, o Arcebiſpo D. Gaſpar tirou do ſeio huma ſucceſsão, que lhe ElRey tinha tambem mandado com a outra, que mandava que na meſma hora ſe abriſſe, e que a peſſoa que nella ſe achaſſe, ſuccedeſſe na governança de Malaca, e partes do Sul, aſſim como o Governador Antonio Moniz viera declarado de Portugal, a qual ſe abrio logo, e ſe achou que havia ElRey por bem que ſuccedeſſe nella Gonſalo Pereira Marramaque; e por ſer falecido, ſe abrio a ſegunda ſucceſsão, em que ſe achou D. Leoniz Pereira, que por não eſtar preſente o mandou o Governador logo chamar a S. Franciſco, pera onde logo ſe foi com todos os que eſtavam alli preſentes; e indo lá ter o dito D. Leoniz Pereira, ſe lhe leo a ſucceſsão que elle aceitou, e alli logo deo a homenagem daquellas partes do Sul nas mãos do Governador Antonio Moniz Barreto; e acabada ella, fez o meſmo juramento atrás, que o meſmo Governador tinha feito. Feitos eſtes actos, foi-ſe o Governador, Arcebiſpo, Capitão mór das náos com to-

todos os mais que eſtavam preſentes, aſſim Capitães, e Fidalgos, como Officiaes de Juſtiça, e Fazenda, aſſim como alli eſtavam, ás caſas da Fortaleza, onde eſtava o Viſo-Rey D. Antonio de Noronha, que já ſabia de tudo, e ſoffreo eſte golpe com grande conſtancia de animo, ſem turbação alguma, e perante elle ſe leo pelo Secretario a Carta de ElRey pera o Arcebiſpo, por virtude da qual ſe abrio a ſucceſsão da governança da India, da qual ElRey eſcuſava ao dito D. Antonio de Noronha, e lhe mandava ſe foſſe pera o Reino com todas as mais couſas atrás, que tudo ouvio o dito D. Antonio ſem alteração, nem ſobreſalto algum exterior; e depois de tudo lhe ſer notificado, diſſe que elle havia por muito bem ordenado tudo o que S. A. tinha mandado, e que elle lhe obedecia, e punha ſuas Provisões todas ſobre ſua cabeça, e que naquillo lhe faria a maior mercê do mundo em o mandar ir pera ſua mulher, e filhos, que elle deſpejava logo a Fortaleza pera ſe embarcar pera o Reino, onde confiava de S. A. lhe fizeſſe juſtiça, e déſſe ſatisfação daquelle caſo, em que elle ſe havia de moſtrar ſem culpa. Com iſto ſe deſpedio o Governador, Arcebiſpo, e os mais, a quem o Viſo-Rey acompanhou até ás eſcadas; e porque muitos

tos Fidalgos ſeus parentes, e amigos ſe deixáram ficar com elle, lhes pedio que tal não fizeſſem, e que foſſem acompanhar o ſeu Governador.

Eſte foi o mais novo, e eſcandaloſo caſo que na India aconteceo, do qual muitos tiveram a culpa, porque deram occaſião a ſe deſapoſſar do governo hum Fidalgo tão honrado, e tão benemerito. Caſo era eſte digno de ſe caſtigar; mas deixando os que em Portugal tratáram diſto com ElRey, a peſſoa a quem ſe deo maior culpa deſta deſcompoſtura foi ao Arcebiſpo D. Gaſpar; porque dizendo-lhe ElRey na carta, que lhe eſcreveo, que ſe D. Antonio de Noronha não tiveſſe mandado Antonio Moniz Barreto a Malaca, ou ſe não eſtiveſſe pera o mandar (iſto ſegundo ſe dizia publicamente, que eu não achei nem as cartas, nem as inſtrucções que deviam mandar-ſe pera o Reyno) que ſe abriſſe aquella via particular que lhe enviava: ſe aſſim foi, parece que eſtava obrigado a ſaber do Viſo-Rey ſe havia de mandar Antonio Moniz a Malaca na monção ſeguinte de Abril, aſſim como ElRey o mandava; e que poſto que lhe diſſeſſe que o havia de mandar, eſperaſſe até ver ſe o mandava; e quando não, poderia então livre de toda a calúmnia abrir a ſuccesſão, e não tão accelerada-

 men-

mente, ſem fazer diligencia alguma; porque aquella particula da carta que dizia, ou ſe não eſtiver pera o mandar (ſe tal he, como já diſſe) parece que ſe havia de eſperar até á monção de Abril, em que de ordinario ſe parte pera Malaca, e não tomarem aſſim hum Fidalgo tão velho, e honrado tanto de ſobreſalto, e havendo tempo pera elle poder dizer que enviaria Antonio Moniz, como ElRey mandava. Iſto he o que geralmente ſe praticava em Goa; e quanto ao Arcebiſpo eu o tinha por grande virtuoſo, tão honrado, e tão grande Theologo, que não havia de fazer couſa tão grave ſem muita conſideração; porque ficaria em reſtituição a D. Antonio de Noronha de ſua honra, fazenda, e ainda da vida, porque de puro nojo faleceo em Portugal; e do meſmo modo me dizem falecêra D. Fernão Alvares de Noronha ſeu cunhado, e ſua irmã D. Franciſca, mulher do meſmo D. Antonio de Noronha: e ainda me certificáram mais, que a peſſoa que fez com ElRey D. Sebaſtião que ordenaſſe eſta mudança, que tambem morrêra do meſmo. Juſtos juizos são de Deos, cujos caminhos ficam incognitos ao noſſo limitado juizo, em parte eſtam todos onde ſe ſabe a verdade deſte caſo, e lá terão o galardão, ou caſtigo que por elle merecêram.

O

O que eu como teſtemunha de viſta ſei, e poſſo com verdade affirmar, he, que o Viſo-Rey D. Antonio não teve culpa alguma em não mandar a Malaca Antonio Moniz Barreto, o qual melhor que ninguem conhecia eſta impoſſibilidade, pois achou o Eſtado, quando chegou á India, nas guerras já referidas, e Goa cercada com o poder maior que no Oriente ſe vio dos mais poderoſos Reys delle, e Chaul de cerco tão rigoroſo como temos viſto, e o Theſoureiro ſem hum ſó pardao em dinheiro, os armazens ſem artilheria, nem munições, e a Fortaleza de Chalé cercada do Çamori, e em tal aperto, que ſe entregou a partido, como diſſemos, Maluco em tantos trabalhos, como tenho moſtrado; e que huma Armada tão poderoſa, como Gonſalo Pereira Marramaque levou tão cheia de gente, e provída de baſtimentos, e munições tudo por lá ſe conſumio: e que pera ſe fazerem as Armadas da coſta do Malavar, e do Norte não havia navios, nem cabedal, porque por cauſa da guerra geral as Alfandegas não rendêram couſa alguma; e que pera ſe aviar Antonio Moniz do modo que ElRey mandava não havia gente, vaſilhas, nem artilheria; e quanto ao cabedal mal ſe podia fazer o que havia de levar com quatrocentos mil pardaos, que

não havia donde se tiraſſem, como tudò logo ſe moſtrou bem claro; porque mandando ElRey a Antonio Moniz que deſpachaſſe pera Malaca a D. Leoniz, do meſmo modo que ElRey mandára ao Viſo-Rey D. Antonio que o deſpachaſſe a elle, não houve com que, nem foi, como melhor ao diante ſe verá, pelas quaes razões ElRey foi muito enganado, como ſempre ſerá de quem lhe aconſelhar que divída o governo da India; porque eſtá claramente manifeſto, que nem hum, nem outro ſe poderam ſuſtentar, porque o de que depende a governança de Malaca, e de que ſe póde ſuſtentar, he ſó dos direitos da China, e do cravo de Maluco, que não ſei ſe renderám duzentos mil xarafins, que tantos he força venham a faltar nos rendimentos da Alfandega de Goa, que piedoſamente ſe póde ſuſtentar com todos os rendimentos, como por muitas vezes ſe tem moſtrado ao Rey nas receitas do que rende, e nas deſpezas do que ſe gaſta, que demais a mais paſſam as deſpezas cada anno de duzentos mil pardaos: como ſe poderá logo ſuſtentar a governança de Malaca ſeparada da India? E já por varias vezes tenho moſtrado pelo diſcurſo das minhas Decadas, que algumas vezes que os Reys de Portugal pertendêram eſtas diviſões,

sões, ellas por si se acabáram, e desfizeram, porque as cousas grandes com o mesmo tempo cahem.

Primeiro que passe daqui, quero contar o que me aconteceo com o Viso-Rey D. Antonio de Noronha no princípio de Agosto passado, que fazia a Armada pera D. Henrique de Menezes, que foi esta. Tinha eu a meu cargo os Armazens dos mantimentos, e hum dia me mandou chamar, estando só, pera me encommendar os provimentos daquella Armada, e de prática em prática me perguntou pelas novas que corriam em Goa; ao que lhe respondi que nenhumas, e que pera Agosto, que nunca víra tão poucas. E isto lhe disse, porque na India he muito antigo tanto que entra o mez de Agosto desenfronharem-se as mentiras, que todo o inverno estiveram rebuçadas; porque como esperam por náos do Reyno, os inimigos dos Viso-Reys affirmam que lhes vem successor, e ainda sobre isso ha largas apostas, os amigos publicam o contrario, outros publicam outras cousas, e são tantos, e tão varios os pareceres, como os desejos, e conveniencias de quem os dá. O Viso-Rey, quando lhe eu disse que nunca víra tão poucas novas em Agosto, sorrio-se, e respondeo-me que não estava eu no mundo, que havia Fidalgos

em

em Goa , que pelo ſeu ponto faziam naquellas náos Viſo-Rey na India , do que eu me ri , porque aos dous annos de ſeu governo não podia imaginar tal couſa. Vieram as náos (como diſſe) não veio Viſo-Rey em peſſoa, mas veio em papel na via que ſe abrio , de que eu fiquei maravilhado , quando me achei ao abrir da ſucceſſão , deitando muitos juizos donde aquillo podia ſahir ; porque do demonio (donde os feiticeiros, que ha muitos na India, que ſempre , ou as mais das vezes mentem) não podia ſer , porque a noticia do futuro , conforme a doutrina recebida dos Theologos , he obra propria de Deos noſſo Senhor , e que os demonios nunca puderam imitar ; e poſto que elles denunciáram algumas couſas , que ſahíram verdadeiras , e algumas que a razão natural por aſtronomia póde alcançar , ſuppoſto que o que ſe contém em ſuas couſas neceſſarias mais he do preſente , que do futuro , donde vem que não adivinham os Aſtrologos , quando predizem os eclipſes antes que ſuccedão , porque nas ſciencias da Aſtrologia , e Filoſofia natural fazem os demonios grande ventagem aos homens , não negando que ſouberam muitas couſas , que os Anjos , que são Miniſtros de Deos , denunciáram. O certo he que a ſubtileza do demonio , e a

ſcien-

ſciencia excede a dos homens em conjecturar, e daqui vem terem noticia das couſas que hão de ſucceder, ou por ſua natural Filoſofia, e noticia, ou por arte, e ſciencia, ou por conjecturas: em fim que eſte negocio de que trato não podem os demonios alcançar, porque como foram couſas forjadas no conceito do Rey, e dos Miniſtros, os quaes conceitos ſó são preſentes a Deos, e elle ſó os penetrou, e ſoube, por onde me affirmo que o alcançar-ſe que neſtas náos vinha Viſo-Rey foi conjectura, e preſumpção do meſmo Antonio Moniz pelas couſas que tinha eſcritas a ElRey contra o Viſo-Rey D. Antonio de Noronha, as quaes preſumpções elle communicaria com ſeus amigos, que no fim lhe ſahíram verdadeiras.

O Viſo-Rey D. Antonio de Noronha logo ſe embarcou pera Cóchim no galeão S. Leão, Capitão Antonio de Morim, e de Cóchim ſe embarcou pera o Reino na náo Capitânia, ſem lhe darem gazalhados, nem liberdades, nem pera ſeus criados, como he coſtume, ſoffrendo eſte Fidalgo tudo com grande prudencia, e conſtancia, e outras muitas vexações, que ainda mais lhe fizeram, que ao diante direi, porque quero aqui concluir com eſte Viſo-Rey, por entrarmos com o governo de Antonio Mo-

niz

niz Barreto. Foi filho de D. Martinho de Noronha, e de ſua mulher, foi caſado com D. Franciſca de Noronha, irmã de D. Fernão Alvares de Noronha, Capitão geral que foi das galés do Reino, e Sumilher de ElRey D. Sebaſtião, da qual teve hum filho, que lhe morreo moço, eſtando elle por Viſo-Rey da India, e duas filhas.

Foi Fidalgo mui continente, amigo da juſtiça, e tão verdadeiro, que podia ter eſcola de verdade; antes que ſe embarcaſſe ſe tinha retratado, e poſto na caſa, onde eſtam todos os Viſo-Reys; e Antonio Moniz depois que acabou, ſe mandou tambem retratar, e poz o ſeu retrato junto delle, porque todos eſtam ſucceſſivamente, e tão naturaes ambos, que he paſmar. Eram homens corpulentos, eſpadaudos, de grandes roſtos, e carregados, e ficáram os retratos poſtos de feição, que ficavam olhando hum pera o outro com grandes carrancas, como ſe ſe deſafiáram. Invernou em Moçambique, indo pera o Reyno, aonde depois chegou em Maio ſeguinte; e quando deſembarcou em Lisboa, onde logo foi ao Moſteiro, em que ſua mulher eſtava enterrada, e foi muito bem recebido dos Padres, que o leváram á ſua cova, onde fez oração, e lhe lançou agua benta; e porque não ſabia ainda da morte do filho, lhe diſ-

disse o Prelado, que estava junto della, que Deos fora servido levar tambem pera si a D. Antonio; e sobresaltado o Viso-Rey com aquella nova, interrompeo com hum gemido, dizendo alto: » Sem mulher, sem » filho, e sem honra, não ha quem possa vi- » ver; » e recolhendo-se em seu aposento, veio a adoecer, e em pouco tempo a morrer, e fazer companhia a sua mulher, e filho; e disseram que ElRey D. Sebastião ficára arrependido da rigorosa demonstração que com elle mandou usar; e estando a huma janella, quando lhe deram as novas de sua morte, dando de mão á porta, a cerrou de pancada, mostrando grande sentimento disso; e tem-se entendido que se vivêra, lhe houvera ElRey de restituir sua honra, pela qual hia muito determinado a puxar; mas em fim com sua morte se acabou tudo, como tambem acabáram os que foram occasião della.

CAPITULO XVII.

Das cousas que succedêram em Malaca neste tempo: e do cerco que os vizinhos puzeram áquella Fortaleza.

NAõ ficou fóra da conjuração geral, que os Reys da India fizeram contra as nossas Fortalezas, o Achém tyranno, inso-

ſolente , e poderoſo , e o maior inimigo de todos , o qual tambem foi ſolicitado pelo Cota Maluco, hum dos da liga, que o mandou prover com muitas munições, pera fazer guerra á noſſa Fortaleza de Malaca , o qual não ſe contentou de metter todo o cabedal pera eſta jornada, mas ainda convocou a Rainha de Japará, ſenhora poderoſa, e rica, a qual folgou muito de ſe lhe offerecer aquella occaſião pera ajudar a deſtruir aquella Fortaleza , que tão pezada era a todos os Reys daquellas partes ; e como o Achém era a principal cabeça neſta expedição , e eſtava mais proſpero, poz logo no mar ſua Armada, que eram mais de noventa vélas , em que entravam vinte e ſinco galés, e todas as mais fuſtas , e lanchas mui bem artilhadas , e cheias de munições, e ſete mil homens de peleja Achéns , que são valentes homens, e crueis; e tendo tudo preſtes, ſem querer eſperar pela Rainha de Japará, pelo ordenar aſſim Deos por ſua miſericordia , porque ainda que caſtigava aquella Cidade com cercos, o fazia como Pai, porque ſe ambos ſe ajuntáram , não pudéra eſcapar aquella Cidade de totalmente ficar deſtruida. Poſto em fim o Achém no mar, deo á véla em a entrada de Outubro deſte anno de ſetenta e tres , e aos treze já ſobre a

tar-

tarde chegou á vifta daquella Fortaleza, e logo de noite defembarcou todo o poder naquella parte chamada de Malaca, á differença da outra chamada de Ilher, que he do Poente, a que logo mandou pôr o fogo, a que acudio D. João Bandarra, natural, e Capitão de todos os Gentios, que era muito bom cavalleiro, e em todos os cercos o moftrou; e como fahio com poucos a dar nos inimigos, ainda que foi fazendo fua obrigação, peleijando valerofamente, todavia foi morto; e pofto que Malaca teve efte caftigo de perder hum tão grande defenfor, com tudo logo Deos acudio com fuas coftumadas mercês, que foi na maior força do incendio cahir do Ceo hum tão grande diluvio de aguas com tamanha tempeftade, que deo com muitos navios á cofta, e o fogo fe apagou; porque fenão fora aquella mifericordiofa mercê de Deos, todos os moradores daquella parte acabáram abrazados, e não deixáram ainda de perecer alguns, que fugindo ao fogo, morrêram affogados no rio, aonde fe lançáram.

O Alcaide mór, que fuccedeo por morte de D. Miguel de Caftro, acudio com toda a gente ás portas, e aos muros, e o Bifpo, e Religiofos em toda a noite eftiveram com as armas nas mãos, e mandou met-

metter gente em duas, ou tres náos, que eſtavam no Porto, e provellas de munições. O Achém, que não tinha ainda deſembarcado, tambem eſteve a riſco de dar á coſta com a tormenta, e ao outro dia mandou recolher toda a ſua gente á Armada, e determinou levar aquelle negocio por outro rigor mais perigoſo que o das armas, que era o da fome, pera o que aſſentou de tomar os eſtreitos, e não deixar paſſar pera aquella Fortaleza nenhuma couſa, que lhe pudeſſe levar provimentos, pera aſſim a pôr no extremo das neceſſidades, e pera iſſo ſe quiz ir lançar na coſta de Muar, ſinco leguas de Malaca, com toda a ſua Armada eſtendida por onde as embarcações do ſoccorro haviam de paſſar; e primeiro que ſe partiſſe, que foi ao terceiro dia de ſua chegada, mandou commetter as náos, que eſtavam no porto, que foram batidas muito rijamente; porém dellas, e da Fortaleza foram as embarcações da Armada muito bem varejadas com a artilheria; e vendo o Achém que não podia fazer couſa alguma, foi-ſe pera o rio de Muar, onde ſe deixou eſtar com grande vigilancia ſobre os navios que não paſſaſſem pera a Fortaleza. Poucos dias depois, que foram aos dous de Novembro, ſurgio ſobre aquella Fortaleza a náo de Triſtão Vaz da Vei-

ga,

ga, em que vinha D. Francifco Henriques, que logo defembarcou, e tambem tomou poffe daquella Fortaleza: e foi grande mercê de Deos noffo Senhor pôr na vontade ao inimigo que fizeffe aquella mudança que diffe; porque fe eftivera fobre aquella Fortaleza com tão groffa Armada, corrêra aquella náo grande rifco. Ao outro dia convocou o noffo Capitão a confelho o Bifpo, Vereadores, e peffoas principaes, e com todos praticou o remedio, que fe poderia dar pera lançar aquelle inimigo do lugar de Muar, porque com medo delle não oufavam os mercadores a lhe trazerem mantimentos, nem ainda os pefcadores a fahirem ao mar a pefcar, com o que totalmente padecia aquella Cidade tanta falta de tudo, que não havia quem fe pudeffe valer; e debatido o cafo, foram todos de parecer que não havia outro melhor remedio, que pedir a Triftão Vaz da Veiga tomaffe aquella empreza á fua conta, e que fe lhe deffem todos os navios que fe pudeffem remediar; e como elle eftava prefente, lhe pedíram todos que por ferviço de Deos, e de ElRey quizeffe fer reftaurador daquella Cidade, e libertador de tão duro cativeiro, como o da fome que começavam todos a padecer, que não podia fer maior que verem-fe todos acabar fem golpe

pe de efpada ; que fe eftiveram cercados dos inimigos , e ás mãos com elles, lhes fora de grande confolação morrerem , tomando nelles fatisfação daquelles males. Triftão Vaz da Veiga aceitou a jornada com grande gofto , promettendo que fe Deos noffo Senhor , por cujo ferviço fe offerecia áquelle perigo , lhe déffe a vitoria , que em fua infinita bondade efperava , que elle promettia de não pedir a ElRey fatisfação alguma , e que logo fe hia fazer preftes na fua náo ; e que os navios que lhe haviam de dar fe negociaffem com muita brevidade , porque na preffa , e refolução confiftia o remedio daquella Cidade. Acabado o confelho , foi-fe Triftão Vaz da Veiga negociar , e o Capitão com os Vereadores ordenáram os navios que havia de levar , aos quaes fe deram a maior preffa que pudéram , e os que fe ach=áram capazes foram hum galeãozinho de hum mercador de Cóchim chamado João de Torres , e tres galeotas velhas , e cem pofiiças como fuftas, mas tambem do mefmo toque , e todas poffo dizer que fem vélas, porque as que levavam fe podiam mais chamar redes , e todas mal efquipadas de marinheiros, cujo lugar fuppríram os efcravos dos mercadores : munições tão poucas, que em cada fufta não havia mais que duas arro-

bas

bas de polvora de bombarda, e meia de eſpingarda. Triſtão Vaz tinha as ſuas munições que trouxe de Goa, e o meſmo João de Torres, dono do galeão, ſe offereceo pera eſta jornada, e alguns Fidalgos, e Cavalleiros, e o primeiro, e principal foi Fernão Peres de Andrade, Fidalgo velho, grande cavalleiro, que em todos os cercos que alli houve, e batalhas que os noſſos no mar tiveram com o Achém, e Jáos, moſtrou o valor de ſua peſſoa; Franciſco de Lima o de Maluco, que eſtava em Malaca pera ir de ſoccorro, tambem grande ſoldado, e homem muito nobre, e cuido que Fidalgo nos livros de ElRey, Fernão de Lemos, que tinha chegado da China rico, Manoel Henriques caſado na terra, homem muito nobre, João Troche, Pero Dias de Leão, Nuno Rodrigues do Baſto, caſados na terra: Ayres Pinto tambem caſado nella, comprou huma galeota, e juntou parentes, e ſoldados com que ſe quiz achar neſta jornada; e com ſe metter todo o cabedal da ſoldadeſca que havia não ſe pudéram achar mais que trezentos ſoldados, mal armados, e peior pagos, porque lhe não deram hum quartel. O Capitão mór ſe poz no mar com eſta pobre Armada em comparação do poder do inimigo, e logo foi navegando pera o rio Fermoſo, que

era,

era, como já disse, doze leguas de Malaca, e ao outro dia chegou á vista delle, e vio sahir de dentro mais de vinte navios ligeiros, e logo todo o mais corpo da Armada, que hia demandar a nossa. Vendo Tristão Vaz da Veiga que era já necessario baralhar-se com elles por lhe ser forçado, entregou a sua náo a hum Manoel Ferreira, e elle embarcou na galeota de Ayres Pinto, porque vissem os nossos que elle se não queria valer da Fortaleza da sua náo, estando elles arriscados em navios tão pequenos, e mal petrechados, e chegou toda a Armada a si, e animou a todos, affirmando-lhes que os inimigos os queriam commetter com desconfiança que era final de sua perdição, pois se queria valer do balravento, que trabalhava por lhe tomar; porque quando elle se queria tambem ajudar daquella ventagem, final era que a confiança que trazia não era grande, que elle entendia naquellas mostras que lhe havia Deos nosso Senhor de dar vitoria contra aquelle inimigo; e logo mandou que se chegassem pera a náo, e galeão, assim pera os segurar, como pera se valer de sua artilheria. O inimigo se poz á balravento, e veio descahindo sobre a nossa Armada, e traváram hum fermoso jogo de bombardadas, do qual elles recebêram bem

gran-

grande damno das noſſas náos, e apôs iſto ſe inveſtíram com grande determinação. Triſtão Vaz da Veiga teve ſempre o olho na Capitánia do Achém, que era huma muito fermoſa galé com mais de duzentos homens; e virando a ella, lhe deo huma muito fermoſa ſurriada de arcabuzaria, e apôs ella a abordou, e travou com ella huma aſpera batalha, em que elle, e Ayres Pinto, e os mais fizeram tão altas cavallerias, que pelo rigor da eſpada entráram dentro. Succedêram grandes caſos, ora declinando a huma parte, ora a outra; e por fim permittio Deos que o General dos Mouros foſſe derrubado de huma eſpingardada, com que a vitoria ſe acabou de declarar pelos noſſos, não lhe valendo ſete fuſtas que trazia por poppa, que por varias vezes o cevâram de gente, as quaes foram tambem abrazadas dos noſſos.

Os mais Capitães da noſſa Armada ao meſmo tempo com o Capitão mór inveſtíram cada hum com ſua galé, e á que abordou Fernão de Lemos carregáram todos os inimigos a huma banda de tal feição, que ſe virou a galé, e no mar matou muitos, e cativou outros: os mais que eſtavam atracados, cada hum com ſua galé, fizeram taes façanhas em armas até que as rendêram com morte da maior parte dos inimigos.

A mais Armada tanto que vio a galé do ſeu General desbaratada, e perdida a bandeira, e farol, largando tudo, ſe foram acolhendo pera a ſua terra, não eſcapando ainda eſtes da furia da artilheria das noſſas náos, que fez nelles grande eſtrago. Vendo Triſtão Vaz da Veiga a mercê, que Deos noſſo Senhor lhe tinha feito, deo-lhe muitas graças, e deixou-ſe ficar no lugar da vitoria tres dias curando os feridos, que eram muitos, os mortos não paſſáram de dez; depois ſe recolheo a Malaca, aonde chegou com as galés por poppa, e as bandeiras dos inimigos arraſtando pela agua; e ſalvando a Cidade, deſembarcou nella, e foi recebido com ſolemne triunfo, e foi levado á Igreja em prociſsão, onde deram todos muitas graças ao alto Deos por tamanhas mercês, e com iſto ficou a Cidade deſapreſſada do trabalho, e começáram a vir embarcações de fóra com mantimentos, e provimentos.

Triſtão Vaz da Veiga, que hia fazer pimenta a Jundá pera carregar pera o Reino, partio-ſe logo; mas como Deos noſſo Senhor o tinha guardado pera remedio daquella Fortaleza, ordenou que não achaſſe pimenta, pelo que ſe tornou logo pera aquella Fortaleza de Malaca, onde achou D. Franciſco Henriques muito mal, de que

veio

veio a falecer em Novembro de ſetenta e quatro, deixando em ſeu teſtamento nomeado por Capitão Triſtão Vaz da Veiga, conforme a huma Proviſão que pera iſſo levava, o qual tomou poſſe da Fortaleza, e começou a correr com ſuas obrigações.

CAPITULO XVIII.

Entra o tempo do governo de Antonio Moniz Barreto, que he o da minha nona Decada.

A Primeira couſa, que eſte Governador fez, foi ordenar huma Armada pera levar os navios dos mercadores, que vam aos rios do Canará carregar de arroz por eſtar a Cidade falta delle, pera a qual elegeo D. Antonio de Menezes Cantanhede com duas galés, huma em que elle hia, e outra Antonio Lobo, e ſeis fuſtas, cujos Capitães eram os ſeguintes. D. Diogo da Silveira, filho de D. Simão da Silveira o Velho, Paulo Antonio Telles, Antonio Cabral, Franciſco Fernandes, Pedro Rodrigues Malavar, e Pero Gomes. Eſta Armada partio de Goa em vinte e dous de Janeiro de mil e quinhentos e ſetenta e quatro, até Abril em que ſe recolheo, e trouxe a Goa duas cafilas de mantimentos, com

que a Cidade ficou abaſtada; e porque não lhe ſuccedeo mais, acabaremos aqui com ella.

E porque o Governador ſabia que Fernão Telles, que andava no Norte, levava por regimento que reprezaſſe as náos do Idalxá que vieſſem de Méca, aſſentou em conſelho geral que ſe não bulliſſe nellas, antes ſe as encontraſſe, lhes fizeſſem cumprimentos, e as favoreceſſe em tudo, e que ajuntaſſe as cafilas de Cambaya, e de todas as Fortalezas, e ſe recolheſſe com ellas, porque era neceſſario virem depreſſa pelas muitas fazendas, que haviam de trazer pera a carga das náos do Reyno, e muitos mantimentos, que haviam de vir naquellas cafilas pera a Cidade de Goa, o que Fernão Telles fez, e trouxe pera a Cidade de Goa tudo o que levava por regimento; mas não encontrou as náos do Idalxá, e no fim de Dezembro chegou com toda aquella cafila a Goa.

Aos quatorze do meſmo mez de Dezembro ſe ajuntou o Governador Antonio Moniz Barreto com todos os Capitães, Prelados, e Officiaes da Fazenda em conſelho, no qual aſſiſtio D. Leoniz Pereira, Governador de Malaca, e D. Franciſco de Souſa, Capitão mór das náos do Reyno, e o Arcebiſpo D. Gaſpar, e lhes propoz em como o Idalxá tinha retheudos D. Henrique

que de Menezes, e todos os Portuguezes, que andavam em ſua Corte com ſuas fazendas; e que não baſtando iſto, o fizera tambem a Chriſtovão do Couto, que o Viſo-Rey D. Antonio tinha mandado, que pedia a todos votaſſem livremente o que entendeſſem naquelle caſo, porque era de muita conſideração; e debatido o negocio, foram todos de parecer, que ſe não devia de dar por achado daquellas couſas, antes havia de diſſimular com ellas, porque tomando-ſe diſſo, ficava obrigado a ſatisfazer-ſe daquella affronta; e que o bom ſería que o Secretario Rodrigo Annes Lucas eſcreveſſe como de ſi huma carta a Chriſtovão do Couto, em que lhe déſſe conta de como Antonio Moniz Barreto governava a India; e que ElRey mandára ir pera o Reyno ao Viſo-Rey D. Antonio de Noronha; e que aſſim como houvera aquella mudança no governo, aſſim a procuraſſe elle em ſeu negocio com os Capitães, com quem ſolicitaſſe ſua cauſa, e que era neceſſario ſaber do Governador o que lhe mandava, e que trabalhaſſe o mais que pudeſſe por vir pera Goa, porque não ſabia ſe o que ſe trataſſe dalli em diante ſatisfaria ao Governador. Aſſentado iſto, eſcreveo logo o Secretario a Chriſtovão do Couto a carta do theor ſeguinte.

CA-

CAPITULO XIX.

Da carta do Secretario do Eſtado a Chriſtovão do Couto, que eſtava retheudo na Corte do Idalxá.

» PElas mudanças que Sua Alteza hou-
» ve por bem de fazer, e prover nas
» náos, que ora chegáram ao governo deſ-
» te Eſtado, me pareceo neceſſario, como
» Official que ſou, e voſſo amigo, aviſar-
» vos do que paſſa, pera que aſſim como
» niſto houve mudança nova, tomeis tam-
» bem em voſſos negocios nova traça, ſe
» vos parecer. O Viſo-Rey, que foi D. An-
» tonio de Noronha, houve ElRey noſſo
» Senhor por bem, que não governaſſe mais,
» o que ſería pelas informações, que lhe
» iriam na Armada do anno paſſado, e
» mandou que governaſſe Antonio Moniz
» Barreto, ao qual pareceo não faltavam
» as qualidades, que são neceſſarias a quem
» tiver eſte cargo, porque tem experien-
» cia de muitos annos deſte governo, tem
» peſſoa, tem diſpoſição, e valor pera com
» ſua preſença aſſiſtir nos negocios da guer-
» ra, e pera as couſas que cumprem a el-
» la reſolução, valentia, conſelho, e ex-
» periencia: tem verdade, e bondade pe-
» ra conſervar a paz com os Reys com

» quem

» quem elle a aſſentar, e lha merecerem,
» e determinação pera lhes fazer guerra,
» quando lhe for neceſſario: não tem cu-
» biça do alheio, pera que por eſſa cauſa
» faça deſordens, e tem cuidado do pro-
» prio de ElRey noſſo Senhor, tanto, quan-
» to cumprir. Até agora eſte Fidalgo nem
» tomou, nem mandou tomar, nem foi
» participante por communicação que lhe
» déſſe D. Antonio de Noronha da toma-
» da das náos dos Capitães do Idalxá, nem
» fica lugar pera ſe lhe poder pedir conta
» diſſo, ſenão com muita razão, e modos
» de amizade por outras muitas vias; e re-
» preſentadas eſtas razões, e outras que pe-
» ra voſſo negocio vos parecerem neceſſa-
» rias ao Idalxá, e ſeus Capitães com quem
» correis, parece-me que devem procurar
» logo voſſa vinda pera Goa, pera poder-
» des dar razão ao Governador do que lá
» paſſou, pera lhe a elle ficar tempo de
» poder dar conta neſtas náos que vam a
» ElRey noſſo Senhor, do eſtado em que
» ficam as couſas delle, e como eſtá com
» os vizinhos que lhe elle tanto encommen-
» da conſerve em ſua amizade, porque vos
» affirmo que lhe convem dar a Sua Alte-
» za conta de tudo, pois elle moſtra pela
» execução que fez que terá differente or-
» dem no governo, do que tiveram os Vi-
» ſo-Reys paſſados.

» O

» O não vos receber o Idalxá com o
» presente que levastes, isso não affronta o
» Governador, pois não foi o author del-
» le, nem lho enviou: e ainda digo por
» parte do Viso-Rey D. Antonio que tão
» pouco não havia razão pera deixar de
» lho aceitar, pois isso não foi enviado co-
» mo presente, nem foi mais que satisfa-
» ção ao Idalxá com duas espadas, e hum
» cavallo que a esta Cidade mandava com-
» prar, e por escrever sobre isso cartas ao
» proprio Viso-Rey, pera que lhe fosse
» com brevidade, e favorecesse a pessoa que
» a isso enviava, em resposta do que pera
» mais satisfação lhe enviou o cavallo, e
» espadas que vós levastes, e elle deseja-
» va, a que devia mostrar-se agradecido,
» não pelo preço, senão pela vontade com
» que o servia naquellas cousas.

» Não tenho nisto mais que vos lem-
» brar, senão que procureis de vos partir
» pera esta Cidade, tanto que lá se souber
» por esta, ou pelas novas que correm que
» já não governa o Viso-Rey D. Antonio
» de Noronha, e que quem está no gover-
» no, não tem culpa no desgosto que suc-
» cedeo na tomada das náos, ou deposito
» que se queria fazer nellas, até se ver o
» que o Viso-Rey ordenava se fizesse del-
» las, e o que se fez não foi cousa nova,

» pois

» pois ſempre foi coſtume darem as náos
» que navegam razão de ſeus cartazes, e
» ſe trazem couſas defezas, e não pôrem-
» ſe logo em defensão, e reſiſtencia de ar-
» mas, como fizeram os Capitães dellas
» com a noſſa Armada; e o que ſuccedeo
» aſſim ás náos, como ao noſſo Capitão
» mór, ſello a juriſdicção da tormenta, e
» acontecimentos varios do mar, que coſ-
» tuma fazer ſeu curſo, e não o que os ho-
» mens pertendem. De Goa, quatorze de
» Dezembro de mil e quinhentos e ſeten-
» ta e tres.»

Recolhido Fernão Telles da Coſta do Norte, onde andava no fim de Dezembro de ſetenta e tres com huma grande cafila, e huma galeota de Malavares que tomou, e hum Embaixador que o Grão Mogor mandava ao Viſo-Rey D. Antonio de Noronha, que veio grandemente acompanhado, homem de muita peſſoa, e gravidade, que por ſer o primeiro que paſſou á India o recebeo o Governador com grande mageſtade, e apparato, e foi em Goa mui banqueteado de alguns Fidalgos velhos, e ricos, principalmente de D. Leoniz Pereira, e de Ayres Telles de Menezes, nos quaes banquetes foi o Embaixador ſervido com todas as baixellas que havia em Goa, e com todos os regalos que a India podia

dar

dar de ſi , e me affirmáram que em cada jantar ſe gaſtáram mil cruzados : logo o Governador Antonio Moniz Barreto o tornou a deſpedir, e a Fernão Telles por Capitão mór da coſta Malavar com quatro galés , e oito , ou dez fuſtas , que partio de Goa meiado Janeiro de ſetenta e quatro. Os Capitães das galés, a fóra elle, eram D. João da Gama, Fernão Pereira de Miranda, e Antonio Cabral; e das fuſtas D. Luiz de Menezes, Fernão de Albuquerque, Gonſalo Rodrigues Caldeira , Diogo Taveira, Gonſalo de Souſa, Pedro de Anhaya, Eſtevão de Pina, Roque de Brito, ſeu irmão, e outros a que não achei os nomes.

No fim deſte mez foi D. Diogo de Menezes entrar na Capitanía de Ormuz, que lhe ElRey tinha mandado, e lhe deo o Governador Antonio Moniz a galeota S. Vicente pera ir nella.

Logo na entrada de Fevereiro deſpedio o Governador por Capitão mór da coſta do Norte a D. Antonio de Menezes com duas galés, elle em huma, e em outra Antonio Lobo Falcão, e oito fuſtas, de que foram por Capitães Paulo Antonio Telles, D. Duarte Deça, D. Diogo da Silveira, Franciſco Pereira Eſcorcio, Sebaſtião Gonſalves de Alvellos, e outros. Neſta companhia foi Ayres Falcão entrar na Capitanía

de

de Baçaim, e Antonio Ferrão por Veador da fazenda das Fortalezas do Norte.

Deixemos agora os ſucceſſos deſtas Armadas, e continuemos com as couſas do Idalxá, e cativos que eſtavam em ſua Corte. Com a carta que o Secretario Rodrigo Annes Lucas eſcreveo a Chriſtovão do Couto, houve algum abalo nos Capitães do Idalxá, a quem elle deo cópia da carta, que parece communicáram tudo com o Idalxá, o qual ſabendo da mudança do governo, e que nelle eſtava Antonio Moniz Barreto, deſpedio logo hum Embaixador a dar-lhe os parabens de ſua ſucceſsão, o qual em breves dias chegou a Goa na entrada de Fevereiro, e lhe fez o Governador hum grande recebimento, e o mandou agazalhar, e prover muito bem, e o Embaixador lhe deo huma carta do Idalxá, e outra de Fratel Maluco ſeu Regedor, e Governador de ſeus Reynos, que ambas eram de muita ſubſtancia, e nella lhe davam os parabens de ſeu governo, e lhe pediam que mandaſſe ſatisfazer a perda das duas náos, que lhe D. Henrique de Menezes tomára por mandado do Viſo-Rey D. Antonio de Noronha, as quaes o Governador mandou ler em conſelho geral que pera iſſo ſe ajuntou, e nelle ſe aſſentou que pera ſe dar ſatisfação áquelle Rey ſe fi-

fizeſſem algumas diligencias ſobre aquelle negocio á viſta do Embaixador, as quaes eram deſpedir hum catúr ligeiro a Cóchim, com provisões rigoroſas, pera que ſe ainda eſtiveſſe o Viſo-Rey D. Antonio por embarcar, lhe tomaſſe o Capitão da Cidade a homenagem de ſe não ir até eſtar a direito com o Idalxá; e que ſendo partido, lhe ſequeſtraſſem toda a fazenda que ſe lhe achaſſe; e a meſma diligencia mandou fazer publicamente em Goa, deitando grandes pregões com grandes penas, a quem ſoubeſſe de alguma fazenda ſua, ſe a não deſcubriſſe dentro em tres dias, o que tudo foi á viſta do Embaixador, o qual pedio ao Governador alguns cartazes pera ſuas náos navegarem pera Ormuz, e outras partes; e que os paſſos da Ilha de Goa foſſem francos pera todos os que quizeſſem paſſar, e tornar por elles, pagando os direitos de ſuas fazendas, e outras couſas, com que o Embaixador ſe moſtrou ſatisfeito; e porque era neceſſario pera a liberdade de D. Henrique de Menezes, e de todos os mais que lá eſtavam retheudos, deſpedio o Embaixador com brevidade, fazendo-lhe muitas honras, e dando-lhe preſentes pera o Idalxá, e Fratel Malucó, e lhe eſcreveo cartas em reſpoſta das ſuas, e a de ElRey era deſte

theor,

theor, deixando os titulos, e cortezias do introito.

» A cousa que mais me encommenda, » e manda ElRey meu Senhor em suas car- » tas he o serviço de Vossa Alteza, e que » pera elle lhe offerecia este Estado todas » as vezes que lhe cumprir: e que mo não » mandára, satisfizera eu com a mesma » obrigação, pois tenho de longe conheci- » mento da sua vontade, que he não dar » nunca occasião aos Reys que tem por » amigos; e quando elles a pertendam, e » busquem, ou vam contra as pazes por » elle juradas, ficará ElRey meu Senhor » desculpado com Deos, e com os homens. » Com as cousas do serviço de Vossa Al- » teza tenho corrido em tudo como pude, » e nada me ficou por fazer depois que » sou Governador: e he tanto isto assim, » que em chegando o Embaixador de Vos- » sa Alteza, logo mandei fazer prestes hum » catúr ligeiro, pera que com toda a bre- » vidade fosse a Cóchim deter o Viso-Rey » D. Antonio, ou que deixasse fiança a tu- » do o que contra elle se julgasse. Escre- » vi a ElRey meu Senhor sobre este par- » ticular, e lhe enviei a carta de Fratel » Maluco; e se Vossa Alteza quiz, e me » mandou que sobre este negocio escreves- » se a Portugal, e désse particular conta

» de

» de tudo , eu o fiz por Voſſa Alteza aſ-
» ſim mo mandar. E que razão poderei eu
» dar a ElRey meu Senhor, que neſte car-
» go me poz, de me determinar neſte caſo
» ſem reſpoſta, e ordem ſua, tendo-lhe eſ-
» crito na fórma , que Voſſa Alteza me
» mandou? Se niſto ha culpa (o que na ver-
» dade me não parece) Voſſa Alteza a tem,
» pois quiz a determinação mais cumpri-
» da do que eu a pudéra dar ; mas tudo
» irá a melhor. Mandei apregoar que to-
» da a peſſoa, que ſoubeſſe da fazènda, ou
» dinheiro do Viſo-Rey D. Antonio, o vieſ-
» ſe manifeſtar dentro em tres dias, e por
» ſerviço de Voſſa Alteza faço da minha
» parte todas as juſtificações poſſiveis pe-
» ra acertar em ſeu ſerviço, e não conſin-
» to ficar-me nenhuma por fazer. Ao Em-
» baixador concedi os cartazes que me pe-
» dio , e os paſſos da Ilha francos pera o
» que quizeſſem ; e ſendo todos os Fidal-
» gos de meu conſelho de Eſtado de pa-
» recer , que já que Voſſa Alteza retinha
» em prizão, e não mandava vir os Portu-
» guezes que lá eſtavam , mandaſſe eu eſ-
» perar as ſuas náos de Ormuz , e Benga-
» la, e as retiveſſe tambem, e eu ſó fui o
» que contra tantos pareceres prevaleci. O
» Embaixador traz por eſcrito grandes po-
» deres, e não uſa delles, deve de ſer em
» ſe-

» ſecreto aſſim mandado de Voſſa Alteza;
» pelo que lhe peço de mercê mande ſol-
» tar os prezos com que lhe ficarei em
» obrigação de ſempre o ſervir; porque,
» Senhor, quem pede juſtiça não deve uſar
» de força, que he quebrar as leis, que
» Voſſa Alteza tem obrigação de fazer a
» todos guardar; e fazendo-me Voſſa Al-
» teza eſta mercê, e juntamente mandar a
» ſeus Tanadares deſtes portos, que não
» recolham nelles inimigos deſte Eſtado,
» pois he contra o contrato das pazes ce-
» lebradas, ficarei cativo, e criado de Voſ-
» ſa Alteza, e obrigado a não ſahir nunca
» de ſeu ſerviço, e mandar caſtigar rija-
» mente a quem os recolher, como que-
» brantador do bem público, e da paz ce-
» lebrada. Noſſo Senhor guarde o Real Eſ-
» tado de Voſſa Alteza, e a vida accreſ-
» cente por largos annos. Goa dezeſeis de
» Fevereiro de mil e quinhentos e ſetenta
» e quatro. »

E pera que não foſſem tudo rogos, tambem tratou o Governador de entrar com alguns ameaços, eſtes foram mandar paſſar Proviſões, pera que os Portuguezes não levaſſem cavallos, nem outras fazendas ao Balagate, porque com iſſo obrigaria aos mercadores daquelle Reyno a virem comprar eſtas couſas a Goa pela neceſſidade

que

que dellas tinham ; e com iſſo não ſó ſeguravam os vaſſallos de ElRey nas conſciencias pelos eſcrupulos que ficavam de levarem cavallos, e fazendas aos Mouros, mas ainda ficavam engroſſando os rendimentos das Alfandegas, porque pera a compra deſtas couſas haviam de trazer muitas fazendas a Goa, de que não ſó pagariam direitos da entrada, mas tambem das que levaſſem á ſahida : e que além deſtes proveitos ſeguravam aos vaſſallos de ElRey de Portugal as fazendas, que levavam ao Balagate, e muitos cavallos que cada vez que os Mouros quizeſſem, podiam lançar mão de tudo, como já algumas vezes fizeram. Eſtas Proviſões mandou o Governador apregoar pela Cidade, pera que os Mouros do Balagate, que nella andavam, aviſaſſem de tudo ao Idalxá, com o que poderia ſer o moveſſem a ſoltar os prezos pela neceſſidade que tinham, de que lhe levaſſem aquellas couſas que lhe defendiam.

Na entrada de Fevereiro deſte anno de mil e quinhentos e ſetenta e quatro chegáram as náos de Malaca, nas quaes eſcrevêram D. Franciſco Henriques Capitão daquella Fortaleza, e Triſtão Vaz da Veiga, que nella eſtava, por não poder paſſar a Jundá a carregar de pimenta conforme o ſeu contrato, nas quaes lhe repreſentá-

ram

ram o miſeravel eſtado em que aquella Fortaleza eſtava, e de como o Achém com a Rainha de Japará eſtavam conjurados em ſeu damno, e que em ambos aquelles Reynos ſe faziam grandes preparações, e ſe lançavam ao mar groſſas Armadas, que aquella Fortaleza ficava com pouca gente, e muito falta de munições, e mantimentos, que lhe pediam a ſoccorreſſem, e ſenão que ſe perderia tudo; e o meſmo eſcrevêram a D. Leoniz Pereira Capitão de Malaca, o qual ſe foi ver com o Governador, e lhe moſtrou as cartas, e lhe diſſe que elle eſtava preſtes pera ſe partir pera Malaca, dando-lhe elle Governador o que ElRey lhe mandava; e ſobre iſto fez ſuas lembranças em boa fórma diante do Secretario do Eſtado, Veador da Fazenda, e outros Officiaes. O Governador Antonio Moniz Barreto lhe reſpondeo que bem via o Eſtado como eſtava falto de tudo pelas guerras paſſadas, ſem Armadas, nem gente pera lhe poder dar o que ElRey mandava, mas que ſe fizeſſe preſtes, que elle lhe daria tudo o que pudeſſe ſer, e que ajuntaria Conſelho geral, e o que nelle ſe aſſentaſſe iſſo ſe faria, não vendo eſte Governador que cahia na trampa que armou ao pobre Viſo-Rey D. Antonio de Noronha, por onde o fez remover do Eſtado com

tanta affronta, tendo elle naquelle tempo menos tudo, porque as grandes guerras passadas, e as muitas despezas que com ellas se fizeram, não em huma, mas em todas as Fortalezas da India, contra as quaes se conjuráram todos os Reys della, era bastante razão que tinha por si pera não aviar ao Governador Antonio Moniz Barreto, como ElRey mandava, porque nem ametade, nem a quarta parte se lhe podia dar naquelle tempo: e assim como Deos he justo Juiz, assim permittio que se visse logo a innocencia do Viso-Rey D. Antonio, e a paixão, e odio dos que o affrontáram, de o fazerem tirar do governo; e póde bem ser que se não se mettêra de permeio a desaventurada perda de ElRey D. Sebastião, que pagára este Governador ao Viso-Rey D. Antonio de Noronha o mal que lhe fez, pois agora tinha mais obrigação de enviar a D. Leoniz Pereira, pelo recado que sobreveio do aperto que se esperava em Malaca; mas deixemos estas cousas, e vamos com a nossa historia.

Logo aos quatro de Março deste anno tornou o Governador a ajuntar o Conselho geral, no qual propoz as necessidades, e trabalhos em que estava a Fortaleza de Malaca, e o pouco commodo que havia pera se poder soccorrer; mas que todavia faria

o que ſe aſſentaſſe que era neceſſario fazer-ſe ſobre aquelle negocio ; e debatida entre todos a propoſta, foram os mais de parecer que ſe devia aviar o Governador de Malaca , a cuja conta todas aquellas Fortalezas eſtavam, e aquellas partes, e deſobrigar-ſe della o Governador Antonio Moniz Barreto ; e que ſe não pudeſſe ir do modo que ElRey mandava , foſſe como o Eſtado pudeſſe pelas impoſſibilidades preſentes, e que eſta reſolução ſe fizeſſe logo a ſaber ao Governador D. Leoniz Pereira pera ſe determinar , ao que logo o Secretario o foi buſcar , por ſe elle não querer achar naquelles conſelhos ; e lhe deo conta do que ſe paſſára, e que viſſe como queria ir, porque o Governador eſtava preſtes pera o aviar: ao que D. Leoniz lhe reſpondeo, que mais preſtes eſtava elle pera ir ſervir a ElRey da maneira que elle mandava ; mas porque o Governador , e os do Conſelho não cuidaſſem que elle ſe forrova dos trabalhos, que dando-lhe Antonio Moniz Barreto huma Armada, como mandava a qualquer Rey do Malavar, de duas galés, e ſeis fuſtas, que elle ſe contentaria pera ir ſervir ElRey naquella empreza.

Com eſta reſpoſta foi o Secretario ao Governador Antonio Moniz, que achou ainda com todos os do Conſelho juntos ; e

dando publicamente relação do que passava, tornáram a debater sobre o caso, e assentáram que por então não poderia o Estado dar mais de si que dous navios de alto bordo; e que se das Armadas que andavam fóra, pudessem ir algumas fustas, que se aviassem pera isso, e que pera Setembro poderia o Governador dar a D. Leoniz Pereira Armada com que se pudesse ir. Assentado isto, tratou logo o Governador das cousas que havia de mandar a Malaca, e Maluco; e em quanto se fazia isto prestes, despedio a Henrique Moniz Barreto pera a costa do Canará com huma Armada pera ir dar guarda ás cafilas que haviam de trazer os mantimentos pera as Armadas, o qual partio de Goa em oito de Março com duas galés, elle em huma, e Gomes Eannes de Freitas em outra, e sete fustas mais, de que foram por Capitães Manoel Furtado de Mendoça, João Rodrigues Deça, Mathias Pereira de Sampayo, Antonio de Monroy, João de Mello de Sampayo, Pedro Rodrigues, e Pedro Soares Malavares. A esta Armada não succedeo cousa alguma mais que tornar a Goa em vinte e dous de Abril com muitos mantimentos.

Partida esta Armada, despedio logo o Governador Miguel de Abreu de Lima, que ti-

tinha vindo do Reyno pera ir por Embaixador á Persia, o qual partio em vinte de Março nas náos que foram pera Ormuz; e porque a causa desta embaixada, e as cousas que succedêram a este Embaixador, se hão de contar em outro lugar, não tratarei aqui dellas.

Em vinte e sete de Abril deste anno partio Belchior Botelho a fazer as viagens de Maluco no galeão Santa Catharina muito cheio de mantimentos, e munições: foi mais D. Antonio da Costa em huma galé pera ir de soccorro a Malaca, e o Licenciado Martim Ferreira por Veador da Fazenda pera Malaca no galeão S. Diniz, e com Belchior Botelho foi embarcado Nuno Pereira de Lacerda pera ir entrar na Capitanía de Ternate, de que estava provído por Sua Magestade.

Falta-nos continuarmos com Fernão Telles, que anda no Malavar, o qual andou todo o resto do verão correndo aquella costa com grandes intelligencias sobre os paráos; e sendo avisado que no rio da Pedra se recolhêram sinco, que vieram do Norte carregados de prezas, foi sobre aquelle rio, e o mandou entrar pelos navios de remo, os quaes foram ainda tanto a tempo que os tomáram ainda dentro no rio com todo o seu recheio; e endireitando com elles, os

in-

investíram muito determinadamente; e posto que entre todos houve huma muito aspera briga, sendo os contrarios favorecidos da gente da terra, e tanto apertáram os nossos com elles que houveram por bom partido lançarem-se a nado a terra, e deixarem os navios nas mãos dos nossos com todo o recheio, que foram tirados á toa pera fóra, e cada hum tomou o que pode. Não especifico aqui os que primeiro abalroáram, nem os que foram neste negocio, porque todos os Capitães das fustas foram nelle, e investíram os inimigos juntamente. Fernão Telles deo muitas voltas áquella costa, e já a tempo de se recolher foi dar com huma náo do Çamori que vinha de Méca; e mandando-a commetter pelos navios pequenos pela não querer metter no fundo com a artilheria das galés, foi depois de grande referta entrada, e a maior parte dos Mouros mettidos á espada, e alguns cativos, e com estas prezas se recolheo a Goa no fim de Abril.

CA-

CAPITULO XX.

Francisco Barreto eleito Governador pera a Conquista das Minas do Reyno de Manomotapa.

TInham tantas vezes persuadido a ElRey D. Sebastião a que mandasse conquistar as riquissimas Minas do Reyno de Manomotapa, que se moveo a fazello, e pera esta jornada, e conquista escolheo ElRey Francisco Barreto, que tinha sido Governador da India, e que então era General das galés do Reyno, e tinha vindo daquella fermosa jornada do Pinhão, donde foi com huma grossa Armada por mandado de ElRey D. Sebastião pera se achar naquelle feito com D. Garcia de Toledo, na qual os Portuguezes ganháram o nome que sempre tiveram: tratou-se do titulo, e jurisdicção que se lhe daria, a qual foi de Capitão geral, e Conquistador dos Reynos, que jazem desdo Cabo das Correntes até o de Guardafum, e que lhe dariam tres náos com mil homens, e cem mil cruzados em dinheiro, em quanto as Minas não pudessem supprir estas despezas, e munições, e mantimentos pera a Armada; e que todos os annos, em quanto durasse a conquista, se lhe dariam os cem mil cruzados assima

ma com quinhentos homens; e que ſe por algum caſo foſſe ter á India, ou ſe encontraſſe no mar com o Viſo-Rey, ou Governador, levariam ambos ſuas bandeiras, e faroes, e que governariam nos ſucceſſos da guerra, em que ſe achaſſem ambos de dous em conformidade, e que por ſeus mandados fariam os Officiaes da fazenda da India as deſpezas de ſua Armada nos provimentos della, com outras mercês, e favores que deixo, porque não fazem ao caſo de noſſa hiſtoria.

Pera eſta jornada mandou ElRey que ſe preparaſſem as tres náos, e ſe pagaſſem mil homens de armas; e pela novidade della, e ſer a deſcubrir Minas de ouro, abalou toda Lisboa, e acudíram muitos Fidalgos pera ſe acharem nella, e tanta gente houve que ſobejava pera outra Armada. Pera ir Franciſco Barreto ſe negociou a náo Rainha, que andava na carreira da India, pera a qual ſe pagáram ſeiscentos ſoldados, em que entravam mais de trezentos Fidalgos, e mais de duzentos criados de El-Rey, e toda a mais gente mui limpa, e nobre: as outras duas náos eram de duzentas e ſincoenta toneladas, e em cada huma ſe embarcáram duzentos homens de armas, a fóra gente do mar, das quaes eram Capitães Vaſco Fernandes Homem, e Louren-

renço Carvalho. Levava mais Franciſco Barreto neſta Armada cem homens Africanos, porque determinava mandar buſcar cavallos á India, e levallos no ſeu exercito pera maior fortaleza. Em fim, preparada eſta Armada, ſe fez Franciſco Barreto á véla, com as ſuas náos juntas no fim de Abril do anno de 1569. e ſeguindo ſua viagem, logo ſe apartáram; e Lourenço Carvalho por não poder dobrar os abrolhos arribou ao Reyno, Franciſco Barreto foi invernar ao Brazil, ſó Vaſco Fernandes Homem ſe negociáram os ſeus Officiaes melhor, e trabalháram tanto que chegáram a Moçambique em Agoſto, eſtando todas as náos da Armada do Viſo-Rey D. Antão de Noronha de arribada, e elle morto, como diſſemos no titulo de ſua Armada, e eſtava na Fortaleza por Capitão Pedro Barreto, que tanto que ſoube que Franciſco Barreto vinha com aquelles poderes pera proſeguir na conquiſta, houve-ſe por aggravado de ElRey, e affrontado de Franciſco Barreto, tanto, que largando hum anno, que lhe faltava por acabar naquella Fortaleza, logo ſe embarcou pera o Reyno, como foi tempo na náo Chagas, e faleceo no caminho antes de chegar ao Reyno, na qual companhia eu tambem fui requerer os ſerviços que tinha feito na India.

Fran-

Francifco Barreto, que eftava invernando no Brazil na Bahia de Todos os Santos, tanto que foi tempo partio-fe pera Moçambique, aonde chegou a falvamento com toda a gente sã, e muito bem difpofta; e tomando informação da terra, que achou falta de mantimentos, vendo que pela falta da gente da outra náo, de quem não fabiam novas, não podia ir profeguir na conquifta, e que havia de eftar alli alguns mezes, até virem as náos do Reyno, em que efperava mais foccorro, pareceo-lhe bem dar huma volta até a cofta de Melinde, affim pera caftigar o Rey de Pate, que eftava levantado, como pera arrecadar as pareas, que deviam de alguns annos todos os mais Reys, e pera trazer de lá muitos mantimentos pera a jornada que efperava fazer, e ajuntou todos os pangaios, e embarcações que pode, em que fe embarcou com toda a gente, deixando por Capitão na Fortaleza a Lourenço Godinho, Alcaide mór, e foi furgir fobre o porto de Pate, onde aquelle Rey veio logo á obediencia, e lhe pagou as pareas que devia, como pagáram os mais Reys, e todos os Senhores daquella cofta, com que largamente fez as defpezas de fua Armada, e trouxe muitas embarcações carregadas de mantimentos, que lhe foram muito bons por ha-

haver em Moçambique poucos, e esses muito caros; e dos Mouros daquella costa, que são muito sutís, e penetrão todo o sertão da Cafraria, se informou de muitas cousas pera sua entrada por aquellas terras dentro; e de huns do Reyno de Atoude soube que de Quiloa, ou do Atoude por quinze, ou vinte leguas de caminho pelo sertão dentro poderiam chegar até o outro mar de Angola, e que foram algumas vezes á sua feira, onde vinham os mercadores daquelloutro mar contratar com elles em suas fazendas; e disto achei na feitoria de Moçambique regiftada huma carta, que Francisco Barreto escreveo a ElRey sobre este negocio, assim secca, sem dizer se estes Mouros hiam por mar, ou por terra, nem lhe pedir o roteiro daquella viagem, que foi grande descuido; e com esta carta achei tambem regiftada a resposta de ElRey, na qual lhe estranhava muito deixar a principal jornada, a que fora enviado que era a das Minas, e ir-se á costa de Melinde; mas que tambem lhe agradecia algumas cousas que lá fizera, as quaes cartas eu trasladei por curiosidade, sendo bem moço naquelle tempo. Francisco Barreto, depois que fez na costa de Melinde o que dissemos, tornou-se pera Moçambique, aonde achou as duas náos, que o Viso-Rey D. Luiz de Ataíde

de lhe tinha mandado com roupas, e munições, mantimentos, e cavallos, e por aquellas náos teve novas da conjuração de todos os Reys do Oriente (como contámos) e de como o Nizamoxá ficava com hum grosso poder sobre Chaul, que por nenhum caso poderia deixar de tomar aquella Cidade por estar toda aberta, e sem defensão: o que sabido por Francisco Barreto, propoz em hum Conselho geral, que mais serviço de ElRey sería acudir a Chaul, que ir ao negocio das Minas, que a todo o tempo se poderia fazer, dando muitas razões que todos approváram, e assim se começou a preparar pera aquella jornada, pera a qual tinha as suas duas náos, e huma que tinha chegado de descubrir o Cabo de Boa Esperança, por mandado de ElRey, da qual era Capitão Manoel de Mesquita, e outras embarcações mais pequenas, em que poderia levar oitocentos homens; e tendo tudo prestes, chegou D. Antonio de Noronha, que tinha partido do Reyno por Viso-Rey da India, com sinco náos todas em huma maré, e o Viso-Rey D. Antonio vinha muito doente de tericia, e tal que cuidavam que não poderia viver. Estavam elle, e Francisco Barreto mui desavindos já do tempo da India, e sem embargo disso foi em huma manchua metter as náos den-

dentro no rio, e amarrallas; e depois de as ter ſeguras, entrou na náo do Viſo-Rey, que eſtava em hum catre pequeno deitado na varanda, e chegando a elle o abraçou, e lhe diſſe: » Quebre-ſe, Senhor, eſte en- » cantamento: peza-me de Voſſa Senhoria » vir neſſe eſtado, porque o tomára ver » muito bem diſpoſto, pera ſupprir as ne- » ceſſidades em que, Senhor, haveis de to- » mar a India, pera onde eu eſpero de vos » acompanhar; e pois Voſſa Senhoria vem » deſſe modo, faça-me mercê de ſe ir pera » minha caſa, aonde ſe tratará de voſſa ſau- » de o melhor que puder ſer. » O Viſo-Rey lhe agradeceo muito aquelle termo, e lhe pedio o houveſſe por eſcuſo, porque era velho, e rabugento, e que lhe mandaſſe dar caſas, em que ſe pudeſſe agazalhar; o que Franciſco Barreto fez, mandando-lhas perfumar muito bem, com muitos cheiros, e verduras; e com o Governador Antonio Moniz Barreto tambem teve outros cumprimentos, como parentes que eram, e o levou pera ſua caſa.

Paſſados alguns dias, em que o Viſo-Rey tomou algum alento, fez Franciſco Barreto hum ajuntamento de todos os Capitães, e Fidalgos velhos, o Governador Antonio Moniz Barreto, Vaſco Fernandes Homem, Religioſos que havia alli muitos,

e

e muito bons Letrados, e o Padre Francifco de Monclaros da Companhia, e prefentes todos, lhes propoz as coufas feguintes, pera fe refolver com feu parecer: » Que elle eftava preftes com aquellas tres náos,
» e oitocentos homens pera ir foccorrer a
» Fortaleza de Chaul, que eftava em gran-
» de aperto; e que parecendo bem a to-
» dos, o faria: e affim mais propoz, que el-
» le trazia no primeiro capitulo de feu Re-
» gimento, que na Conquifta das Minas
» não fizeffe nada, fem o parecer do Padre
» Francifco de Monclaros, que eftava pre-
» fente; que pera as Minas de Butuá, e
» Manicá havia dous caminhos, hum pela
» ferra, e terra de Manomotapa, e outro
» por Çofala, que pedia a todos fe ouvif-
» fem os homens velhos, e praticos naquel-
» la terra, e que com as razões que def-
» fem fe affentaffe qual deftes caminhos fe
» havia de feguir.» E ouvindo os homens todos o que Francifco Barreto diffe, tratando-fe daquella materia, vieram todos a conformar, e affentar em que o caminho fe havia de fazer por Çofala, por fer mais facil, e menos arrifcado, porque pelo outro da ferra haviam de paffar forçofamente pelas terras de hum Rey chamado Omigos, o mais poderofo de toda a Cafraria; e que fuccedendo aos noffos alguma quebra com el-

elle, ficaria o Governador Francisco Barreto inhabilitado pera proseguir a conquista que lhe ElRey mandava. Este parecer tomou o Governador assim com tanta solemnidade, porque o Padre Francisco de Monclaros apertou muitas vezes com elle que fosse pela serra, e terras de Manomotapa, tendo elle sabido dos homens praticos, que não iriam bem encaminhados; e porque Francisco Barreto não quiz seguir o parecer do Padre, andavam elles quebrados, e differentes, e ainda nesta junta o estavam, e o Padre teimava em que se havia de fazer o caminho da conquista por onde elle queria, e não por onde geralmente a todos parecia, o que era zelo piedoso, mas damnoso; porque a razão porque nisso insistia era, pera que o Governador Francisco Barreto tomasse do Manomotapa alguma satisfação da morte do Padre D. Gonsalo da Silveira, que elle mandou martyrizar, como em seu lugar contei, e pera ver se poderiam achar as reliquias de seus ossos, o que não podia ser, porque todos os homens que naquelle tempo tratavam pera as terras de Manomotapa affirmavam, que tanto que lançáram o corpo deste santo Padre no rio, logo os lagartos, e cocodrillos o comêram, e engolíram, donde não pudera tornar a apparecer, senão no ul-

ultimo juizo univerſal; e debatido o negocio naquelle grande concurſo de Capitães, Theologos, e mercadores praticos daquellas Minas, aſſentáram todos que ao Governador Franciſco Barreto lhe era neceſſario fazer ſeu caminho por Çofala, aſſim por ſer mais perto, como menos arriſcado. Aſſentado eſte negocio, aſſignáram todos no termo que diſſo ſe fez, em que tambem o Padre Franciſco de Monclaros aſſignou por lhe parecer muito bem.

E ſobre o primeiro ponto que o Governador Franciſco Barreto propoz, de que eſtava preſtes pera ſoccorrer Chaul, diſſe o Viſo-Rey D. Antonio que naquillo tinha bem cumprido com o ſerviço de ElRey, e obrigação de ſua peſſoa, que a tenção era muito boa, e fora muito bem acertada a jornada, ſe faltáram náos; mas que pois elle Viſo-Rey hia pera a India com tamanha Armada, que eſcuſava elle Franciſco Barreto aquelle trabalho, pois tinha o outro da conquiſta das Minas, que ElRey tanto lhe encommendava; mas que pois alli eſtavam juntos aquelles Capitães Fidalgos, e Religioſos, e Cavalleiros, lhes pedia que praticaſſem ſobre ſe iria elle D. Antonio com toda a Armada demandar Chaul, que era o que eſtava mais arriſcado, ou ſe iria direito a Goa; porque ſe Chaul foſſe perdido,

do, elle já o não podia remediar; e se estivesse ainda cercado, que com a nova que chegasse aos inimigos de sua vinda com tamanho poder, estava certo levantarem-se logo daquella Cidade sobre que estava; e que chegando elle a Goa, lhe poderia logo mandar todos os soccorros que quizesse; e concluido isto com tanta satisfação de todos, se partio o Viso-Rey pera a India.

Francisco Barreto começou a mandar muita parte da fabrica da conquista pera Çofala em muitas embarcações, e elle se começou a preparar pera a jornada; mas como ao Padre Francisco de Monclaros lhe parecia que se fazia offensa á sua authoridade, e letras, e ao que ElRey delle fiava que aconselharia ao Governador o que fosse justo, e honesto, conforme a seu serviço, e não a suas pertenções, foi-se hum dia ao Governador, e lhe pedio licença pera se ir pera a India pela Costa de Melinde, porque entendia que elle Governador hia contra sua consciencia, e contra o serviço de ElRey em querer fazer seu caminho por Çofala, como estava assentado, parecendo-lhe ao mesmo Padre muito acertado o que se assentou em hum Conselho tão authorizado, como se convocou pera esta materia de hum Viso-Rey, dous Gover-

nadores, e mais de vinte Padres de S. Domingos, Theologos, querendo que ſeu parecer ſó venceſſe a todos eſtes, paixão muito natural em muitos Religioſos, pela qual deitáram a perder na India grandes occaſiões, e ſe arriſcáram, e ainda perdêram algumas Fortalezas, como pelo diſcurſo de minhas Decadas ſe verá; porque muito ſabido he nas Eſcrituras Divinas, e Humanas que cada dia erra o homem, que ſe governa por ſeu parecer, e que as mais das vezes acertou quem ſe governou pelo alheio: em fim a paixão deſte Padre chegou a tanto, ou o medo, e temor que o Governador Franciſco Barreto tinha aos Prelados da Companhia, e ao Meſtre de ElRey D. Sebaſtião, que foi o que o encaminhou pera eſta jornada, que fez remover o parecer que eſtava tomado de tantas peſſoas tão eminentes, e fazer nova junta, em que tornou a propôr o negocio, no qual parece que o Padre tinha feito o que pertendia com os que haviam de ſer chamados; e tornado a debater o negocio, votáram que foſſe o Governador pela ſerra, e não por Cofala: e niſto ſe poderá bem ver o que podem reſpeitos, que o que hoje pareceo bem a huns, á manhã parece mal aos meſmos: ora deixemos iſto, que não ſervio de mais que de eſcandalizar a quem

o

o ſoube. O Governador Franciſco Barreto tornou a remover o que eſtava aſſentado, e mandou embarcações a Çofala, pera que toda a fabrica que lá eſtava, o foſſe eſperar no forte da ſerra, como fez; e elle como ſe hia chegando o tempo em que havia de partir, ſe foi fazendo preſtes, e ſe proveo baſtantemente de muitas couſas pera aquella jornada, pera a qual levou mais de duzentas peças de pannos de cores pera ſe veſtirem os ſoldados no tempo do inverno, que he lá muito frio. Aqui quero contar eſte caſo, que me aconteceo com elle. Vim eu do Reyno, como já diſſe, com o Viſo-Rey D. Antonio de Noronha; e como Franciſco Barreto comprava todos eſtes pannos, parece ſoube que eu trazia humas trinta peças, que me mandou rogar lhe vendeſſe, as quaes eu lhe mandei logo, e depois fui ter com elle, que eſtava fazendo contas com hum Feitor ſeu, que comprava eſtes pannos, o qual me perguntou a como os havia de dar, ao que Franciſco Barreto, que eſtava praticando comigo nos aſſentos da janella, lhe reſpondeo eſtas palavras: » Ora eſtais muito gracioſo, » perguntai a eſte ſenhor ſoldado por ar- » mas, e dar-vos-ha razão dellas: pagai- » lhe as ſuas peças por aquillo que as mais » caras vos cuſtáram » o que elle logo fez:

trouxe iſto, pera que ſe veja a natureza, e grandeza deſte Fidalgo.

CAPITULO XXI.

Parte Franciſco Barreto pera a Conquiſta das Minas: e da deſcripção de toda a Coſta do Cabo Delgado até o Cabo das Correntes, e do Reyno de Manomotapa, e das Minas de Butuá, e Manicá.

PReſtes Franciſco Barreto de tudo, ajuntou todos os navios, que havia no rio de Moçambique, e mandou embarcar a fabrica toda, e aſſim os cavallos, e huma quantidade de jumentos, e alguns camellos, que lhe trouxeram das coſtas dos Bodoins pera o ſerviço do exercito, e ſerviço delle: levou o Governador mil ſoldados, muitos eſcravos, e alguns Mouros, que ſabiam a terra, muitas roupas, mantimentos, e odres pera agua, e em fim tudo o que lhe diſſeram ſer neceſſario pera aquella jornada, e no mez de Novembro ſe embarcou, e foi com tudo a ſalvamento até o rio de Quilanamé noventa leguas de Moçambique, que he o rio dos Bons Sinaes, onde Vaſco da Gama, quando foi ao deſcubrimento da India, eſpalmou as ſuas náos; e porque me pareceo que ſería accei-

to dos curiosos fazer aqui huma descripção desta costa toda do Cabo Delgado até o Cabo das Correntes, a farei, começando do Cabo Delgado pera o das Correntes.

Esta costa do Cabo Delgado até Moçambique quasi que imita a feição de hum arco, começa em nove gráos do Sul, e acaba em quatorze e meio, em cuja distancia ha estes rios, e Ilhas. Cabo Delgado, Ilha dos Passaros, Ilha de Mesa, rio Pandagi, tem huma Ilha na boca do seu nome, Ilha Macoloé, Ilha de Matemo, Ilha de Quiribá, Ilha da Cobra, junto della rio Melvané, Ilha de Quizoé na sua boca, Ilhas das Cabras, a estas Ilhas lhe puzeram o nome os soldados da Armada de Vasco da Gama, quando por alli passou a primeira vez, Ilhas do Açoutado, porque nellas mandou Vasco da Gama açoutar o Piloto, que o levou de Moçambique, porque o metteo entre ellas, a fim de lhe fazer perder as náos. Vai logo o rio Mesente, o rio Noculubó, o rio Jitú, o rio Abé, o rio Xagás, o rio Samouco, o rio de Veloso Xaracapá, enseada de Fungo, o rio de Pendá, que tem huns baixos que lanção duas leguas ao mar de seu nome, o rio Quisimalúco, o porto de Velhacos, Tintagoné; onde fazem as aguadas, tem dous Ilheos fóra da boca Moçambique: daqui até

até a ponta da enſeada da Sanca, que eſtá em vinte e hum gráos e meio, vai encurvando a terra pera dentro de longo, da qual jaz aquelle perigoſo parcel de Çofala, na qual diſtancia ha eſtes rios abaixo de Moçambique, o rio Mocugó, o rio Baſonis, o rio Moſigé, o rio Moguncualé, que tem na boca huns baixos que lançam duas leguas ao mar, aonde eu já eſtive perdido em huma naveta indo pera Çofala, por ſima dos quaes cavalgou a embarcação, e milagroſamente ſe ſahio com o leme quebrado, o rio Janguaſé, o rio Ambuzio, as Ilhas de Angoxa, que ſam tres, o rio Monja, o rio Macolongo, que tem tres Ilheos na boca, o rio Tendamagé, o rio Corrobecá, o rio Quiſingó, o rio Loranjá, o rio Quinami, o rio Locangó, o rio Monguló, o rio Mafutá, barra de Quilinamé, que eſtá noventa leguas de Moçambique, em cuja coſta jazem os rios aſſima, capazes de navegarem por elles Pangayos de cem candís de carga; corre logo a Ilha Chinogá adiante trinta leguas até á barra de Lucabó vam logo eſtes rios, Tendeculó, rio Quiloé, rio Tambambugoé, rio Miaſé, rio de Çofala, que faz na entrada huma Ilha chamada Inhaſantó, rio de Loané, rio de Mamboni, rio Mulinem, rio Quilamacoſi a ponta de Boſicá, que eſtá em vinte

e

e dous gráos do Sul , onde começa huma concha da feição de hum briguigão , que vai acabar junto do Cabo das Correntes em vinte e tres gráos , por ſima da qual coſta eſtá o Tropico de Capricornio : chama-ſe eſta concha , ou enſeada da Sovea, dentro he aparſellada toda, entre a derradeira ponta da banda do Sul , e do Cabo das Correntes faz o rio Inhabané, onde os Capitães de Moçambique mandam fazer reſgate de marfim, donde lhe vem grande quantidade delle; e ainda pera o Cabo das Correntes ha outro rio, que ſe chama Inhangé.

CAPITULO XXII.

Das terras que poſſue o Manomotapa : e dos lugares a que os Portuguezes vam fazer ſuas feiras, por commutação de roupas, e conta com ouro.

TOda a terra que o Manomotapa ſenhorea, beija a boca do rio Cuama ao Naſcente, ao redor de duzentas e ſincoenta leguas , que della pudéram alcançar os Portuguezes , e Mouros, que vam pela terra dentro, e preſume-ſe que vai a paſſar muito mais ávante até confinar com os Reynos do Sertão do Preſte João da Abaſſia. Eſta terra he cortada pelo meio com hum

fer-

fermosissimo rio chamado Zambosé, no qual se mette o rio Quiri, que corta a terra chamada Barono, e o rio Mansovo, o rio Arroenha, e o Cabreza, e o Arrugé, e o Arruboy, todos rios prosperissimos de agua, a fóra outros muitos de menos quantidade, ao longo dos quaes vivem muitos Reys, huns izentos, e outros vassallos do Manomotapa, e o mais poderoso dos izentos he o Rey chamado Mongé, que confina com os nossos fortes de Sena, e Tete, e participa em algumas partes do rio Zambosé. As mais ricas Minas de todas sam as de Masapá, de que já tratei em algumas partes, e onde mostro na minha Abassia, que a Rainha Sabá levou a maior parte do ouro, que foi offerecer ao Templo de Salamão, a qual eu tenho pelo Ophir de que trata a Sagrada Escritura, e a semelhança do nome o mostra claramente, porque seus Cafres lhe chamam Fur, ou Fura, e os Mouros Aufur, que hum, e outro, tirando-se poucas letras, e com pouca corrupção na pronunciação (que estes barbaros adulteram) he mui semelhante a Ophir: he esta Mina tão rica, que ha bem poucos annos que della se tirou huma pedra, de que se tiráram mais de quatro mil cruzados de ouro, e arrebentam debaixo as veias do ouro com tanta força, que se achou subi-
rem

rem pelas raizes dos pés das arvores assima; e de huma veia, que veio arrebentando assima, tiráram hum pedaço de ouro, que em pedra pezava doze mil cruzados, a modo de hum grande Inhame com alguma terra por partes que fazia veias, a qual foi ter ás mãos dos nossos Portuguezes, e não se cavou mais nestas veias, porque havia grandes penas de mortes, e tormentos aos que nellas bulissem; e em outras partes se acháram á flor da terra pedaços, ou esgalhos de ouro como gengivre de pezo de quatro mil cruzados: ha outra tambem muito prospera, que se chama de Manicá, em que tambem não podem cavar os naturaes; e ainda que pudessem, o não fariam, porque não sabem profundar as Minas, nem ordenar as máquinas pera isso: a outra Mina he de Butuá, tambem he prospera, mas de nenhuma dellas sabem os Cafres tirar ouro, e sómente pelos invernos andam pelos enchurros, que descem das serras pera baixo, em que acham alguns grãos, e lascas, e de outras partes tiram a terra em gamellas, que levam estas enchurradas, de que tiram ouro mais miudo, a que chamamos em pó; e como os Cafres são muitos, sempre acham muita quantidade, ainda que naturalmente são tão preguiçosos, que como acham o que lhes basta pera comprarem

dous

dous pannos pera ſe veſtirem , não trabalham mais. Outras muitas Minas ha neſtes Reynos menores , e as haverá maiores tambem ſe profundaſſem ; mas nem os Cafres tem apparelhos , nem cubiça , e calor pera iſſo , porque , como já diſſe , ſe contentam com pouco.

Tres são as feiras a que os noſſos Portuguezes vam reſgatar o ouro , e vender ſuas fazendas , ou commutallas por ouro , pera as quaes hão de ſahir do noſſo forte de Tete , que eſtá cento e vinte leguas pelo rio Zamboſé aſſima. Os que querem ir , e os outros mandam ſeus Cafres , porque ha mercadores deſtes , que tem cento , e duzentos Cafres ſeus cativos , que mandam a eſte reſgate , os quaes são tão fideliſſimos que até hoje ſe não ſabe que hum fizeſſe huma velhacaria , nem ſe deixaſſe ficar por lá com a fazenda de ſeu ſenhor : cada Cafre deſtes leva á cabeça hum fardozinho feito ao comprido , muito bem liado , a que chamam Motiro , em que vam duas corjas de pannos azues , que são quarenta , roupa baixa de ſete até oito covados de comprido , e pouco mais de hum de largo , e alguns delles tão ralos , que parecem redes , e outras laias de pannos liſtrados do meſmo tamanho , e huns , e outros os Cafres eſtimam muito , e os partem em alguns pedaços ,

com

com que ſe encacham, e eſtas são pera elles as maiores galanterias do mundo. Levam tambem a eſte reſgate humas continhas de barro miudas, humas verdes, e outras azues, e amarellas, que são as gargantilhas, que as Cafras põem ao peſcoço, como os noſſos colares ricos; eſtas contas vam enfiadas em huns fios de Macoſi, que he huma couſa como folhas de palma, e dellas fazem hum ramal de dez, doze fios de palmo cada hum, a que chamam metins, que he hum certo pezo, que elles uſam, e a dez metins deſtes chamam lipate, e a vinte lipote, que val hum cruzado, e chega lá poſto quarenta reis; e todas eſtas couſas que levam ſe vendem logo, e dobram nellas o dinheiro, ou mais. Eſtas cafilas de Cafres com eſtas fazendas ſahem do noſſo forte de Tete chamado Sant-Iago, e vam a tres feiras, aonde os Cafres do Sertão os vam eſperar a certos tempos; a primeira ſe chama Luanhé, que ſerá trinta e ſinco leguas de Tete pelo Sertão da banda do Sul, que eſtá entre dous pequenos rios, que depois que ſe ajuntam em hum, ſe chamam Nauſovo, e fica o dito lugar affaſtado de cada hum deltes riachos dez leguas de Tete, até eſta feira gaſtam os noſſos quatro dias de caminho. A ſegunda feira ſe chama Bucotó, e ſe faz en-

tre

tre outros dous braços pequenos, que se vem tambem ajuntar com o grande, affastada da fralda de cada hum duas leguas: e de Tete a este lugar ha quarenta leguas, e da feira de Luanhé por linha direita treze. Masapá he a terceira feira, que fica na jornada do rio Masouvo, sincoenta leguas de Tete; esta feira he grande, e riquissima. Em todos estes lugares tem os Padres de S. Domingos Igrejas, onde se sacramentam os Christãos, que alli vivem, e que alli vam ter. Aqui nesta feira de Masapá reside hum Capitão Portuguez appresentado pelo Capitão de Moçambique, e confirmado pelo Manomotapa, o qual sem sua licença se não póde sahir dalli sobpena de o matarem, o qual he Juiz das differenças que ha entre os Portuguezes, e ainda entre os Cafres, por lhe ter dado o Manomotapa jurisdicção sobre elles: chama-se este Capitão das Portas, porque por alli hão de passar forçadamente os que vam pera a Corte.

CA-

CAPITULO XXIII.

Do que ſuccedeo a Franciſco Barreto neſta Conquiſta, e a ordem que teve em caminhar pela terra dentro.

DEixamos o Governador Franciſco Barreto em Cuama com toda a fabrica de ſeu exercito, e pelo rio aſſima foi até o forte de S. Marçal, ou de Sena, e ſe aſſentou em huma povoação, que ſe chamava Inhaparapalla, onde ſe agazalhavam todos os Portuguezes mercadores que por alli andavam, onde já lhe tinham feitos apoſentos pera o Governador, e Igreja, e muitas caſas pera a gente, tudo de palha: havia deſta povoação á outra de Mouros hum tiro de falcão, os quaes eram noſſos amigos, e tinham ſeu Xeque que os governava, e pera a communicação de todos os Portuguezes com quem ſe criavam, fallavam, e aprendiam a noſſa lingua, e eſcreviam com as noſſas letras. Era a povoação em que Franciſco Barreto ſe agazalhou ao longo do rio, de cuja agua todos bebiam, que era muito barrenta, e turva; e ſe a não aſſentavam de hum dia pera o outro, não ſe podia beber, pera o que era neceſſario muitas vazilhas grandes que não havia, e ſó de huns cabaços ſe ſerviam que

le-

levavam duas, e tres canadas de agua, pela qual razão começou a adoecer alguma gente, no que o Governador quiz prover com mandar abrir hum poço defronte das ſuas caſas, e elle em peſſoa com todos os Fidalgos, e peſſoas principaes trabalhavam na obra, e acarretavam a pedra pera ſe empedrar; e eſtando já tão alteado que deram na agua, chegou hum daquelles Mouros homem principal, que ſe chamava Manhoeſa, o qual apartou o Governador, e em ſegredo lhe diſſe que ſe não fiaſſe daquella agua, e que mandaſſe logo a entupir o poço, porque lhe haviam de lançar peçonha nelle pera o matarem a elle, e a todos os mais. O Governador diſſimulou com o negocio hum dia, ou dous, e depois o mandou entupir, dizendo que ainda aquella agua era peior que a do rio que era corrente; e como nunca os Mouros ſerão amigos dos Chriſtãos, tanto que ſouberam da ida do Governador a deſcubrir as Minas com que elles ficavam perdendo aquelle commercio, tinham aſſentado de matarem os noſſos poucos a poucos com peçonha, e pera iſſo tanto que o Governador chegou, ſe moſtráram mui affaveis, e domeſticos, e convidáram por muitas vezes aos noſſos, e nos convites lhes lançavam peçonha, que depois ao longe lavrou;

e

e vindo vefpera de Natal, convidáram muitos Fidalgos, e peſſoas principaes pera lhes darem de confoar, pera o que fizeram muitos doces, e entre elles muito boa gergelada, na qual tinham carregado bem a mão de peçonha, porque fabiam ferem os noſſos affeiçoados áquella fruta. Já nefte tempo eram mortos alguns cavallos de peçonha fem os noſſos cahirem no que era; e todavia vendo que morriam muitos, mandáram abrir alguns, e lhes acháram os figados, e corações comidos, e podres. O Governador vendo aquelle negocio, mandou prender todos os farazes, e começando-lhes a dar tratos, confeſſáram que hum Caciz dos Mouros lhes trazia a peçonha, que elles davam aos cavallos pera o que os tinha peitado; e feito iſto, mandou o Governador em muito fegredo chamar certos Capitães com fuas Companhias, e lhes mandou que com fegredo, e cautela cercaſſem diſſimuladamente a povoação dos Mouros toda em roda, e que eſtiveſſem preſtes todas as embarcações ligeiras com as proas em terra, e que ouvindo tocar a caixa, deſſem na povoação dos Mouros, e os paſſaſſem todos á efpada; e que as embarcações ligeiras andaſſem pelo mar, e tomaſſem todos os que foſſem fugindo; o que tudo fe fez muito bem feito, e matá-
ram

ram todos os que acháram, e prendêram os principaes, e algumas embarcações passáram á outra parte do rio pera darem na povoação de hum Mouro muito rico, que tinha quarenta Mouros seus criados, e mais de quinhentos Cafres; e hum soldado por nome Balthazar Marrecos, que hia em huma das embarcações, o qual vive hoje em Goa honrado, e abastado, levava comsigo outro na embarcação, o qual sabia muito bem a casa do Mouro por ter ido lá muitas vezes, e tomou por hum esteiro, que hia ter á sua porta, e desembarcando encontrou o Mouro que hia buscar, com mais seis, o qual como não tinha ainda noticia do caso, e o conhecia, lhe perguntou a que hia lá, ao que lhe respondeo que o Governador o mandava chamar por humas novas, que lhe vieram do Mongas, que se fazia prestes pera o ir buscar. O Mouro lhe disse que hia negociar tres mil meticaes de ouro, que o Governador lhe pedíra emprestados pera pagamento dos soldados, e com tudo o soldado apertou com elle pera o levar; e tanto fez que o levou comsigo pera a embarcação; e vindo pelo rio, víram vir hum luzio grande, em que hia hum Capitão com muitos Fidalgos em busca delle. O Mouro em o vendo lançou mão a hum traçado, e o Balthazar Marrecos

com

com os companheiros leváram das armas, e lhe disseram que não bullisse comsigo, em fim o amarráram, e mettêram na embarcação; e encontrando-se com o luzio, o Capitão que hia nelle lhe pedio o Mouro, que elle lhe não quiz dar, e lhe disse que fosse á povoação, que havia nella muito que fazer, o que elle fez, e foi dar nella, e nas casas do Mouro, que Belchior Marrecos levava, que se chamava Mujugané, e a saqueou, porque o Mouro era rico, e houve soldado de dous, e tres mil cruzados. Balthazar Marrecos entregou o Mouro ao Governador, que o mandou metter em huma prizão, em que já tinha outros; e procedendo contra elles, os sentenceou á morte, que logo se executou, convidando-os primeiro a que se fizessem Christãos, o que elles não aceitáram; e só hum chamado Mafamede Joanne, irmão de Mafamede Xeque Rajáo, hum Mouro muito conhecido em Moçambique, o qual aquelle dia pela manhã mandou chamar os Padres da Companhia, e lhes disse que aquella noite lhe apparecêra a Virgem nossa Senhora Mãi de Deos, e lhe dissera que se fizesse Christão, e se chamasse Lourenço, pelo que em seu coração determinava receber a agua do santo baptismo: e que não cuidassem que aquillo era pera lhe darem a vida, porque

bem ſabia que havia de morrer, que lhes pedia o baptiſmo, o que os Padres fizeram, conſolando-o muito: e logo foi tirado a juſtiçar com todos os mais, que cada dia tiravam de dous em dous, e os mettiam nas bocas das bombardas que os deſpedaçavam pera temor dos mais; ſó o Lourenço, que ſe fez Chriſtão, foi enforcado, e acompanhado com o Santo Crucifixo, e muitos delles foram mortos com outros tormentos exquiſitos, e aſſim padecêram todos; ſó o Manhoeſá, que aconſelhou ao Governador que entupiſſe o poço, porque lhe haviam de deitar peçonha, he que eſcapou, e o Governador lhe diſſe que bem ſe podia ir pera onde quizeſſe; mas elle quiz ficar ſempre em ſua companhia, e o Governador o mandou prover, e tratar muito bem.

Poucos dias depois de o Governador chegar ao forte de S. Marçal, deſpedio hum Portuguez dos antigos mercadores, que andavam naquelles rios, muito conhecido do Manomotapa, pera o ir viſitar, e tratar com elle alguns negocios, ao qual deo por inſtrucção que antes de chegar á Corte mandaſſe recado ao Rey que ſe o havia de receber como Embaixador de ElRey de Portugal, e do ſeu Governador, e ouvillo da maneira que todos os Reys Chriſtãos o recebiam, que iria á ſua Corte, ſenão que

ſe

ſe tornaria. A cauſa, por que o Embaixador fez eſta diligencia, e advertio ao Governador deſte modo, foi, porque tem eſtes Reys por eſtilo, quando entram a lhe fallar alguns eſtrangeiros, ou naturaes com elle, irem deſarmados, deſcalços, e de joelhos, batendo as palmas das mãos, e junto delle ſe lançam de barriga no chão. O Manomotapa lhe mandou dizer, que foſſe a elle, aſſim como entrava a fallar aos Reys Chriſtãos, que era diſſo muito contente, poſto que os Mouros que eſtavam na Corte o perſuadíram que o não ouviſſe, ſenão como era coſtume, porque os Portuguezes eram grandes feiticeiros, e que naquellas ceremonias com que queriam dar a embaixada, havia couſas, e palavras com que o haviam de matar; e com iſto detiveram alguns dias o Manomotapa, que eſteve reſoluto em o não receber, e no fim lhe mandou que entraſſe na Corte, como fez; e no dia em que lhe havia de fallar, mandou o Embaixador por alguns Portuguezes huma cadeira, e huma alcatifa debaixo, que ſe poz defronte do lugar do Manomotapa perto delle, e logo entrou o Embaixador com todos os Portuguezes veſtidos, e calçados, e com ſuas armas. O Manomotapa em elle entrando ſe levantou donde eſtava aſſentado, e o recebeo com gazalhado, e ſe tor-

nou a aſſentar , e o meſmo fez o Embaixador, e pelo interprete o mandou viſitar da parte do Governador, e fazer-lhe grandes cumprimentos ; e depois deſtas práticas lhe pedio da parte do Governador que lhe déſſe licença pera ir ſobre o Rey Mongas, que eſtava levantado contra elle Manomotapa, porque á ſua conta o queria caſtigar, e que tambem lhe relevava paſſar ás Minas de Butuá, e Manicás, e o não queria fazer ſem ſua licença: mettiam-ſe as terras deſte Rey entre a noſſa Fortaleza de Sena , e as terras do Manomotapa, e era o mais poderoſo de todos, tirando elle. O Manomotapa lhe mandou reſponder que eſtimava muito aquelle offerecimento, e que folgaria de elle lhe caſtigar aquelle alevantado , e que pera iſſo lhe daria cem mil homens , e tudo o mais que foſſe neceſſario , e que foſſe embora ás Minas que dizia : ao que o Embaixador lhe tornou a mandar dizer que nada havia miſter o Governador pera aquella jornada mais que licença ſua, e certeza de que levava goſto que a fizeſſe , e com iſto ſe deſpedio do Manomotapa, e foi dar reſpoſta ao Governador que eſtimou muito; e como iſto era na entrada do verão, logo ſe fez preſtes pera aquella jornada , e começou a dar ordem a ella.

Fei-

Feito tudo o que lhe pareceo neceſſario, foi o Governador marchando com todo o ſeu exercito ao longo do rio até chegar ás terras do Mongas, que era o inimigo que elle hia buſcar; e porque tinha por novas que elle tambem o eſperava com groſſo poder, pareceo-lhe bem, pera ficar mais deſembaraçado, deixar em huma Ilha, que alli fazia o rio, todos os doentes, e parte da bagagem que lhe não ſervia, e tambem ſe deixáram ficar alguns sãos que de cavalleiros ſe fizeram doentes, e por Capitão de tudo iſto deixou hum Fidalgo chamado Ruy de Mello que eſtava ferido, e com a gente com que ficou, que eram ſinco Companhias, ſe poz em campo, e a todos lhes diſſe brevemente que bem viam como eſtava daquella maneira com tão pouco cabedal pera ir commetter o Mongas Rey poderoſo, na qual jornada ſe lhe offereciam muitos perigos, fomes, e ſedes, e incommodidades, mas que tudo lhe facilitava verem todos o goſto, e animo com que todos o queriam acompanhar, e ſeguir: que elle ſe deſembaraçára dos doentes, e os deixára naquella Ilha por não impedirem os sãos; e porque elle não podia ter noticia das doenças, e indiſpoſições ſecretas que alguns podiam ter, lhes pedia que aquelle, que ſe não achaſſe muito ſufficien-

te

te em forças, e saude pera o acompanhar, lho notificasse pera o deixar tambem na Ilha, onde lhe não haviam de faltar rebates dos inimigos, e que por aquelle dia se declarassem, porque ao outro havia de começar a marchar; mas como já os doentes estavam agazalhados, lhe respondêram todos os que alli estavam que elles se achavam todos muito sãos pera o seguirem em todos os trabalhos. Feita esta diligencia, ao outro dia á tarde levantou o Governador o campo, e foi marchando até o Sol posto, que se tornou a alojar, e ao outro dia fez pela manhã resenha da gente que o seguia, e achou quinhentos e sessenta soldados todos de espingarda, em que entravam cem mosqueteiros que levavam soldo dobrado, e vinte e tres de cavallo, e desta gente ordenou sinco Companhias; e cavalgando em hum fermoso cavallo, armado de armas ligeiras, se poz no meio de todos, e lhes disse: » Eia, companheiros » meus, e esforçados cavalleiros, caminhe» mos, e vamos buscar os inimigos, que » mais contente, e seguro vou com estes » poucos tão contentes que com muitos » mais forçados, e contra sua vontade; » e logo foi marchando pela terra dentro com guias que os levavam por onde houvesse agua, pelos quaes caminhos foram nove,

ou

ou dez jornadas, achando os mais dos poços entulhados, pelo que paſſáram naquelles dias grandiſſimas ſedes, e fomes; e foi de feição eſte trabalho, que chegáram a não comer, de dous a dous dias, mais que alguns pedaços de carne de vaca, de algumas que matavam, a qual aſſavam em eſpetos de páo, e ainda deſſa muitos guardavam alguma pequena parte pera o outro dia.

No fim de dez jornadas indo caminhando por hum tezo aſſima, ſahíram as gentes do Mongas dar viſta aos noſſos com tamanho número que ſe não póde eſmar, porque cubriam os montes, e os valles. O Governador ordenou a ſua gente, e deo a vanguarda a Vaſco Fernandes Homem, que fazia o officio de Meſtre de Campo, e o Governador na retaguarda, e a bagagem no corpo da batalha, e algumas peças de campanha. Em os Cafres dando aquella moſtra que pareciam gafanhotos em nuvens, ordenou-ſe o Meſtre de Campo pera os receber, e mandou paſſar palavra ao Governador, que acudio a cavallo, e chegou á vanguarda; e vendo a multidão dos Cafres, foi-ſe encoſtando pera huma parte, onde vio huma fermoſa ſerra, onde ſe abrigou com todo o exercito, fortalecendo as coſtas nella, porque não podia ſer commettido pela

la retaguarda. Os Cafres vendo a ordem, e diſpoſição dos noſſos, foram-ſe retirando, e o Governador lançou-lhes logo alguns de cavallo, pera que foſſem reconhecer a parte por onde ſe recolhiam. Aquella tarde chamou o Governador ao Sargento mór, que ſe chamava Pedro de Caſtro, e lhe diſſe, que de todas as eſquadras das Companhias eſcolheſſe de cada huma tres ſoldados, e que fazendo número de oitenta, eſtiveſſe preſtes pera tanto que anoiteceſſe vir chegando pera o corpo da guarda, o que elle fez com muita ordem. Os Cafres tanto que anoiteceo foram-ſe alojar menos de meia legua, e toda a noite eſtiveram a tocar os tambores com grande eſtrondo, que todos ſe ouvíram no noſſo arraial. O Governador no quarto d' alva mandou ao Sargento maior que com os oitenta homens que tinha eſcolhidos foſſe dar hum aſſalto no arraial dos Cafres; e tanto que elle ſahio, ceſſáram os atabales, e matinadas dos Cafres. O Governador tanto que os não ouvio, mandou com grande preſſa recado ao Sargento mór que ſe recolheſſe, porque entendeo que em quanto os Cafres tangiam, repouſavam; e que tanto que ceſſou o eſtrondo, começavam a partir, e marchar pera virem dar nos noſſos, pelo que lançou eſpias ſobre elles que lhe vieram

ram dizer que já ſe vinham chegando, com que o Governador mandou tocar a arma, e ſe ordenou pera os eſperar: e aſſim eſtiveram aponto aguardando até amanhecer, que mandou por alguns de cavallo deſcubrir o campo, em que não víram couſa alguma, e com eſte recado mandou marchar, levando ſempre os de cavallo diante, e foram caminhando por huma campina raſa, pela qual os de cavallo deſcubríram os inimigos, de que deram rebate ao Governador, que ſe poz em ordem de peleijar com elles, fazendo hum eſquadrão de duas Companhias na vanguarda, e outras duas, huma por cada lado, e na retaguarda outra, ficando a bagagem no meio, e na retaguarda mandou levar hum falcão pedreiro, e pelas ilhargas, berços, e meios berços, e na vanguarda tres quartas de eſpera, que lançava pelouro de ferro coado. Os Cafres vinham todos em meia lua chegando-ſe aos noſſos, e traziam diante huma Cafra velha, que tinham por grande feiticeira, a qual perto dos noſſos tirou de hum cabaço, em que trazia huns poucos de pós, os quaes eſpalhou pelo ar, com os quaes tinha feito crer ao Mongas que havia de cegar aos noſſos, e tomarem-nos todos ás mãos; e tão crentes vinham niſto, que traziam muitas cordas pera os amarrarem. O Governa-

dor

dor vendo aquella Cafra velha fazer gatimanhos diante de todos, logo lhe pareceo ſer feiticeira, e mandou ao Condeſtavel que lhe fizeſſe tiro com o falcão, o que elle fez em tão boa hora que levou a bala a maldita Cafra em pedaços pelo ar, de que os Cafres ficáram como paſmados, porque a tinham por immortal, pelo qual tiro o Governador lançou ao peſcoço do Condeſtavel huma fermoſa cadeia de ouro que no ſeu trazia; mas nem por iſſo os Cafres deixáram de remetter com os noſſos com huma deſordem brutal, com grandes gritas, e algazaras, eſgrimindo ſuas eſpadas, e dardos, a que chamam pomberas. Franciſco Barreto fez ſinal ao romper, appellidando ao Apoſtolo Sant-Iago, com o que a noſſa arcabuzaria, e moſquetaria começou a diſparar, e a derrubar nelles como em gralhas amontoadas; e poſto que fizeram alguma reſiſtencia, e feríram alguns dos noſſos com ſuas fréchas, e azagaias, vendo a mortandade que os noſſos nelles faziam, voltáram as coſtas, indo os noſſos na ſua retaguarda matando, e derrubando nelles á ſua vontade até ouvirem a trombeta que os mandava recolher, o que fizeram com muita ordem. O Governador deſpedio os de cavallo a deſcubrir o campo; e não vendo couſa alguma, voltá-

táram com recado ao Governador, que logo mandou marchar o exercito pera a Cidade do Mongas que eſtava perto, e antes de chegarem a ella deram em hum mato muito ſerrado, o qual mandou o Gòvernador derrubar pelos gaſtadores que eram muitos, o que ſe fez com grande brevidade.

Eſtando o Governador a cavallo encoſtado em huma lança vendo trabalhar os roſadores, o que ſería pelas dez horas do dia, levantando os olhos pera todas as partes, vio hum nevoeiro que lhe pareceo ſer pó de muita gente que vinha marchando, pelo que mandou com muita preſſa vir pera alli toda a artilheria, e ordenou ſua gente, e das arvores cortadas ordenou huma tranqueira com grande brevidade, e não tardou muito que não viſſem aſſomar huma grande quantidade de Cafres eſtendidos em lua, que vinham cingindo com duas pontas todo o campo; e remettendo aos noſſos com grandes gritas, eſtiveram quaſi todos baralhados. O Governador deſceo-ſe do cavallo, como fazia em todas as brigas, pera ſer companheiro nos trabalhos aos ſeus, e mandou que não diſparaſſe a artilheria, e eſpingardaria, ſenão quando já os Cafres eſtiveſſem perto, como fizeram, eſtando já quaſi todos baralhados (como já diſſe): e daquella ſurriada foram tantos os mortos

que

que ficou o campo cuberto delles, e em paſſando a fumaça ſahio a gente de cavallo, e as Companhias; e dando naquella multidão deſordenada dos Cafres, os foram desbaratando até voltarem de todo, ficando naquelle lugar da batalha mais de ſeis mil Cafres mortos, afóra outros muitos que foram morrendo pelo caminho. O Governador foi marchando pera a Cidade, que já tinha ſabido que eſtava deſpejada, á qual mandou pôr fogo, em que ſe conſumio por ſer tudo madeira, e palha, e depois mandou apagar o fogo, e ſe agazalhou alli, porque eſtava toda cercada de mato eſpeſſo, e tinha ſó huma aberta por onde ſe ſervia, a qual mandou entupir com arvores groſſas, e naquella parte aſſeſtou a artilheria pera ſua defensão, e alli curáram os feridos, que foram mais de ſeſſenta, dos quaes ſó dous morrêram. Aqui acháram muita agua de que hiam faltos, pelo que ſe detiveram ſinco dias, e ao ſexto em rompendo a manhã, tornáram os Cafres com mais groſſo poder a commetter os noſſos com muito grande determinação, e entre todos ſe travou huma perigoſa batalha que durou até á huma hora depois do meio dia, em que os noſſos fizeram nelles hum grande eſtrago, ferindo elles alguns dos noſſos; e a Vaſco Fernandes Homem, que era o Meſ-

Meſtre de Campo, que andou ſempre peleijando na dianteira com muito valor, lhe deram huma fréchada pelo hombro direito, que lhe paſſou hum tiracolo do traçado, que trazia atraveſſado, que era de tres dobras de anta, irmã de huma coura que levava veſtida, e lhe paſſou a ſeta a outra parte meio palmo, de que muito tempo não pode bullir o braço, e aſſim com a frécha empenado mandou a ſua ſoldadeſca até os Cafres ſe recolherem pelas duas horas desbaratados; e querendo-ſe os noſſos alojar, e deſcançar, appareceo hum Cafre com huma bandeira branca, e foi muito ſeguro buſcar o noſſo exercito. O Governador mandou hum pifaro a ſaber delle o que queria, o qual mandou dizer que o ſeu Rey pedia pazes, e logo o mandou trazer diante de ſi, e o eſperou em huma cadeira de veludo ſentado, e todas as Companhias em ordenança com ſuas eſpingardas, e murrões nas ſerpes, e a artilheria aſſeſtada diante delle, e os Condeſtaveis com ſeus botafogos nas mãos. Eſtava o Governador com hum jazerão mui forte com ſuas mangas, huma eſpada de prata a tiracolo, e hum pagem junto delle com hum eſcudo de aço muito luzente; e poſto o Cafre diante delle, ficou embaçado ſem poder fallar palavra, nem ſaber reſponder ao que lhe perguntavam

guntavam, tremendo todo de pés, e mãos. O Governador lhe mandou dar hum bocado de doce, e hum cópo de vinho, com o que tornou alguma cousa em si, e disse que o seu Rey Mongas mandava pedir pazes, e desejava muito de ser seu amigo; ao que o Governador lhe mandou responder que elle hia caminhando, e que dalli a dous, ou tres dias poderia mandar tratar do que queria, e com isto o despedio. Os nossos de cavallo foram nas suas costas descubrir o campo; e vendo que nada apparecia, descançáram aquella noite, e ao outro dia, tanto que amanheceo, levou o exercito, e foram marchando até quasi noite, e se alojou em hum muito bom sitio, em que tinham muita agua, e logo chegáram dous Cafres, e disseram ao Governador que o Mongas lhe mandava pedir licença pera tratar de pazes, e que se tinha necessidade de mantimentos que lhos mandaria. O Governador lhe mandou dizer que as pazes se fariam a seu tempo, e que elle levava mantimentos em abastança. Estando nestas práticas se soltou hum camello, e veio fugindo pera a tenda do Governador, e apôs elle vinha o que tinha cuidado delle pera lhe lançar hum cabresto, e o camello parou, e começou a roncar, e levantar o pescoço, que era muito comprido,

e

e abrir as ventas. Os Cafres do Mongas, que víram aquella tão grande alimaria, que naquella Cafraria não havia, foi tamanho o seu medo que se foram metter na tenda do Governador, e por baixo das estancias debruçados no chão o estavam vendo com admiração. O Governador se levantou, e foi andando pera o camello até chegar a elle, que o esperou muito domestico, e lhe fez lançar o cabresto; e tornando-se assentar, mandou chamar os Cafres, que vieram como pasmados, e perguntáram á lingua que alimaria era aquella. O Governador lhe mandou dizer que daquelles trazia muitos, e que não comiam outra cousa senão carne de gente, e que aquelle lhe vinha dizer da parte dos outros que de nenhum modo fizesse pazes com o Mongas, porque lhe faltaria o comer, e que todos os Cafres que nas batalhas passadas lhe matáram os nossos, elles os comêram, e que esperavam comer todos os mais. Os Cafres batêram duas, e tres vezes as mãos, que he o seu final de grande admiração, e pedíram ao Governador que pedisse áquellas alimarias que não comessem mais gente do Mongas, que elles lhe trariam muitas vacas pera se sustentarem, o que veio do Ceo aos nossos, porque já não tinham com que se sustentar, e mandou dizer aos Cafres que el-

elle rogaria áquellas alimarias que ſe ſuſtentaſſem, e contentaſſem ſó com vacas, e não comeſſem mais a gente do Mongas, e com iſto os deſpedio, dizendo-lhes que elle hia pera a Cidade do ſeu Rey, e que lá ſe viriam. Os Cafres foram ſaltando paſmados, e foram contar tudo ao Mongas, que não ficou menos paſmado que elles. O Governador foi marchando com grandes neceſſidades de provimentos, e ſó havia algumas vacas de que piedoſamente ſe ſuſtentavam; e vendo-ſe o Governador em tamanho aperto, por conſelho de todos tornou a voltar pera o rio, e em tres dias chegáram (com grandes neceſſidades) ás terras de hum ſenhor chamado o Rombo, que ſenhorea de Lapatá pera o forte de Tete, e alli ſe alojáram ao longo do rio, onde eſtiveram nove, ou dez dias paſſando eſpantoſas fomes; e chegou o aperto a tanto, que ſe mettêram os noſſos pelos matos a buſcar algumas hervas que coziam, e eſparragadas com ſal as comiam. O Governador deſejou de mandar recado a Ruy de Mello, que ficou na Ilha com a gente, e bagagem; porém não havia embarcação em que ſe pudeſſe ir, e huns Cafres lhe trouxeram huma tão pequena que não cabia nella mais que o negro que remava, e nella eſcreveo a Ruy de Mello que logo lhe mandaſſe to-

das

das as embarcações que houvesse carregadas de mantimentos: o que elle fez logo, e lhe mandou seis embarcações grandes carregadas de mantimentos, milho, e outros legumes, o que tudo foi recebido dos nossos com grandes festas. O Governador naquelle mesmo dia mandou passar da outra parte do rio huma Companhia de soldados, cavallos, camellos, e toda a bagagem, e munições, e artilheria, e por derradeiro se passou toda a gente, e elle no cabo, e da outra parte mandou o Governador marchar o exercito de longo do rio, e ao outro dia se metteo pelo certão até chegarem a huma povoação chamada Hamboá, e por este caminho lhe leváram os Cafres muitas cousas de comer, e em quatro dias chegáram a huma povoação, onde se agazalháram sem sobresaltos, e ao dia seguinte mandou ao Mestre de Campo que fosse destruir duas Cidades levantadas, as quaes elle assolou, e destruio. Tanto que Vasco Fernandes chegou, tratou o Governador de ir em pessoa a Moçambique, porque teve cartas que Antonio Pereira Brandão estava como levantado, e que tratava de o não prover com o que de Goa lhe mandassem, e fez apressar ao Governador a esta jornada huma carta, que certo Fidalgo lhe mostrou, a qual lhe tinha escri-
 to

to o mesmo Antonio Pereira Brandão ; e como o remedio daquella Conquista estava em até virem provimentos de Moçambique, e a perdição em lhe faltarem, como estava certo , se elle não fosse , deixando Vasco Fernandes Homem com todos os seus poderes, elle se embarcou em tres vogues, e algumas Almadias, com algumas pessoas que pera isso elegeo, e o Padre Francisco de Monclaros, e se foi a Luábo embarcar em alguns pangaios que lá estavam, e em poucos dias chegou a Moçambique, e desembarcou em Nossa Senhora do Baluarte, onde se ordenou, e se deteve até lhe despejar Antonio Pereira Brandão a Fortaleza, o qual foi visitar o Governador a Nossa Senhora do Baluarte, e ao outro dia se foi pera a Fortaleza, onde começou a tratar do que lhe convinha.

Dalli a menos de hum mez chegou o navio do contrato da India com os provimentos pera aquella Fortaleza, e nelle vinha embarcado João da Silva, filho bastardo do Governador Francisco Barreto , o qual houve em Baçaim sendo Capitão, pelo qual D. Jorge de Menezes , que depois foi Alferes mór, lhe mandou huns Capitulos infamatorios, que Antonio Pereira Brandão mandou a ElRey, os quaes mandou á India por vias pera se repartirem pelas náos,

do

do que D. Jorge teve noticia: e pela razão que tinha com o Governador Francisco Barreto, porque foi casado com huma irmã de seu pai, tanto fez naquelle negocio, que houve todos á mão, e huns lhe mandou, e outros guardou. O Governador abrio os Capitulos, e vio que nelles dizia a ElRey mil infamias, e falsidades contra elle, devendo-lhe Antonio Pereira Brandão mais que todos os homens; e porque se veja a ingratidão deste homem, o darei a conhecer. Este Fidalgo foi aquelle que em Maluco fez aquellas diabruras, sendo D. Duarte Deça Capitão, como na minha setima Decada no terceiro Capitulo do . . . Livro se contém, pelas quaes cousas ElRey o mandou ir prezo pera o Reyno, e lhe confiscou a fazenda, e se processou contra elle, e sahio degradado pera Africa por toda a vida, que não devia ser muita, pois tinha naquelle tempo oitenta annos de idade; e sabendo elle que Francisco Barreto hia pera a Conquista das Minas, se foi ter com elle, e lhe pedio quizesse haver de ElRey commutação daquelle degredo pera a Conquista, porque desejava de o acompanhar. Francisco Barreto o alcançou de ElRey, e o levou comsigo, e em Moçambique o deixou por Capitão daquella Fortaleza, dizendo-lhe que lha dava pera ti-

rar nella vinte mil cruzados com que caſar huma filha que tinha, e em pago deſtes beneficios lhe urdia huma tamanha traição. O Governador ao outro dia foi ouvir Miſſa á Ermida do Eſpirito Santo, que he defronte da Fortaleza velha, que fica em hum penedo ſobre o mar, pera a qual ſe ſervem por huma ponte, e ao entrar della diſſe a todos os que o acompanhavam que ſe ficaſſem, e levou ſó comſigo a Antonio Pereira Brandão; e entrando na Ermida, fez oração, e ouvio Miſſa, e depois ſe tornou pera fóra, e ſe encoſtou a hum eſteio, e puxou pelo Antonio Pereira. Algumas peſſoas me diſſeram que víram a Franciſco Barreto concertar hum punhal de orelhas que levava na cinta, e diſſe o que quer que foi a Antonio Pereira Brandão, o qual ſe lhe lançou no chão, e o abraçou duas, ou tres vezes pelas pernas. O Governador ſe abaixou todo, e o levantou; e mettendo a mão na algibeira, tirou os ſeus Capitulos que mandava a ElRey; e em elle os vendo, paſmou, e rebentou em lagrimas, lançando-ſe-lhe aos pés, pedindo-lhe miſericordia com tão grandes ſoluços, que os ouvíram os que eſtavam afaſtados. O Governador, que tinha hum coração muito mavioſo, e as entranhas cheias de brandura, voltou as coſtas, e foi andan-

do

do pera a Fortaleza com os olhos arrazados em lagrimas, como se elle fora o culpado, e tão affrontado, que parecia vinha de algum grande trabalho, e aò pé da escada se despedio de todos; e chamando o Ouvidor, se encostou a hum esteio da janella, e alli lhe deo conta de tudo o que passava, e lhe mostrou os papeis que Antonio Pereira mandava a ElRey, e lhe disse que naquella tarde mandasse chamar as pessoas que testemunháram na inquirição daquelles Capitulos, o que o Ouvidor fez, e diante do Governador se retractáram, e pedíram perdão, dizendo que Antonio Pereira Brandão, sendo Capitão, os mandára chamar hum e hum, e lhes dava juramento, tendo comsigo hum Escrivão, e mandava escrever o que queria, e por força os fazia assignar; e de tudo isto mandou fazer hum auto, em que todos se assignáram, e o guardou pera sua satisfação, e de Antonio Pereira não tratou mais, porque lhe lembrou que era de oitenta annos, e que tinha filhos.

Sendo tempo do Governador se partir pera Sena, despedio duas navetas carregadas dos provimentos que trouxe da costa de Melinde, e elle depois se partio com todas as embarcações que havia, deixando por Capitão Lourenço Godinho, Feitor, e Al-

Alcaide mór daquella Fortaleza, e em breves dias chegou á barra de Quilinamé, e pelo rio affima fe foi até á Fortaleza de Sena, onde foi muito bem recebido de todos; e eftando dando ordem a muitas coufas, depois de fete, ou oito dias de chegada, fe foi ter com elle o Padre Francifco de Monclaros, e lhe requereo em público da parte de Deos, e de ElRey que deixaffe aquella Conquifta, em que tinha enganado a ElRey, e que da gente que nella era morta, e morreffe, elle havia de dar a Deos larga conta. O Governador muito apaixonado lhe diffe que o deixaffe, e fe foffe muito embora; e deitando-fe logo em huma camilha, voltou o rofto pera a parede, e interrompeo em efpantofos fufpiros, e ais, e toda a noite paffou naquellas anfias fem dormir, nem quietar, e ao outro dia pela manhã mandou chamar ao Padre Eftevão Lopes, Companheiro do Padre Francifco, que era feu Confeffor, e fe confeffou com elle muito devagar, e veftio-fe muito cançado; e encoftado a huma cana, foi á Ermida, onde ouvio Miffa, e commungou com grande devoção, e dalli fe recolheo pera cafa, e fe recolheo fem febre, nem frio, nem outro achaque algum, mais que anfias, fufpiros, voltas, e inquietações, fem em todo o dia comer mais que
hum

hum caldo de gallinha; e tanto que anoiteceo, tornou a chamar o Confeſſor, e com elle foi o Padre Franciſco, que eſtiveram com elle até ás dez horas, e já neſte tempo tinha as pernas muito frias dos joelhos pera baixo, e com lhe applicarem muitas toalhas quentes, e esfregações, nada lhe aproveitou, porque era frialdade da morte. Os Padres entendendo que morria, eſtiveram toda a noite em huma caſa de fóra; e ſendo pela meia noite, deſpedio os criados que eſtavam de joelhos ao redor da cama, porque queria repouſar, e virou-ſe pera a parede, e dalli a quaſi huma hora dèo hum grande ronco, ao qual todos acudíram, e o Confeſſor lhe metteo a candeia na mão, mas já eſtava de todo concluido: os ſeus o pranteáram bem, porque nelle perdiam ſeu remedio. Sobre eſta morte não ha que fallar, mais que contar o caſo como paſſou, que pudéra dizer muito, mas nem iſſo lhe ha de dar a vida, nem ha de acabar com os Religioſos que deixem de ſe metter no governo temporal que elles ignoram, porque o não aprendêram; e he couſa muito differente rezar, dizer Miſſa, e confeſſar, de governar armas, e diſpôr as couſas da Républica, nem ſeus Prelados hão de remediar nunca iſto, de que por muitas vezes foram advertidos.

Fa-

Falecido Francifco Barreto, foi levado fem pompa a enterrar na Ermida de S. Marçal, onde antes de fer lançado na cova fe abrio huma fuccefsão que trazia em huma boceta fua, e achou-fe nella Vafco Fernandes Homem, que era Meftre de Campo, na qual ElRey mandava que fuccedeffe a Francifco Barreto no mefmo lugar com os mefmos poderes, e titulo, de que logo tomou poffe, e deo a homenagem, e depois fe enterrou feu corpo. A fazenda de que fe lhe fez inventario, foram cento e vinte mil cruzados, que devia ás partes, a quem a tomou pera os gaftos da Conquifta, não lhe ficáram filhos, e deixou por fua herdeira, e de feus ferviços a D. Francifca de Aragão, fua fobrinha, que ainda hoje vive, e foi cafada com D. João de Borja, do qual teve D. Carlos de Borja Conde de Ficalho, Fidalgo de muitas partes. Foi efte Fidalgo Francifco Barreto filho de Ruy Barreto, foi cafado duas vezes, a primeira com huma irmã de D. João de Menezes, Alferes mór do Reyno, a quem chamavam o Tubara, da qual teve dous filhos, Ruy Nunes Barreto, que foi com feu pai á Conquifta, e faleceo na Sena a primeira vez que lá foi; e Luiz da Silva que matáram em Goa em hum desafio em tempo do Vifo-Rey D. Antão de No-

Noronha: da ſegunda vez caſou, como já diſſe, com huma irmã de D. Luiz de Ataíde, Conde de Atouguia, de quem não teve filhos. Foi eſte Fidalgo ſempre grande peſſoa, e ſempre os Reys ſe ſervíram delle em couſas grandes, veio á India por Capitão de Baçaim, e depois por Governador da India; e indo pera o Reyno, o fez ElRey General das galés do Reyno, que ainda era quando faleceo, e depois de vir á Conquiſta deſtas Minas, a Diogo Lopes de Siqueira, a quem as encarregou em ſua auſencia: foi General da Armada que El-Rey D. Sebaſtião fez contra o Pinhão, quando D. Garcia de Toledo o tomou, na qual jornada Franciſco Barreto foi com grande apparato, gaſtos, e ſerviços, e no commettimento do Pinhão foi dos que mais fizeram, e a quem ſe deve igual gloria, e a D. Garcia de Toledo, como ElRey D. Filippe o Prudente moſtrou bem em huma carta que lhe eſcreveo, de que logo darei relação. Os criados deſte Fidalgo lhe leváram pouco depois a ſua oſſada, e de ſeu filho Ruy Nunes Barreto pera Moçambique mettidas em hum caixão com tanto ſegredo que nunca ſe ſoube; e porque acháram as náos de D. Franciſco de Souſa de arribada, em que hia o Viſo-Rey D. Antonio de Noronha, lha embarcáram logo pe-

pera o Reyno, e chegando a Lisboa, que ſe deo o recado a ElRey, ſentio muito ſua morte, e mandou que ſe não buliſſe em ſua oſſada ſem ordem ſua, e logo a deo pera ſua deſembarcação, mandando a Diogo Lopes de Siqueira, ſobrinho de Franciſco Barreto, a quem tinha encommendado, e a toda a Corte, que o acompanhaſſem: e ſeus parentes lhe ordenáram as pompas funeraes, e os acompanhamentos de todas as Ordens Mendicantes, Cabido da Sé, e Clerifia; e no dia ordenado foi Diogo Lopes de Siqueira com as galés toldadas de negro, e trouxe a oſſada até o caes da ribeira, onde a eſperava toda aquella fabrica, e a Irmandade da Miſericordia, e na tumba foi levado aos hombros de alguns Senhores Cavalleiros da Ordem de Chriſto, da qual elle era, e com a maior pompa funebre que pode ſer o leváram a S. Lourenço, onde tinha ſeu tumulo junto com ſua mulher D. Brites de Ataíde: e por eſta carta que lhe eſcreveo ElRey Filippe Prudente ſe poderá ver a eſtimação em que tinha eſte Fidalgo; porque depois de Franciſco Barreto vir da jornada do Pinhão de acompanhar D. Garcia de Toledo, querendo ElRey D. Filippe gratificar-lhe aquelle ſerviço, mandou-ſe retratar em huma lamina de ouro com huma argola, e cadeia groſ-

ſa

ſa com que mandou viſitar a Franciſco Barreto, e lhe mandou a carta ſeguinte.

Cópia da Carta de ElRey Filippe.

EL buen ſucceſſo de la empreſa del Peñon, yo le pongo más a vueſtra fortuna, que a mi potencia, ſiempre le eſperé tal como eſtuve certificado que hiva D. Garcia de Toledo ayudado de vueſtro fabor. El trabajo que en ello tuviſtes, os agradezco mucho, y os quedo por el en mucha obligacion, y no ſupe al preſente con que os lo pueda pagar, y agradecer, ſino embiando-os un retrato de mi perſona, en una cadena, para que con ella me tengais prezo todos los dias de vueſtra vida para lo que de mi os compliere. Madrid.

Tinha eſte retrato, e cadeia quatro mil cruzados de valor, e nunca ſoube que fora deſta peça, que era mais digna de andar por timbre na caſa dos Barretos, que outros muitos que outras caſas tem.

CAPITULO XXIV.

Do que ſuccedeo ao Governador Vaſco Fernandes Homem depois que tomou poſſe: e como ſe partio pera as Minas de Manichás.

ENtregue o Governador Vaſco Fernandes Homem das couſas daquella Conquiſta, tratou de a proſeguir; mas o Padre Franciſco de Monclaros que lhe não pareceo bem, ou porque ſe queria metter em tudo como ſuperior daquella jornada, perſuadio a Vaſco Fernandes Homem que deſiſtiſſe della, e ſe foſſe pera Moçambique, o que elle fez contra ſua honra, e contra o ſerviço de ElRey, no que lhe ponho maior culpa que ao Padre; e aſſim lho diſſe a elle meſmo, porque me encontrei com elle em Moçambique, e levou comſigo a fabrica, e ſoldadeſca dos rios; e chegando áquella Fortaleza, veio ter a ella em huma galeota da India Franciſco Pinto Pimentel, primo com irmão do Governador Vaſco Fernandes Homem, o qual ſabendo o que era paſſado, e como depois de ſucceder naquella Conquiſta, a deixára, e ſe viera pera aquella Fortaleza, lho eſtranhou, e reprehendeo de fazer aquella mudança ſem ordem de ElRey, porque eſtava obrigado

a

a lhe dar conta da morte de Francisco Barreto, e da sua succesſão, pera elle prover como mais fosse seu serviço, e que entre tanto corresse com a Conquista, e fosse ensacar as Minas pera dar razão a ElRey de tudo, lembrando-lhe que havia tão pouco tempo que ElRey mandára cortar a cabeça a D. Jorge de Castro por largar a Fortaleza de Chalé, e que o mesmo faria a elle por largar aquella Conquista, em que tanto cabedal estava mettido, e que fizesse o que pudesse até acabar a vida em serviço do seu Rey, a quem estava tão obrigado pela confiança que delle fizera em succeder a hum tão valeroso, e prudente Governador, cujo lugar havia de substituir, e tratar de o imitar, principalmente na resolução; e que não désse mais ouvidos a Religiosos nas materias de guerra, pois se não creáram nella, nem a versavam, e que lhes dissesse, quando o aconselhassem neste particular, se sería acertado, sendo elles Letrados, perguntarem a elle Governador materias da Sagrada Theologia, pera que lhas decidisse, não estudando elle, nem professando sciencias: que o acertado era cada hum usar do seu officio, e das faculdades que professavam, porque tudo o mais servia de confusão. O Governador Vasco Fernandes Homem entendeo que lhe fallava

co-

como parente, e amigo, e logo ſe preparou pera ſe tornar. Neſte tempo chegáram as náos do Reyno, de que veio por Capitão mór Ambroſio de Aguiar Coutinho, nas quaes o Padre Franciſco de Monclaros, e ſeu Companheiro ſe embarcáram pera o Reyno, e o Governador ſe percebeo dellas de muitas couſas neceſſarias pera ſua jornada, e nellas ſe foram muitos ſoldados eſcondidos dos mais velhos da Conquiſta, que iſto fez a vinda do Governador Vaſco Fernandes Homem a Moçambique.

Chegado o verão, embarcou-ſe o Governador Vaſco Fernandes Homem em todos os pangaios que havia, com toda a fabrica pera a Conquiſta, e quinhentos homens com algumas peças de campo, e todas as mais couſas que lhe eram neceſſarias, e em poucos dias foi a Çofala, por onde era o verdadeiro caminho pera as Minas que El-Rey mandava deſcubrir, e não por Cuama, como fizeram ir ao Governador Franciſco Barreto, que foi a cauſa de ſua perdição, e morte. Poſto o Governador em Çofala, tratou da jornada que havia de fazer pera as Minas de Manicá, que eſtavam no Reyno de Chicagá, que confina com o do Quiteve pelo certão, e eram grandes inimigos; e porque havia de paſſar pelas terras de Quiteve, que he grande Senhor,

e

e maior que todos os Cafres daquellas partes, tirando o Manomotapa, o mandou diante visitar com alguns presentes, e fazer-lhe a saber que havia de passar por suas terras pera as de Chicagá seu inimigo, que houvesse por bem dar-lhe franca passagem, e que assim ficariam correndo os commercios mais largamente do que antes. O Quiteve não lhe pareceo bem aquella jornada que queria o Governador fazer, e visita que de sua parte se lhe fazia; porque como tinha grandes ciumes do commercio dos Portuguezes, que por via de Çofala lhe levavam as roupas, e contas que pera estes Cafres he o mais rico thesouro que pera nós, o que o Governador hia descubrir, receando que tanto que o Governador descubrisse as Minas, se levasse toda aquella fazenda pera o Reyno de Chicagá, e que ficasse elle perdendo os proveitos que tinha della, não respondeo bem á visita. O Governador como fez aquillo só por cumprimento, deo-lhe pouco do Quiteve mostrar pouco gosto de elle passar por suas terras, e logo se fez prestes pera caminhar na ordem que Francisco Barreto o fez pelas terras do Mongas; e como o Governador Vasco Fernandes Homem tinha sido Mestre de Campo, por sua ordem se fazia, e obrava tudo, e assim foi caminhando com

o

o ſeu exercito bem ordenado ao longo do rio, que entra por toda aquella Cafraria, e corta as terras do Quiteve, levando por elle muitas embarcações com a bagagem; e entrando pelas terras do Quiteve, foi impedido de muita gente, com que lhe mandou dar alguns aſſaltos, nos quaes os noſſos ſe houveram tão cavalleiroſamente, que em todos os desbaratáram com morte de muitos, de que elles faziam pouco caſo; porque como eſtavam em ſuas terras, logo ſe refaziam em dobro; mas quantos mais ſe ajuntavam, mais damno recebiam da artilheria, e arcabuzaria. Vendo o Quiteve que lhe não era poſſivel defender a paſſagem por armas, quillo fazer por outras mais poderoſas, que eram as das fomes, e aſſim mandou eſconder todos os mantimentos, e deſpovoar todas as povoações por onde os noſſos haviam de paſſar, e entulhar os poços de agua, por onde ſe vê que ainda que são Cafres, não são tão barbaros que não uſem deſtes ardís, como o fazem os Reys da Perſia, que são hoje tão politicos, quando os Turcos lhes entram por ſeus Reynos, que com lhes impedirem os mantimentos, e queimarem os campos, os desbaratam ſem golpe de eſpada, como ſe verá pelo diſcurſo das minhas Decadas; mas o Governador Vaſco Fernan-

des

des Homem não desfaleceo, nem desistio da jornada, mas por todas estas fomes, e sedes foi passando até Simbaoé que era a sua Corte, a qual achou despejada, por elle se ter recolhido com suas mulheres, e filhos a humas terras muito fragosas, e fortes. O Governador como se vio naquella Cidade, lhe mandou pôr o fogo, em que se perdeo pouco; porque supposto que era grande, tudo era palha, e madeira: dalli foi caminhando mais folgado, e em dous dias chegou ás terras de Chicagá, onde estavam as minas, o qual já sabia de sua vinda, e de tudo o que passou pelas terras do Quiteve; e querendo grangear o Governador, o mandou visitar ao caminho com muitas vaccas, mantimentos, e frutas, certificando-lhe estar muito alvoroçado pera o ver em seu Reyno pera o servir, como veria. O Governador Vasco Fernandes Homem lhe respondeo bem, e com bom presente, e ao entrar na sua Cidade o sahio a receber com muitas festas, e todos os dias que alli esteve o tratou com muitas mostras de amizade, e proveo todo o exercito bastantemente de tudo o necessario, e fizeram pazes; e huma das condições, e a principal, foi, que pudessem ir todos os Portuguezes que quizessem a seu Reyno livremente com suas fazendas, e passar ás Minas a resgatar ouro.

Os noſſos tanto que ſe víram naquella terra, de que havia fama que tudo era ouro, cuidáram que logo o achaſſem pelas ruas, e matos, e que carregaſſem delle. O Governador partio logo pera as Minas, onde eſteve alguns dias; e vendo a difficuldade com que os Cafres o tiravam das entranhas da terra, com tamanho riſco que quaſi ficavam enterrados cada dia muitos nas Minas que arruinavam por lhes não ſaberem fazer repairos, e ainda daquella terra que tiravam enchiam della as gamelas, e a hiam lavar aos rios, e cada hum tirava quatro, ou ſinco grãos de ouro, tudo pouquidade, e pobreza. Outros pelo tempo do inverno vam pelos pés da ſerra, por onde deſcem abaixo as enchurradas da agua, como os rapazes no noſſo Portugal buſcam alfinetes, e depois que ſécca, acham algumas laſcas, e grãos. Vendo o Governador aquella pobreza, e que pera ſenhorear aquellas Minas era neceſſario grande fabrica, e infinitos negros pera andarem naquelle meneio; porque como ſe tira pouco ouro pelo modo que o elles buſcam: ſendo muitos a iſſo, tirar-ſe-ha muito; poſto que ſe as Minas vieram a noſſas mãos, que ſe abríram, e profundáram até dar na veia, ſempre ſe tiraria grande quantidade; porque, ſegundo os que eſcrevem das Minas,

ás

ás vezes eſtam dous, e mais eſtadios debaixo do chão, e as veias do ouro ſe extendem quaſi quatro, e ſinco, e ſeis; e vendo o Governador que pera enſacar aquelle negocio, era neceſſario muito tempo, e muito vagar, o que elle não tinha, e fazerem-ſe pera abrir a terra grandes fábricas, e máquinas, tratou de ſe tornar, e confirmou novamente as pazes com aquelle Rey, e ſe deſpedio delle, que lhe mandou dar tudo o neceſſario pera a volta a troco de roupas, e tornou a deſandar o caminho; e entrando pelas terras do Quiteve, lhe mandou elle pedir pazes, e dar-lhe por ſuas terras o que lhe foſſe neceſſario, as quaes pazes Vaſco Fernandes Homem lhe concedeo, e ſe vio com elle, que lhe fez muitas honras, e com elle aſſentou que deixaria paſſar pera as Minas de Manicás aos Portuguezes com ſuas fazendas, porque em ſuas terras não havia ouro; e que o Capitão de Çofala ſería obrigado a dar-lhe por iſſo áquelles Reys duzentos pannos, que em noſſa moeda valeráõ duzentos toſtões, poſtos lá por modo de preſente, a que elles chamam *Curves*, e os Perſas *Mocararios*, e os Reys Mouros de todo o Oriente *Xaguates*. Concertado iſto, tornou-ſe o Governador pera Sena por mar, e em ſeu lugar ſe dirá o que lhe ſuccedeo.

CAPITULO XXV.

Da grandeza do Reyno do Manomotapa; e de como ſe dividio.

COmo entre eſtes Cafres não ha eſcrituras, em que ſe poſſam encommendar á poſteridade ſuas couſas, não ha poder-ſe ſaber certeza do princípio deſte Reyno do Manomotapa, nem eſtes barbaros ſabem mais que dizerem que tiveram tantos Reys, ſem ſaberem os annos que reináram, nem a origem de ſeu princípio; mas por conjecturas ſe alcança que quando a Rainha Sabá quiz ir viſitar a ElRey Salamão a Jeruſalem, fora buſcar o ouro, que levára, a eſtas Minas, aonde já havia Reys, e preſume-ſe que lhe eram ſujeitos: e ainda naquellas partes da feira de Macapár, e Naberturá ha hoje aquelles grandes edificios, que ella mandou fazer pera ſi, todos de cantaria, a que os Cafres chamam *Simbaoé*, que ſam como baluartes fortes, pelo que elles contam ſempre que o Manomotapa ſenhoreou toda aquella Cafraria deſde o Cabo das Correntes até o grande rio de . . . . que divide a terra de Mocanga (que aſſim chamam toda a do Manomotapa da Moſimba); e ſuccedendo naquella parte da Cafraria os Reys huns aos outros por li-

linha direita até vir a hum que teve quatro filhos, sem saberem dizer quantos annos ha, o qual sendo velho, repartio seus Estados com os filhos pera os governarem, e a hum deo o Reyno de Quiteve, de que até agora fallámos, a outro o Reyno Sedanda, que corre deste Quiteve pera o Cabo das Correntes, a outro o Reyno Chicagá, que he o mais rico de todos, porque nelle estam as Minas de Manicás; e Butuá, e outras que sam aquellas aonde chegou o Governador Vasco Fernandes Homem, e o filho mais velho ficou com elle na Corte. Por morte deste Manomotapa se levantáram os filhos com os Reynos que governavam, e tomáram appellido de Reys delles dos mesmos Reynos que possuiam, como entre nós dizemos Rey de Portugal, Rey de Castella, Rey de França, assim se intituláram Rey de Chicagá, Quiteve, Sedanda, que os seus proprios nomes ninguem lhos soube, e cuido que os não tem; porque os não nomeam, senão pelos sinaes que a natureza lhes poz, como se he torto, manco, dente menos, ou qualquer outro defeito que tiver, e infiro isto de elles não nomearem aos Portuguezes que lá vam por seus nomes, senão pelos sinaes que tem no corpo, ou vestidos. Apossados os filhos do morto dos Reynos que governavam, o

que

que ſuccedeo no Imperio, ficou com maior quinhão que todos tres, porque poſſue duzentas leguas de comprimento, e outras tantas de largura, e o comprimento he deſde aquella famoſa Lagôa, que jaz no meio do Sertão até ſe metter no mar nos rios de Luabo até o de Tenculó, que ſam doze leguas de hum ao outro. Os negros de Butuá, que he do Chicangá, aonde o Governador chegou, por ſem dúvida ſe tem que commerceam com os de Angola, e que todo o ouro que vai daqui pera o Reyno, eſtes Butuás lho levam, porque lhe vam comprar roupas a troco delle, e pera mim tenho que não ſam cem leguas de caminho, porque como aquella terra ſe vai eſtreitando até fenecer no Cabo de Boa Eſperança, aſſim deve ſer; e deixa iſto de ſe ſaber, porque ſomos Portuguezes, que não ſabemos enſacar as couſas, nem ainda das que temos de portas a dentro, como o rio de Surrate, e outros, onde ha cento e tantos annos que commerceamos, ſe bem hoje melhor que nós os Hollandezes, e Inglezes, os quaes a primeira vez que lá foram, deſcubríram logo ſurgidouros entre baixos, e reſtingas, onde eſtam tão ſeguros, como em ſuas caſas, das noſſas Armadas, que lhes não podem fazer damno, os quaes os noſſos que cada dia entravam, e

ſa-

ſahiam não ſouberam ſenão agora que os Inglezes no-los moſtráram ; e não me envergonho de dizer iſto , porque todas as nações ſabem já que nós ſomos os barbaros , e elles os politicos , e até eſtes Cafres buçaes nos tem neſſa conta..

CAPITULO XXVI.

Das couſas que neſte tempo ſuccedêram ſobre o cativeiro de D. Henrique de Menezes.

DOm Henrique de Menezes, que eſtava reteudo na Corte do Idalxá com todos os cativos, eſcreveo ao Governador Antonio Moniz que devia tratar de ſeu reſgate, e ſoltura, com mandar hum Embaixador ao Idalxá, que iſſo ſó eſperava; e logo apôs iſto , que foi em Junho, chegou huma carta do meſmo Idalxá ao Governador ſellada com o ſeu ſello, e chapa, couſa que elle poucas vezes fazia , em que lhe pedia que pera comporem as couſas de entre ambos lhe mandaſſe hum Embaixador pera com elle as tratar, e que faria tudo o que lhe tinha pedido: e vendo elle a neceſſidade em que a Cidade eſtava de mantimentos, e marinheiros pera as Armadas que ſe haviam de fazer , ordenou logo

go de o mandar, e elegeo pera isso a Manoel de Moraes, por ser pessoa mui conhecida do Idalxá, e rico, o qual partio de Goa depois de chegarem as náos do Reyno, e foi bem acompanhado, e por elle mandou o Governador ao Idalxá algumas peças curiosas. Este homem foi mui bem recebido do Idalxá; e tratando os negocios que levava a cargo, os concluio com muita satisfação, assim daquelle Rey, como do Estado da India, e os apontamentos, e pontos principaes do que assentáram, ao diante se verão: e pera satisfação do Governador soltou logo a Christovão do Couto que lá estava, e o mesmo fez a D. Henrique de Menezes, e aos mais Portuguezes que com elle estavam, que todos se vieram pera Goa.

Passados alguns dias de Setembro, chegáram a Goa as náos do Reyno, de que veio por Capitão mór Ambrosio de Aguiar Coutinho, como no seu titulo se verá: e entre as cousas que ElRey D. Sebastião mandou prover, foi, que se prendesse a D. Jorge de Castro pela entrega da Fortaleza de Chalé, e que na meza da alçada da India com os Desembargadores da Relação fosse sentenceado, e executado publicamente, pelo que o foram prender ao Paço de Pangi, ou da Madre de Deos, onde estava apo-

aposentado com sua mulher, não faltando pessoas que o avisassem, pera que se puzesse em salvo, como pudéra pôr, mettendo-se na casa da Madre de Deos, o não quiz fazer, e se deixou estar muito seguro até o levarem a elle, e a sua mulher ao tronco de Goa, e logo se processou contra elle, dando o Promotor da Justiça seu libello, e provou-se-lhe muito bastantemente que entregára a Fortaleza ao Çamori, com o qual tivera primeiro muitas intelligencias, e outras culpas, que outros tinham mais que elle, pelas quaes foi sentenceado que morresse morte natural, e fosse degollado no pelourinho de Goa, a qual sentença se poz logo em execução: e o dia que se havia de tirar a justiçar, se lançáram muitos pregões pelo terreiro do Viso-Rey, pela rua direita, e pelas mais públicas da Cidade, que nenhum homem Fidalgo sahisse aquella manhã fóra de suas casas, e que toda a mais gente não sahisse fóra de casa com armas, por evitarem alguns alvoroços: e logo foi tirado o pobre velho de oitenta annos, e ao apartar-se de sua mulher D. Filippa, que com elle estava preza, foi hum espectaculo espantoso pera todos, e de muitas lagrimas, e lastimas, e pelas ruas publicas foi levado ao pelourinho; e por ventura que fosse isto de al-

alguns Fidalgos que na entrega daquella Fortaleza tiveſſem mais culpa que elle: juizo ſecreto de Deos, chegar hum Fidalgo daquella idade, do melhor conſelho que houve na India ſempre, e que ſervio toda a vida aos Reys com muita fidelidade, e amor, e que foi Capitão de Maluco, e de Cóchim muitas vezes, e de Chalé quaſi toda a vida, no cabo de todos eſtes merecimentos vir a morrer degollado por culpas que elle não tinha, e de que ſe podia livrar por inhabilitado já de juizo, caſo foi pera encolher muito o juizo dos homens, e não fiar merecimentos, ſaber, idade, nem em ſemelhantes couſas a eſtas, porque em fim ſam caducas, e pouco verdadeiras: e toda a minha vida ouvi dizer, e o alcancei por experiencia, que o homem que na India viver muito, não eſcapará deſtas duas couſas, ou de pobre, ou deshonrado, o que tudo eſte pobre velho vio; e a Deos, e aos Reys não ſe pergunta razão das couſas: e quem havia de perguntar a hum tão bom Rey, como foi D. Sebaſtião, por que cauſa mandou eſte anno degollar eſte Fidalgo, e o anno ſeguinte mandar-lhe mercês, e eſcrever-lhe cartas honradas, e mandar-lhe dar gazalhados pera ſe ir pera o Reyno com ſua mulher? Aqui não ha que diſcurſar, nem que lan-

çar juizos , porque todos feram temerarios; mas não deixarei de dizer isto: Requerendo certo Fidalgo, que fe achou naquelle cerco de Chalé, que foi o que mais culpa teve, e o que primeiro assignou na Fortaleza , foi respondido no Reyno que lhe faziam mercê da Fortaleza de Chalé, e por derradeiro vi em poucos annos a elle , e todos despachados com Fortalezas grandes , e ricas. Ora deixemos dispôr a Deos, que fabe o que mais nos convem, e vamos dando conta das coufas mais necessarias.

Ambrofio de Aguiar Capitão mór das náos do Reyno trazia muita fazenda , e não podia desbaratalla, e receava lhe ficasse a maior parte della na India ; e como era Fidalgo de grande industria, pedio ao Governador passasse huma Provisão pera fe ordenarem em Goa humas fortes, como muitas vezes fe fazem na Europa, porque pela novidade do cafo haviam muitos de lançar nellas , e assim fe ficaria remediando. Concedeo-lha o Governador, ordenaram-fe Juizes cafados em Goa , deo elle das fazendas que tinha , as quaes fe avaliáram pelos preços ordinarios, e cuido que vieram a fazer fomma de vinte mil pardaos, e logo fe publicáram as fortes por esta maneira. As coufas de feda, grans, raxas,

quar-

quartos de vinho, balas de papel, e quartos de azeite, e outras coufas defta qualidade, cada forte duas tangas, que fam feis vintens: e ha-fe entender que as peças de grã, e veludos, fetins, e outras defta importancia fe partíram pelo meio em duas: as peças de prata, que eram hum ferviço, taças douradas, faleiros, garrafas, e outras muitas defte lote, cada huma tres tangas; e como ifto deo na gente da India, principalmente entre mulheres, que fam appetitofas, e cubiçofas, acudio tanto dinheiro que baftou pera as coufas que fe haviam de fortear, e fobejou pera todos os gaftos, e propinas de Juizes, Efcrivães, Thefoureiros, e Porteiros, e mais Officiaes, e houve peffoas que lançáram duzentas fortes, e mais, como cada hum podia; e até os negros cativos, fe podiam ajuntar pera huma, duas, ou mais, tambem fe arrifcavam, e até eu lancei meia duzia em nome de huma orfa que creava, e no rol das fortes dei por nome Miraguarda, e foi ella tão ditofa que lhe fahio hum quarto de vinho muito bom: em fim as fortes fahíram, e as fazendas fe desbaratáram todas, e os que foram ditofos ganháram bem, e os que perdêram foi pouco, e o alvoroço, e alegria foi tudo.

E porque dos rios do Malavar tinham

fa-

ſahido muitos paraos, e outros que ficavam apreſtando pera iſſo, querendo atalhar os damnos que ſe podiam ſeguir, deſpedio em dezoito de Setembro deſte anno de ſetenta e quatro a ſeu cunhado com João da Coſta por Capitão mór do Malavar com duas galés, elle em huma, e Franciſco de Mello de Sampayo em outra, e vinte e quatro fuſtas, cujos Capitães foram: Ruy Pereira de Sampayo, Balthazar Rodrigues de Alvellos, Sebaſtião Gonſalves ſeu irmão, Apollinario de Val de Rama, João Cayado de Gamboa, Miguel de Ayalla, D. Diogo da Silveira, Fernão de Albuquerque, Cuſtodio Martins de Vaſconcellos, Manoel Furtado de Mendoça, Duarte Pereira de Sampayo, Domingos Ferreira Eſcorcio, Manoel Rodrigues, Gomes Eannes de Figueiredo, Diogo Brandão de Cananor, Gaſpar Tavares de Cananor, Antonio Gomes Malavar, Pedro Soares Malavar, Fernão Moreira, Belchior Diniz, Miguel Telles de Moura, D. Bernardo Coutinho, Franciſco da Silva de Menezes, e Manoel de Lacerda.

Partida eſta Armada, logo o Governador deſpedio Fernão Telles por Capitão mór de outra pera a Coſta do Norte, a qual conſtava de outras duas galés, elle em huma, e Pedro Lopes Rebello em outra, e

e dezeſete fuſtas, de que foram por Capitães Mathias Pereira de Sampayo, Antonio Baracho, Lourenço Pires de Souſa, Ruy Gonſalves de Siqueira, Jorge de Barros de Azevedo, Antonio de Mendoça, Affonſo de Monroy, Leonel de Brito, João Rodrigues de Vaſconcellos, Braz da Silva, Fernão Alvares do Oriente, Pedro da Silveira, que depois foi Capitão de Damão, e ainda he vivo, André Borges de Meſquita, Domingos do Alamo, Alexandre Zuzarte, João Fernandes, e Gaſpar Gonſalves, e todos partíram em vinte de Dezembro.

Eis-aqui duas Armadas, que com qualquer dellas ſe contentava D. Leoniz Pereira, Governador de Malaca, pera ir ſoccorrer aquellas partes, que eſtavam nos grandes trabalhos que diſſemos, e nem huma, nem outra mais pequena lhe quiz o Governador Antonio Moniz Barreto dar, vendo elle que pelo meſmo caſo mandára ElRey havia tão pouco tempo ſuſpender de Governador D. Antonio de Noronha, e entregar-lho a elle: no que ſe vê quanto póde a cubiça do mandar, que não via eſte Governador a quanto ſe arriſcava em não cumprir o que ElRey lhe mandava; e ſe me diſſer que o Eſtado não podia tanto, como não vio quanto menos podia no tem-

po

po do Viſo-Rey D. Antonio de Noronha, que tomou a India toda de guerra com todos os Reys Mouros, e Gentios conjurados contra nós? E vendo elle tudo iſto, eſcreveo a ElRey que o Eſtado da India eſtava muito proſpero pera ſe lhe darem dous mil homens com Armada, e artilheria, munições, e mantimentos pera elle; e agora que não eſtava a India de guerra, ſenão muito pacifica, como não pode dar huma tão pequena Armada, como D. Leoniz Pereira lhe pedia? Eu não digo que nem então, nem agora eſtava o Eſtado pera tirar de ſi tamanho cabedal, mas digo que enganáram a ElRey, e no Reyno lhe fizeram crer quem fez a eleição que a India eſtava com poſſibilidade pera tudo, e o meſmo lhe eſcrevêram depois de cá, o que foi cauſa de deshonrarem, e matarem hum Fidalgo tão honrado, e benemerito, como foi D. Antonio de Noronha, hum dos mais puros, e verdadeiros Viſo-Reys que nella houve. Lá eſtam todos aonde Deos terá julgado ſuas tenções; e pelo que tenho viſto, e ouvido neſtes negocios, me magoo como Chriſtão muito de todos elles.

O Governador Antonio Moniz Barreto nunca tratou de aviar a D. Leoniz Pereira, Governador de Malaca; e vendo elle as dilações que lhe faziam, e que o Governa-

dor

dor mandava Armadas pera fóra de Goa; e só da sua não tratava, tendo-o promettido a ElRey, tratou de se embarcar pera o Reyno, como fez nestas náos de Ambrosio de Aguiar: e folgára eu de ver a cópia das cartas que o Governador Antonio Moniz Barreto escreveo a ElRey, e as razões que nellas lhe dava pera não negociar a D. Leoniz Pereira, como elle queria que D. Antonio de Noronha o negociasse a elle. Eu sei que D. Leoniz Pereira levou certidões, e papeis mui satisfactorios pera com elles mostrar a ElRey, como sempre estivera prestes pera o servir nas partes do Sul, e que pelo não aviarem, nem bem, nem mal, se embarcára pera o Reyno.

CAPITULO XXVII.

Dos Embaixadores do Idalxá que foram a Goa: e da Armada que a Rainha de Japará mandou sobre Malaca.

FIcou (como atrás já dissemos) Manoel de Moraes, que estava por Embaixador na Corte do Idalxá, concluindo o negocio das pazes com elle, e por fim se assentáram, e concluíram, e pera maior firmeza dellas despedio aquelle Rey dous Embaixadores pera irem a Goa confirmar as pazes

zes com o Governador, hum delles chamado Coração com ſeu Secretario, e o outro por nome Jaerbeque, o qual havia de paſſar ao Reyno a negociar com ElRey D. Sebaſtião, os quaes foram muito bem recebidos em Goa, e ambos, pelos poderes que traziam, confirmáram as pazes que eſtavam feitas com o Viſo-Rey D. Antonio de Noronha; e accreſcentáram mais que poderiam os Governadores, e Viſo-Reys da India mandar tirar de ſuas terras todo o ſalitre que quizeſſem; e huma Provisão, a que elles chamão Formão, chapada em branco com a chapa do Idalxá pera tudo o mais que quizeſſem aſſentar com o Governador, pera ratificação deſtas pazes que novamente ſe juráram em Goa aos vinte e dous de Janeiro de mil e quinhentos e ſetenta e ſinco, fazendo no cabo huma declaração, que havendo o Idalxá de quebrar, ou fazer guerra a algum amigo do Eſtado, o faria primeiro a ſaber ao Viſo-Rey, ou Governador da India; e que tendo cauſa juſta pera lhe fazer guerra, que elles o ajudariam em tudo: e aos vinte e tres do meſmo mez ſe embarcou o Jaerbeque Embaixador pera o Reyno na náo Santa Barbara, de que era Capitão mór Manoel Pinto, e de ſuas couſas adiante ſe tratará. Em companhia deſta náo foi Manoel Pinto de

Meſquita na caravela Santa Luzia a deſcubrir o Cabo de Boa Eſperança pera fazerem em effeito crer a ElRey que era Ilha, e levou comſigo hum catúr ligeiro, de que foi Capitão Manoel Correa Gato, e aſſim foi Franciſco Rodrigues Mondragão em huma naveta á Ilha de S. Lourenço a deſcubrir os portos pela banda de fóra pera ver ſe achava novas das náos Reys Magos, Capitão mór Duarte de Mello, e a de S. Franciſco, Capitão Franciſco Leitão de Gamboa do anno de mil e quinhentos e ſetenta e dous que ſe perdêram, indo pera o Reyno em Janeiro de ſetenta e tres, como em ſeu lugar, e titulo ſe verá.

Já atrás dei relação do ſucceſſo do Achém, quando veio ſobre Malaca, e como eſtava confederado com a Rainha de Japará pera de conformidade, e mão commua darem naquella Fortaleza, e a levarem nas unhas, pera o que cada hum em ſeus Reynos fez ſuas preparações, e juntou ſuas Armadas, e gentes; e parecendolhe ao Achém que elle ſó baſtava pera aquella empreza pelo groſſo poder que tinha junto, não quiz dar quinhão nella áquella Rainha, e aſſim foi ſó áquelle negocio, e nelle lhe ſuccedeo o que já contei. Agora vendo a Rainha de Japará o máo ſucceſſo que o Achém teve de ſoffrego, entendendo

do que lhe poderia ficar a Fortaleza de Malaca, e que lhe sería muito facil ganhalla pera si, e defendella depois ao Achém, se tornasse com mais poder, lançou sua Armada no mar este Outubro passado de setenta e quatro, a qual constava de trezentas vélas, em que entrava cousa de oitenta juncos grandes do tamanho de nossas náos de até quatrocentas toneladas, e as mais embarcações calaluses, na qual Armada mandou embarcar quinze mil Jáos escolhidos, muitos mantimentos, munições, e artilheria, e petrechos de guerra, e elegeo por General desta empreza a Quilidamão, Regedor principal de seu Reyno, o qual com todo aquelle poder foi surgir sobre a barra de Malaca com tamanhas carrancas de salvas de artilheria, que parecia se queria acabar o mundo. Estava por Capitão da Fortaleza Tristão Vaz da Veiga, por ser falecido pouco tempo havia D. Francisco de Menezes, o qual com o Bispo, Vereadores, e pessoas principaes acudio a prover na defensão daquella Fortaleza, e com muita brevidade despedio embarcação ligeira com recado ao Governador, do estado em que ficava, pera que o soccorresse. A gente toda que pousava fóra da banda de Malaca logo se recolheo á Fortaleza, o que não pode fazer tão de pressa a da banda

de Ilher. Os Jáos tanto que chegáram, logo desembarcáram nesta povoação, e a entráram, e nella fizeram grande damno, ao que acudio D. Antonio de Castro com dez soldados tão apressado, que não teve lugar de tomar armas; e remettendo com os Jáos, que vinham apôs da gente que se recolhia pera a Fortaleza, travou com elles huma boa batalha, na qual foi morto com alguns dos companheiros, o que foi muito sentido de todos.

O General dos Jáos ao outro dia desembarcou todo o poder, e posto em ordem, se foi chegando pera a Fortaleza, e na parte que lhe pareceo mais accommodada assentou seu campo, e formou suas tranqueiras, e se fortificou ao redor da Cidade muito á sua vontade. O Capitão Tristão Vaz da Veiga formou logo suas estancias, provendo nellas, e nos baluartes o melhor que pode, conforme ao tempo, e a brevidade delle, pondo pelos baluartes, e muros os mesmos que nelles estiveram na occasião passada do Achém no cerco que tão pouco havia tiveram, e por isso os não torno a nomear, ordenando as cousas que lhe parecêram mais necessarias, tão contente, e alegre, que metteo em todos os da Fortaleza grande animo; e porque se começasse a fazer alguma cousa, que désse confiança a to-

todos , e desanimasse aos inimigos , ordenou ao Licenciado Martim Ferreira , Veador da fazenda , que com cento e sincoenta soldados fosse dar em huma tranqueira , que os inimigos tinham fabricado a trinta passos do baluarte S. Domingos , dando a dianteira a Diogo Lopes da Cunha o soldado , que o era muito bom , e em huma madrugada sahíram todos da Fortaleza , ficando o Capitão á porta della ; e com hum animo mui determinado commettêram as tranqueiras , as quaes logo cavalgou o Diogo Lopes com os da sua companhia , e dentro tiveram huma razoada batalha com os inimigos , e lhes matáram setenta , e deitáram todos os mais fóra , ficando a tranqueira por nossa , a qual se desmanchou , e desfez logo , e se recolhêram sete berços que nella estavam , com que se recolhêram , mostrando-se neste negocio o Martim Ferreira , que sabia usar tão bem das armas , como das letras. Esta vitoria quebrantou muito aos Jáos , e affervorou tanto aos nossos , que desejavam ir dar nas outras tranqueiras que estavam mais affastadas , o que Tristão Vaz da Veiga de nenhum modo quiz consentir , porque havia mister muitos homens.

Os Jáos vendo este desastre , quizeram pôr cobro na sua Armada , em que tinham

todo o ſeu remedio, e todo o ſeu armazem de mantimentos, e munições, e pera a ſegurarem a mandáram recolher no rio dos Malaios, meia legua da noſſa Fortaleza, com tão pouco reſguardo, que pelas vigias, e intelligencia que Triſtão Vaz da Veiga trazia ſobre tudo, foi aviſado do caſo, e determinou de mandar dar nella, e fazer hum muito honrado feito; e aſſim ordenou logo huma galé de D. Antonio de Caſtro, que havia pouco matáram, e com ella quatro fuſtas, e alguns bantins, e manchuas, e commetteo eſte negocio a João Pereira de Sampayo, o qual ſahio huma madrugada pera fóra, e em breve eſpaço foi ter áquelle rio, o qual entrou, e commetteo a Armada que eſtava com o deſcuido que já diſſe; e dando-lhe fogo, queimou mais de trinta juncos, e outros navios menores: das mais embarcações ſe provêram os noſſos de mantimentos, e munições, de que carregáram á vontade, e foram deſembarcar á Fortaleza, onde foram recebidos com as maiores demonſtrações de alegrias que podia ſer, porque não ſó feſtejáram o bom ſucceſſo, mas o remedio de todos, que conſiſtia nos mantimentos que traziam, porque eſtavam já quaſi na extrema neceſſidade, e com aquillo ſe remediáram alguma couſa. Os inimigos com eſta perda deſconfiáram

da

da jornada, e logo tratáram de pedirem pazes, ou de se irem pera as suas terras; mas primeiro quizeram fazer algumas demonstrações de guerra; e porque lhe não acabassem de mandar queimar a Armada, mandáram cerrar a barra do nosso rio, por onde os nossos haviam de sahir, com grandes grades de madeira: atravessáram humas estacadas de mastos, e ao longo dellas levantáram alguns castellos de madeira sobre alguns navios tão altos que pudessem chegar a igualar ao baluarte Sant-Iago, pera por elle poderem entrar na Fortaleza. Vendo Tristão Vaz da Veiga aquella fábrica, e que vedar-lhe a serventia daquelle rio era pollos em extrema necessidade, porque por elle abaixo lhe vinham muitas cousas pera sustentação da gente, ordenou de lhes mandar desfazer os castellos, e estacadas, o que encarregou a João Pereira, que com alguns batéis pavezados, manchuas, e balões com que deo huma madrugada naquellas máquinas, e com muito valor, e trabalho de todos queimáram tudo, e o desfizeram em pó, e cinza com muitos Jáos que acudíram á defensão delles.

Mettêram estas boas venturas de João Pereira tanta inveja a todos, que pedio Fernão Peres de Andrade licença ao Capitão pera ir dar em outra tranqueira, que os Jáos ti-

tinham defronte do baluarte Madre de Deos, a qual lhe elle concedeo, e quiz achar-se com elle neste feito Bernardim da Silva; e ajuntando parentes, e amigos, e soldados, deram no quarto d'alva na tranqueira; e posto que acháram grande defensão, e sobre ella tiveram trabalho, no fim da referta foi entrada a fio de espada, e mortos os que nella estavam, e ella toda abrazada, e destas hospedagens tinham os Jáos de quando em quando algumas que lhes não sabiam bem.

Vendo os Jáos desimpedido o rio, porque era a maior guerra que podiam fazer aos nossos o impedir-lhes os mantimentos que por elle abaixo entravam na Fortaleza, tornáram a insistir nisso, e o cruzáram de novo com grossas traves, e com tranqueiras guarnecidas de artilheria, e soldados pera sua defensão; porque a sua tenção era que os nossos chegassem a tanta necessidade, e aperto de fomes, que se lhes entregassem, por se não arriscarem nos assaltos, e commettimentos, porque sabiam que haviam de ficar escalavrados: o que visto pelo Capitão, tornou a encommendar aquelle negocio a João Pereira, que nos batéis, e mais embarcações pequenas commetteo a tranqueira cavalleirosamente; mas achou-a tão forte, e os Jáos tão determinados, que

lhe

lhe foi neceſſario retirar-ſe com dous mortos, e alguns feridos, e hum delles foi Manoel Ferreira, Capitão de hum dos batéis, o qual recebeo tres perigoſas fréchadas. O Capitão ſentio muito o ſucceſſo; porque ſe os Jáos ſuſtentavam aquella tranqueira, ficavam elles ſujeitos a grandes neceſſidades, pelo que lhe foi forçado tornar a commetter aquelle negocio, que encarregou a Fernão Peres de Andrade, mas não naquella fórma em que o fez João Pereira, mas lhe ordenou que ſe metteſſe dentro no rio com huma naveta muito artilhada com arrombadas feitas, e os batéis com ſuas mantas, e outras embarcações, o que Fernão Peres fez, e ao entrar do rio houve de parte a parte hum fermoſo jogo de bombardadas que durou muito eſpaço, e no fim delle foi entrada a tranqueira pelos noſſos, e desfeita ella, e as eſtacadas com morte de muitos Jáos; e poſto que o negocio foi tão arriſcado, não ſe perdêram dos noſſos mais que quatro ſoldados, o que foi milagre grande pelo muito baralhado que andáram todos com os Jáos, e pouco reſguardo aos pelouros. João Pereira ſe deixou ficar com toda a Armada no rio, com que lhes fechou a elles a porta pera lhes não entrarem provimentos, de que já eſtavam tão faltos, que mais ſe podiam chamar cercados

dos que cercadores, porque a Armada os tinha prezos, e encerrados nos matos por eſtarem eſcandalizados das noſſas ſahidas; e ſe Triſtão Vaz da Veiga tivera trezentos homens sãos, ſem dúvida os desbaratára de todo; e a tal eſtado chegáram os Jáos, que o ſeu General conſultou com o ſeu Dato, que he entre elles, como entre nós, hum Prelado, que mandaſſe apalpar o Capitão com pazes, e que contentando-ſe com partidos honeſtos, ſe fariam; o que o Dato fez por Interpretes muito diligentes, e propoz o negocio, não como quem eſtava em muita neceſſidade, ſenão como quem queria amizade com os noſſos. Depois de ouvido, lhe mandou reſponder Triſtão Vaz que acceitaria a paz com eſtas condições, que lhe deſſem todos os cativos, que eſtiveſſem em ſeu poder, e as armas, e hum galeão que tomáram aos noſſos em hum de ſeus portos com toda a ſua artilheria; que não navegariam nunca de Malaca pera o Achém ſem cartaz do Capitão, e que dentro em tres dias ſe embarcariam, e ſe iriam direitos pera a Jaoa pelo Eſtreito de Sabão, não tomando até lá terra alguma, e que pera cumprimento deſtas condições havia de deixar refens á vontade do Capitão; iſto ſe lhe metteo por condição, porque o Capitão preſumio que elles ſe queriam ir refor-

mar

mar a alguma parte pera tornarem ſobre aquella Fortaleza com o Achém, de quem havia novas que ſe fazia preſtes pera tornar a ella. Parecêram eſtas condições mui pezadas aos Jáos, pelo que não quizeram mais tratar de pazes, deliberando-ſe a eſperar pelo Achém; mas bem entendêram os noſſos que nunca eſtes dous tyrannos ſe fiariam hum do outro, e por iſſo andáram pairando: o General dos Jáos entendia iſto muito bem do Achém, o qual eſperava tambem que elles foſſem desbaratados pera poder dar nelles, e acaballos de todo, e quando não, que a Fortaleza não poderia ficar em eſtado que lhe pudeſſe eſcapar, indo elle ſobre ella com aquella potencia, que tinha junto de refreſco, porque bem ſabia a pouca gente que tinha, e a maior parte deſſa doente, e que não havia provimentos, nem donde lhe virem; pelo que eſtava tão confiado de a tomar ſem golpe de eſpada, que ſe fazia já ſenhor della, o que tambem ſentia muito o Rey de Viantaná, porque ſe tinha por Rey de todo aquelle Reyno; e ſe aquella Cidade vieſſe a poder do Achém, logo todo o Reyno ſería ſeu, e eſtranhamente lhe pezava do eſtado em que via as couſas; mas como ladrão de caſa, ſe mandou offerecer ao Achém pera o ajudar naquella guerra, ſobre que hou-

houve cartas de parte a parte, nas quaes jogáram ſuas lanças falſas hum contra o outro; porque o de Viantaná á conta de o ajudar tinha a ſua Armada preſtes, e muito bem provída de gente, pera que ſe viſſe que ao Achém lhe ſuccedia mal no cerco, dar ſobre elle, e desbaratallo: o Achém com o meſmo penſamento dava voltas na cama, diſcurſando que ſe acaſo ſe fazia ſenhor daquella Fortaleza, logo ſenhorearia todo o Reyno Malayo; e algumas peſſoas, que eſcrevêram eſte cerco, ſe enganáram em cuidarem que aquellas couſas ſe tratavam ſem engano, ſendo certo aos que o entendiam bem que tudo eram invenções, e eſtratagemas, porque cada hum delles deſejava de conſumir ao outro, e o de Viantaná ainda mais pelo que receava.

Todavia eſtavam os Jáos em eſtado, que tornou o ſeu Dato a eſcrever ao Capitão cartas mais brandas, em que lhe dizia que elle tinha trabalhado muito pera abrandar aos Jáos, e que faria delles o que quizeſſe, primeiro que o Achém chegaſſe, porque ficava com huma poderoſa Armada pera vir em favor da Rainha de Japará, como ſe via por huma carta que eſcreveo ao Rey de Viantaná, a qual carta mandou tambem ao Capitão, e todos conhecêram o ſêllo do Achém, o qual dava nella deſculpas ao

Rey

Rey de Viantaná de não esperar pela Armada da Rainha da outra vez que fora sobre Malaca, como entre elles estava concertado, porque cuidára (por hum certo respeito) que elle só bastava pera tomar aquella Fortaleza, com que ficaria escusando as despezas, e trabalhos que a Rainha havia de ter, e passar naquella jornada: que elle estava prestes com huma grossa Armada pera tornar a voltar sobre aquella Fortaleza, e que em apparecendo a Lua nova logo se partia. O Capitão Tristão Vaz da Veiga folgou muito com o Dato segundar no negocio das pazes, ou que fosse fingido aquelle negocio, ou verdadeiro, porque em quanto durasse o trato dellas, se poderia prover de mantimentos em huns seis juncos delles que a Rainha mandava aos seus, os quaes vindo os dias passados demandar o rio de Malaca, vendo dentro a nossa Armada, em que andava João Pereira, tornáram a voltar pera o rio de Jór, do que logo o Capitão foi avisado; e sem dar conta a pessoa alguma, mandou chamar a João Pereira, e com elle praticou em segredo, e lhe deo hum regimento do que havia de fazer, no qual lhe mandava que de noite (porque os nossos o não achassem menos, porque logo descorçoariam) se fosse ao rio de Micar, e que logo commet-
tes-

teſſe aquelles juncos, e que trabalhaſſe pelos render a fio de eſpada, ſem entrar alli fogo, por ſe não queimarem os mantimentos, e munições, porque delles ſe havia de remediar aquella Fortaleza, dando-lhe Deos o bom ſucceſſo que elle eſperava.

Tanto que anoiteceo, ſahio-ſe João Pereira fóra do rio com a galé, e quatro fuſtas, e entrou Micar, e logo inveſtio os ſeis juncos que eſtavam deſcuidados, e os rendeo, e de madrugada os levou á Fortaleza, e os mantimentos, e munições ſe deſembarcáram preſente o Capitão, ſem que elle conſentiſſe que peſſoa alguma tomaſſe huma medida de arroz, e aos ſoldados que ſe acháram naquelle feito, largou as drogas, em que ſe ceváram por ſeu trabalho. Recolheo-ſe tudo em armazens, de que o Capitão trazia a chave, e os foi repartindo conforme a neceſſidade do tempo, o que alentou muito a todos os animos, que já traziam muito derrubados; e porque nem com iſto deixavam de correr recados de pazes, e elles ſe queixavam do damno que recebiam da noſſa Armada, e não eſtavam em menos neceſſidades que os noſſos, mandou o Capitão a João Pereira que ſe recolheſſe, porque lhe pareceo que vendo-o os Jáos junto da Fortaleza quizeſſem ir-ſe pera ſuas terras, o que elle deſejava que foſ-

ſe,

ſe, antes que o Achém chegaſſe com o ſeu poder.

Tanto que os Jáos víram a noſſa Armada recolhida, e que cada dia podiam chegar os Achéns, e que vendo-os tão desbaratados, os poderiam acabar de deſtruir, ſem tomarem conclusão nas pazes que tratavam, huma noite em ſegredo levantáram o campo, e ſe embarcáram, porque tinham mandado vir a ſua Armada. O Capitão que ſentio o caſo, mandou a João Pereira que ſahiſſe apôs elles logo, porque hiam deſordenados, e viſſe ſe podia fazer algum bom feito, o que João Pereira fez, e ainda lhe tomou alguns juncos, e outros navios, em que matou muita gente de modo, que além dos navios que perdêram, lhes ficáram enterrados por eſſes campos ao redor de ſete mil peſſoas, que morrêram a ferro, e a fogo, e de doença, a fóra os que hiam cada dia lançando ao mar, porque ſe embarcáram os mais delles combalidos, e inficionados da corrupção dos ares, por ſer o lugar em que eſtavam apaulado, e peſtifero, e as immundicies de tanta gente o fizeram mais peſtilencial, de maneira que chegáram á ſua terra com duas partes da gente menos. Durou o cerco tres mezes, não ficando os noſſos com menos damno, ainda que alcançáram delles tantas vitorias, por-

porque dos naturaes morrêram muitos de fome, e doenças, e a gente que ficou estava tão debilitada que era grande lastima vella, deixando-lhe os Jáos tudo o que havia por fóra tão destruido, assolado, e abrazado, que em muitos annos se não pudéram os moradores aproveitar da cultura de seus campos, e de suas hortas que tinham com arvoredos de frutos.

E posto que os nossos ficáram deste successo com huma tão grande vitoria, foi em tal estado, que se não podiam menear de fracos, nem tinham donde se proverem de mantimentos, e munições, de que estavam muito faltos, tendo por certeza que o Achém não tardaria muitos dias que lhe não viesse dar outro repelão áquella miseravel Fortaleza, pera o que o Capitão Tristão Vaz da Veiga se fez prestes, e reformou os muros, baluartes, e estancias, e poz no mar toda a Armada que havia, a qual encarregou a João Pereira que andava na galé, e Bernardim da Silveira em huma caravella, e Fernão de Palhaes em huma náo, nas quaes embarcações andavam cento e vinte soldados, e pera segurança della forneceo os baluartes de sobre o mar de boa artilheria, e na Sacristia de nossa Senhora do Monte mandou prantar outras peças pera assim segurar o mar, por onde lhe haviam de

de entrar os provimentos, e onde ſe havia de ir peſcar pera ſua ſuſtentação, porque carnes não as havia, legumes, e hortaliça tudo os Jáos deixáram ſecco, e eſteriles os campos, e todos eſtavam com as eſperanças poſtas em algumas náos de mantimentos que o Capitão tinha mandado a Bengala, e Pegú, ſobre as quaes tinham grandiſſimas vigias.

Neſtes tranſes eſtavam os noſſos, quando no primeiro dia de Fevereiro deſte anno de ſetenta e ſinco appareceo pelo mar a Armada do Achém, que o cubria todo, o qual tendo por novas que os Jáos eram recolhidos, e desbaratados, e que a noſſa Fortaleza o ficava pouco menos, e falta de tudo o neceſſario, vendo que lhe não podia eſcapar, logo deo á véla, e appareceo ſobre ella com tamanhas carrancas, fainas, e ſalvas de artilheria, que pudéram eſpantar qualquer Cidade mais forte, e melhor provída de tudo, o que não fez aos noſſos naquella pobre, mal cercada, e peior provída, porque logo tomáram ſeus lugares pelos muros, e baluartes com tanta confiança, e ufania, como ſe eſtiveram muito folgados, e inteiros. O Achém logo ao ſegundo de Fevereiro mandou commetter a noſſa Armada, que eſtava entre a Ilha, e a terra, que era o ſurgidouro das náos, deſcar-

regando ſobre ella grandes coriſcadas de artilheria, cujas fumaças tolhêram os ares de feição, que parecia ſe armava huma grande tempeſtade, e tormenta. João Pereira com os mais Capitães ſe puzeram em defensão com grande animo, e valor, e tambem ſervíram a Armada inimiga muito bem com ſua artilheria: a galé foi paſſada de parte a parte com hum furioſo pelouro de ferro, a que acudíram os officiaes, e o remediáram o melhor que pudéram; mas nem ás cutilladas o pode João Pereira fazer aos ſeus ſoldados, que de medo daquella tormenta ſe quizeram acolher; e não tiveram menos trabalho os outros Capitães com os ſeus, porque víram todos o grande damno que a artilheria lhes fazia, porque na Armada lhes tinha já mortos ſetenta e ſinco companheiros; e todavia os Achéns apertáram tanto com a noſſa Armada que a deſtroçáram de todo, matando os ſeus Capitães cada hum na praça do ſeu navio, peleijando valeroſamente: não eſcapáram de todos mais que ſinco, que ſe acolhêram a nado, e cativos ficáram quarenta: os Achéns mettêram os navios no fundo, que alli he vaſa pera lhe tirarem de dentro a artilheria, o que lhe defendeo muito bem a Fortaleza, e a do Monte fez na Armada inimiga grande damno.

Eſ-

Eſta perda da Armada, que era todo o remedio daquella Fortaleza, foi ſentida, e chorada com lagrimas de ſangue de todos em geral; e o que mais de tudo ſentiam, era a ufania, e coragem que ficou daquelle deſeſtrado feito aos inimigos; mas Triſtão Vaz da Veiga, que era Fidalgo de grande animo, acudio a remediar as deſconfianças de todos, affirmando-lhes com roſto muito alegre que Deos noſſo Senhor lhe havia de dar grandes vitorias daquelles inimigos, que com a gente que lhe ficára ſe havia de defender delles, e de outros, ſe vieſſem, que não entraſſem nelles deſconfianças, porque ſó por eſſa razão os caſtigaria Deos noſſo Senhor, que os não havia de deſamparar, que nelle principalmente, e no valor de ſeus braços eſperaſſem a defensão daquella Fortaleza, porque ſe elles não faltaſſem, Deos o não havia de fazer da ſua parte, por honra de ſeu Santiſſimo nome, e de ſua Lei ſagrada. E aſſim logo dos cento e ſincoenta homens que lhe ficáram na Fortaleza, e dos Quelís naturaes da terra, proveo os baluartes, e eſtancias o melhor que pode: e quiz noſſo Senhor que havia pouco tempo ſe tinham ido algumas náos da China, e de outras partes pera a India cheias de fazendas, nas quaes ſe foram eſcondidos muitos ſoldados ſem

o Capitão o poder remediar, que se acertáram de estar ainda naquelle porto, sem dúvida o Achém se fizera senhor della, e de todas suas riquezas, com que ficára muito prospero: e além desta mercê que Deos lhe fez em se terem ido por causa das muitas fazendas que livráram das suas mãos, foi tambem grande o levarem mais de mil Mouros marinheiros dellas, que vendo faltar-lhe tudo, estava certo passarem-se aos inimigos, e peleijarem tambem contra nós; e nestas náos escrevêram tambem o Capitão, Bispo, e Vereadores os trabalhos em que ficavam, reportando-se aos homens que nellas hiam, que como testemunhas de vista poderiam dar melhor relação de suas miserias.

Os Achéns, depois da perdição da nossa Armada, desembarcáram toda a sua gente, e artilheria em terra, e ordenáram seus vallos, fortes, e tranqueiras á sua vontade, donde começáram a bater a Fortaleza. Tristão Vaz da Veiga, que estava muito falto de munições, não quiz dispendellas em bater os vallos dos inimigos, porque guardava essa pouca polvora que havia pera huma extrema necessidade, o que metteo aos inimigos em grande confusão; porque quando víram que os nossos estavam calados, suspeitáram que era aquillo algum ardil de

guer-

guerra pera depois arrebentarem com todo o furor, como os Portuguezes costumavam fazer; mas a verdade he que Deos nosso Senhor foi o Author daquella suspeita que os Achéns tomáram, e que lhes moveo os peitos pera desapressarem aquella Fortaleza, que estava mui arriscada pela falta de tudo; porque havendo dezesete dias que tinham desembarcado, supitamente sem mais occasião que a que dissemos, se embarcáram, e se foram pera o Achém, contentando-se da vitoria que houveram da nossa Armada, com que os nossos deram muitas graças a Deos nosso Senhor, porque estavam em extrema desconfiança, e temiam sua perdição; mas o Ceo acudio com seus costumados soccorros, e mercês, o que sempre faz, quando menos os homens o esperam. Esta supita fugida deste poderoso barbaro, sem ver contra si pelouros de basiliscos, nem de canhões, podemos attribuir a Deos nosso Senhor, que por milagre evidentissimo livrou aquella Fortaleza, e destes obra sua Omnipotencia muitos cada dia, sem que os nós entendamos. Os da Fortaleza vendo-se de supito desapressados, tornáram a cobrar alento, e não tardáram muito as náos de Bengala, e Pegú, por quem Tristão Vaz da Veiga esperava, as quaes trouxeram tantos mantimentos que ficou a

ter-

terra farta, e a Fortaleza provída pera muitos dias.

CAPITULO XXVIII.

Das cousas que succedêram neste tempo na India.

PAreceo bem ao Grão Mogor, já que era Senhor dos Reynos de Cambaya tão vizinhos do Estado da India, mandar hum Embaixador ao Governador, assim ao visitar, e a tratar alguns pontos das pazes, como em confirmar as que estavam feitas, e mandar trazer algumas curiosidades, e sedas do Reyno, e assim o despedio logo muito bem acompanhado, e o Governador o recebeo em sala grande com todos os Fidalgos, e Cidadãos principaes muito lustrosos, e em hum estrado alto o recebeo em pé encostado a hum braço da cadeira, onde tiveram as praticas ordinarias de lhe perguntar pela saude de ElRey, e da Rainha, e de seus filhos, e delle Embaixador, e por sua jornada, e o Embaixador lhe appresentou da parte do Mogor duas cabaias muito ricas de brocado, e huma gorra de veludo guarnecida de ouro ao nosso modo, porque se affeiçoou muito ao trajo dos Portuguezes, pelo que vio trazer aos nossos

que

que eſtavam em Cambaya, quando elle ſenhoreou aquelle Reyno, como em ſeu lugar fica dito; e aſſim logo mandou cortar muitos veſtidos, e botas, e ſe veſtio, e calçou ao noſſo modo, e ſe moſtrava muito contente, e louçáo a todos; e tanto ſe alegrava com os noſſos trajos, que nas lembranças que eſte Embaixador trazia, lhe encommendava muitos veſtidos deſtes, eſpadas, talabartes, e tudo o mais neceſſario pera os veſtidos. Eſte Embaixador era homem muito grave, e muito lido em ſuas hiſtorias, porque o viſitei algumas vezes, e o achei muito lido, e viſto nellas, e de algumas me deo muito boas informações. Paſſado eſte recebimento, tornou depois o Embaixador a tratar os negocios que trazia a cargo, e o Governador lhe diſſe que fizeſſe ſeus apontamentos, e os déſſe ao Secretario pera os ver em Conſelho, e lhe reſponder a elles, o que elle fez, e o Secretario os appreſentou em hum Conſelho público que pera iſſo apontou, os quaes ſe lêram preſentes todos, que eram quatro, e nelles ſe continha o ſeguinte.

» Dous cartazes pera o anno ſeguinte
» de mil e quinhentos e ſetenta e ſeis par-
» tirem duas náos ſuas de Góga pera Mé-
» ca, e tornarem ao dito porto de Góga,
» ſem ſerem conſtrangidas a irem á Forta-
» le-

» leza de Dio, nem a outra alguma Forta-
» leza de ElRey de Portugal.

» Huma Provisão, por que mande ao
» Capitão de Damão que lhe não impida
» levar madeira daquellas terras, e de Bal-
» ſar pera ſe fazerem as ditas duas náos,
» e que poſſa tirar embate, que he arroz
» com caſca, daquella Fortaleza, e da de
» Baçaim, e Chaul pera as terras de Cam-
» baya, o que ſeus Capitães virem que he
» neceſſario.

» Que ſe confirmem as pazes que eſta-
» vam aſſentadas pelo Viſo-Rey D. Anto-
» nio; e que pera demonſtração de mais
» amizade, e amor lhe mandaſſe o Gover-
» nador hum Embaixador, pera que ſeja pú-
» blico, e notorio a todos eſtarem já as
» pazes entre elles feitas, e celebradas.

» Que o Grão Mogor offerecia por el-
» le Embaixador tudo o que foſſe neceſſa-
» rio de ſeus Reynos pera bem do Eſtado,
» e de ſeus moradores: e que haja tambem
» o Governador por bem, que o meſmo ſe
» lhe faça das terras, e Fortalezas da In-
» dia; e debatido tudo no Conſelho, aſſen-
» táram que pera quietação das terras de
» Damão importava terem pazes com o
» Mogor, pois havia tão pouco víram o
» riſco em que eſteve aquella Fortaleza,
» quando lá acudio o Viſo-Rey D. Antonio
» de

» de Noronha, a quem ſe devia Damão,
» porque ſe elle lá não fora, não era poſ-
» ſivel livrar-ſe da potencia daquelle bar-
» baro, e que a eſſa conta ſe lhe havia de
» conceder o que pedia, porque ſe os car-
» tazes foſſem em muito perjuizo da Al-
» fandega de Dio, o que niſſo podia fal-
» tar, ſe cobrava com a amizade do Mo-
» gor, porque muito mais ſe havia de gaſ-
» tar nos ſoccorros daquella Fortaleza. E
» que quanto ao Embaixador, pedia ſe lhe
» mandaſſe depois que eſtiveſſe nas ſuas ter-
» ras de aſſento, e que por elle lhe reſpon-
» deſſem ás pazes de que tratava; e que o
» Governador lhe mandaſſe por elle o pre-
» ſente que lhe pareceſſe bem.»

Aſſentado iſto, deſpedio o Governador o Embaixador do Mogor mui ſatisfeito; e porque vieram novas que elle era já partido pera o ſeu Reyno, e que deixava hum Governador no de Cambaya, mandou a Chriſtovão do Couto, Lingua do Eſtado, em companhia do Embaixador do Mogor, a viſitallo, como vizinho que ficava tão perto de Goa, em Abril deſte anno de mil e quinhentos e ſetenta e ſinco,

CA-

CAPITULO XXIX.

Chegão novas ao Governador dos trabalhos em que ficava Malaca: das prevenções que fez, e soccorro que lhe mandou.

EM Fevereiro deste anno de mil e quinhentos e setenta e sinco chegáram ao Governador cartas de Tristão Vaz da Veiga, Capitão de Malaca, do Bispo, e Vereadores, em que lhe davam conta do miseravel estado em que ficavam, e de como o Achém viera sobre aquella Cidade com huma potente Armada, e o que lhe succedêra, e de como cada dia esperavam por outra mais poderosa, que a Rainha de Japará estava preparando pera mandar sobre aquella Fortaleza, e que sem dúvida tornaria o Achém a vir ajudalla; e que segundo a falta que de tudo havia na Fortaleza, correria muito risco, e que fizessem conta que perdendo-se (o que Deos não permittiria) se perdia todo o Sul, e ainda toda a India, que daquellas partes se sustentava. Estas novas sentio o Governador muito; porque se lhe succedesse algum desastre naquella Fortaleza, se lhe accrescentava a culpa de não aviar o Governador de Malaca, como ElRey lhe mandava; e como elle queria que o Viso-Rey D. Antonio de No-

Noronha o aviaſſe a elle, e ſobre o que faria, teve muitos Conſelhos, nos quaes ſe aſſentou que ſe ſoccorreſſe Malaca, como ElRey mandava, com muita preſſa, e com huma boa Armada, e logo deſpedio o Governador cartas dobradas pera as povoações de Negapatão, e S. Thomé, em que pedia áquelles moradores que ſoccorreſſem aquella Fortaleza com todos os mantimentos que pudeſſem, e que ſe lhes pagariam muito bem, pera o que lhe paſſou largas Provisões pera o Veador da fazenda, e Feitor daquella Cidade lhes fazer de todos bom pagamento; e que não havendo donde, ſe lhes pagariam em Goa nos direitos da Alfandega, lembrando a todos, que do contrato, e commercio daquellas partes ſe ſuſtentavam, com outras obrigações que lhes poz diante.

Deſpedidas eſtas cartas, foi-ſe logo o Governador á Camara de Goa, e repreſentou aos principaes do povo que alli ſe ajuntáram, as neceſſidades em que Malaca eſtava, que era a chave de toda a India, e que bem viam o eſtado em que eſtava por falta de dinheiro pera aquelle ſoccorro, que lhes pedia que pera elle lhe quizeſſem empreſtar vinte mil pardaos, não ſobre o cabello da barba de D. João de Caſtro, como todos fizeram na neceſſidade do cerco de

Dio,

Dio, vendendo pera isso suas joias, mas que lhos emprestassem sobre seu filho Duarte Muniz, que logo lhe entregava, e lhe passaria todas as Provisões que lhe pedissem pera lhes serem pagos na Alfandega nos direitos de suas fazendas, ou de quaesquer outras que appresentassem; e que pera mais segurança lhe hypothecava todo o dinheiro do rendimento das terras de Salsete, que rendiam setenta mil pardaos, e que deste serviço que fizessem a ElRey nosso Senhor, e de todos os mais que tinham feitos, de que elle era boa testemunha, faria tão particular lembrança a Sua Alteza, que o obrigasse a fazer muitas honras, e mercês áquella Cidade. Os Vereadores pedíram licença pera sós praticarem aquelle negocio, o que fariam depois delle recolhido, e logo lhe mandariam resposta do que se assentasse; o que o Governador logo fez, e lhes rogou que naquelle negocio do emprestimo, o que se lançasse a cada hum, se arrecadasse com suavidade, sem se dar oppressão ás partes. Recolhido o Governador, praticou-se o negocio na Meza, e assentou-se que se emprestassem os vinte mil pardaos, que o Governador pedia; e que assim como o fossem ajuntando, o fossem levando ao Governador pera o apresto da Armada. Deste assento se mandou logo recado

do ao Governador, o qual tratou logo da Armada, que havia de mandar a Malaca, a que ſe deo a maior preſſa que pode.

Com eſte aviamento ſe foi o Governador pera a ribeira das Armadas pera eſtar alli mais á mão pera ſeu aviamento, e mandou apreſtar huma fermoſa Galeaça, duas galés, e nove galeotas muito fermoſas, e elegeo pera eſta jornada a D. Franciſco de Menezes, que morreo em Dio, ſendo Capitão daquella Fortaleza, o qual começou a correr com o apreſto da Armada, e de eleger os Capitães della com o Governador; e tanta preſſa ſe deo, que quando foram vinte dias de Abril foi o Governador deitar eſta Armada pela barra fóra, e os Capitães que nella foram ſam os ſeguintes. Pedro Lopes Rebello em huma galé, Diogo de Azambuja em outra, e das galeotas João de Mello de Sampayo, Franciſco de Sande, Triſtão Gomes Pereira, Ruy de Brito, Franciſco Zuzarte, Martim Affonſo de Figueiredo, Antonio de Ataíde, Mattheus Paes, e D. João de Maluco, que andava em Goa.

Com eſta Armada foi tambem D. Miguel de Caſtro, filho do bom Viſo-Rey D. João de Caſtro, pera ir entrar na Capitanía de Malaca, de que veio provído do Reyno, e foi embarcado na náo Santa Cruz

com

com mui eſcolhidos ſoldados que pera iſſo buſcou. Agora continuemos com as Armadas que ſam fóra, pera acabarmos com as couſas deſte verão, e ſeja logo Fernão Telles.

O ſucceſſo deſtas Armadas não eſcreveo Diogo de Couto.

Partido D. João de Caſtro, como já diſſemos, pera a coſta do Malavar, chegando a Barcelor, ſoube eſtar rebelde a povoação de Gaypor, que era do Rey de Tolar; e querendo-a caſtigar, mandou deſembarcar nella a gente de ſua Armada, na qual deram com tanto impeto que logo a entráram, e matáram mais de cento e ſincoenta peſſoas das que ſe oppuzeram á defensão, e á povoação foi logo poſto fogo em que toda ardeo, e ſe conſumio, e dentro nas caſas mais de vinte mil fardos de arroz, e outras muitas fazendas, e hum pagode de ſua adoração que elles ſentíram muito, e lhe cortáram os palmares, e deſtruíram as fazendas que tinham por fóra, com que aquelle Rey ficou mui bem caſtigado; e paſſando adiante defronte de Mangalor, tomáram os navios de ſua Armada hum paró de Malavares com todo o ſeu recheio, e os Mouros foram mettidos a banco nas galés; e chegando defronte do rio Combia, ſoube eſtarem dentro tres pa-

rós

rós pera ſahirem a roubar; e ſurgindo ſobre aquella barra, mandou pedir áquelle Rei que lhos entregaſſe; e poſto que moſtrou niſſo difficuldade, vendo que os noſſos ſe faziam preſtes pera lhe deſtruirem a povoação, os houve de entregar ſem os Mouros, que ſe mettêram pela terra dentro, e paſſando ao rio de Chalé, entrou dentro com toda a Armada, e mandou deſembarcar na Ilha de Çamori, a qual deſtruíram de todo, e lhe cortáram mais de duas mil palmeiras, e algumas embarcações que ſe acháram, o que foi de grande affronta pera o Çamori, e paſſou a Cóchim, donde mandou a Franciſco de Mello de Sampayo com a ſua galé, e ſeis fuſtas ao Cabo Çamori a recolher as cafilas, o que elle fez com muita preſteza; e tornando-ſe o Capitão mór a continuar na guerra do Malavar contra o Çamori, deſembarcáram na povoação de Paragulem; e ſuppoſto que nella achou grande reſiſtencia, foi abrazada, e aſſolada, e nella huma náo que eſtava á carga pera Méca, e dez navios mais, a cuja defensão acudio o Principe filho herdeiro daquelle Rey, que peleijou com os noſſos valeroſamente; mas no fim da referta foi morto com duzentos Mouros, não deixando de ſe recolher o Capitão mór com alguns feridos; e chegando ao rio Capo-

ca-

caté, vendo eſtar no cabo delle varado hum paró com rigeiras em terra, o mandou tirar; e acudindo muitos Mouros á defensão, traváram com os noſſos huma reſoada batalha tão acceza, que não pudéram elles mais aturar o damno que os noſſos lhes fizeram, porque lhe tinham já mortos trezentos, e ſe retiráram, e o paró foi tirado pera fóra; mas cuſtou todavia a vida a hum, ou dous dos noſſos ſoldados, e o ſangue a muitos; e por lhe darem recado que Alvaro Paes de Sotomayor, Capitão de Cananór, era morto, acudio lá a prover aquella Fortaleza de Capitão, e no caminho tomou huma galeota de Malavares, que foram mettidos á eſpada; e chegando a Monte Dely, tomáram os da ſua Armada duas galeotas, e hum paró de Coſſairos, e mandou queimar a povoação de Nilaqueirão, e com eſtes feitos ſe recolheo a Goa no cabo do verão com huma grande cafila da China, Malaca, e de outras partes.

Deixámos as couſas de Maluco no grande caſtigo que Sancho de Vaſconcellos deo aos do lugar de Atua, e no ſoccorro que o Viſo-Rey D. Antonio de Noronha lhe tinha mandado com as novas que teve da morte de Gonſalo Pereira Marramaque, que foram duas galeotas, huma eſcuſa galé, hum galeão, e huma náo, de que hia por

por Capitão Antonio de Valladares de Lacerda, e de como as galeotas foram arribar a Ceilão, e a efcufa galé fe foi perder em huma reftinga de Quedá, e o galeão, e a náo chegáram a Malaca; e dali na monção fe partíram por via de Borneo pera Maluco; e antes de partirem de Malaca, chegáram Fernão Ortiz de Tavora, e Pedro Lopes Rabello, que fe tinham perdido na Macaffa. Chegou Antonio de Valladares á Fortaleza de Ternate em quinze de Novembro paffado de mil e quinhentos e fetenta e quatro, que foi muito feftejado de todos os daquella Fortaleza pelas grandes neceffidades em que eftavam. D. Alvaro de Ataíde, Capitão della, defpedio logo o galeão a bufcar mantimentos á Fortaleza de Amboino, e a náo em que hia o Valladares lha vendeo a elle pera ir fazer a viagem de Bandá. Pouco depois chegou de Malaca Francifco de Lima em huma galeota, na qual levava vinte Portuguezes, que foram em Ternate bem recebidos pela falta que havia de gente: o Antonio de Valladares chegando a Malaca, deixou alli muitas roupas, e outras fazendas pera lhe mandarem em hum junco, pera com ellas ir fazer a viagem de Bandá; e quando chegou a galeota de Francifco de Lima fem o feu junco, de que não fabia parte, to-

mou diſſo tanta pena, e paixão que adoeceo, e morreo em poucos dias. Eſtava neſte tempo no porto de Bandá hum Gonſalo Mendes Pinto fazendo aquellas viagens, que eram de Martim Affonſo de Mello Pereira, por contrato que com elle tinha feito; e os Bandarezes, que he gente má, e atraiçoada, tratáram de lhe tomarem a náo, e matallo a elle, e a todos os mais Portuguezes que com elle hiam, e tomarem-lha com as fazendas: diſto foi elle aviſado, e logo ſe metteo na náo com todos os Portuguezes, e deſpedio recado a Amboino a Sancho de Vaſconcellos que o ſoccorreſſe. Eſta traição quizeram os Bandarezes fazer, porque víram ir as couſas daquellas Ilhas de feição, que por mui certo tinham que depreſſa ſe acabariam os Portuguezes, e queriam daquella vez ficar tambem aquinhoados com aquella náo, e fazendas. Chegando aquelle recado a Amboino, ſabido o riſco em que os noſſos eſtavam, e que ſe aquella náo foſſe ter a mãos de inimigos, acabariam de arruinar de todo as couſas daquellas Ilhas, logo com muita preſſa ſe embarcou em ſinco corocoras, levando comſigo a galeota, em que tinha ido Francisco de Lima, que lá fora buſcar provimentos, e a Frota que havia naquella Fortaleza, em que hia por Capitão João Ra-

bel-

bello, e quiz de caminho destruir o lugar de Tobó, que era do Rey, o qual estava na costa de Benaor, e da ponta daquella terra forçado havia de atravessar a Bandá. Succedeo ter partido de Ternate Cachil Tidore Ogá, irmão de ElRey, em huma corocora muito petrechada pera ir á tomada da náo, que estava em Bandá, por lhe terem os Bandarezes mandado recado, e assim foi correndo a costa de Luzabatá até o lugar de Seirão, donde voltou pera dentro da costa de Benaor, e foi-se metter em huma calheta na mesma praia do lugar de Tobó, que Sancho de Vasconcellos hia castigar; e como chegou alli de noite, deixou-se estár muito seguro. Succedeo ir naquella mesma noite João Rabello Capitão da fusta com outras tres embarcações costeando a terra, pera de madrugada dar no lugar de Tobó, levando diante duas embarcações pequenas, chamadas talhas, pera descubridoras, que houveram vista do Cachil Tidore Ogá; e sem saberem o que era, voltáram a João Rabello, e lhe deram noticia della: pelo que elle mandou aos tres navios se fizessem ao mar, pera que se lhe não acolhesse, e elle foi costeando a terra, e de madrugada houve vista da corocora já postos todos em armas. O Cachil Tidore, logo que sentio aquelle navio, nomeou-

ſe, e perguntou quem era, parecendo-lhe que eram amigos. João Rabello ouvindo-o nomear, levantou a voz em lingua Amboina, e reſpondeo-lhe: *Se vós ſois Cachil Tidore, eu ſou João Rabello.* Já neſte tempo as outras tres embarcações hiam chegando; e vendo-ſe o Cachil cercado, quiz fugir, mas João Rabello o abordou, e chamando-o pelo ſeu nome, lhe diſſe que ſe metteſſe na ſua embarcação, e que nenhum mal lhe faria, o que elle fez, porque ſe vio ſem remedio; e por ſer amigo de João Rabello, que o recebeo bem, e o agazalhou no toldo, convidando-o com conſervas, lhe pedio que ſe não agaſtaſſe, que Sancho de Vaſconcellos era ſeu ſervidor, e amigo, e lhe havia de fazer muitas honras. A eſte tempo chegou Sancho, e João Rabello lhe entregou o Cachil, que elle recebeo muito bem, e o entregou a ſinco ſoldados, pera que o vigiaſſem na propria corocora do Cachil, ſó ſem mais gente ſua, e mandou a João Rabello que foſſe dar no lugar do Tobó com ſetenta Portuguezes, e alguns Tidores; e poſto que na entrada delle houve grande reſiſtencia, todavia foi todo deſtruido, e aſſolado. Neſta revolta tratou o Cachil Tidore de ver ſe podia fugir por eſta maneira. Hia, e vinha á embarcação, em que elle eſtava, hum ſeu eſ-

cra-

cravo, por nome João, com o qual se aconselhou em segredo que se viesse de noite na embarcação pequenina em que hia, e vinha remando ao longo da sua corocora, e que elle se deitaria ao mar com elle. Isto parece que suspeitou hum dos Portuguezes da sua guarda, e disse aos mais que tomassem as armas aos Tidores, porque lhe parecia que se queriam levantar; e em se remeçando a elles, fez o mesmo o Cachil com alguns criados que alli estavam, e começou-se entre elles huma grande revolta; á qual acudíram as nossas embarcações; o que visto pelo Cachil, foi-se lançando ao mar, e passando a nado por huma embarcação, em que estava hum pagem de Sancho de Vasconcellos com huma partazana nas mãos, o qual lhe bradou que se mettesse com elle na embarcação, e senão que o havia de matar; e não fazendo elle caso do que o moço lhe disse, foi nadando por diante, e o rapaz lhe deo por detrás pelas costas com a partazana, e o matou, e assim matáram os seus todos; e de alguns que cativáram, soube Sancho de Vasconcellos que hiam de soccorro a Bandá pera tomarem a náo; e não se querendo deter, se partio logo pera Bandá; e em breves dias chegou aonde a náo estava, com que os nossos se víram livres do peri-

rigo, e receio em que eſtavam: e entre algumas embarcações que alli foram carregar eſtava hum junco muito grande de ElRey de Viantana, que tinha ido com hum Embaixador pera ElRey de Ternate, o qual lhe levava muita artilheria, e munições contra a noſſa Fortaleza, o qual Sancho de Vaſconcellos commetteo pera o tomar; mas eſtavam nelle tantos Mouros que lhe matáram ſinco Portuguezes. Vendo Sancho que não podia render o junco, foi-ſe contra a povoação de Puloaſá junto de Bandá, e a commetteo; e tendo entrado hum forte que tinha os artilheiros da noſſa Armada, vendo andar pela praia alguns Bandarezes, lhe atiráram algumas bombardadas, que era o ſinal que Sancho de Vaſconcellos tinha dado aos que foram commetter o forte, os quaes em ouvindo a noſſa artilheria, largáram tudo, e ſe foram recolhendo pera a Armada, o que Sancho de Vaſconcellos ſentio em extremo; e porque a gente lhe começava a adoecer daquellas febres de Bandá, que ſam peſtilenciaes, tornou-ſe a embarcar, e a náo de Gonſalo Mendes Pinto, e a de Antonio de Valadares mandou com muita carga de cravo, noz, e maſſa pera Malaca; e eſcreveo áquelle Capitão os trabalhos em que os de Ternate ficavam; e o galeão S. Chriſtovão mandou

dou carregado de mantimentos pera Ternate, que lhe foi grande ſoccorro, e remedio.

Deſpedidos eſtes ſoccorros, foi-ſe Sancho de Vaſconcellos pera as Ilhas de Amboino com tenção, ſe lhe foſſe algum ſoccorro de Malaca, ir cercar o lugar de Hiamão, porque ſe hia fazendo muito forte, e poderoſo, e aſſim foi correndo as coſtas daquellas Ilhas, tomando muitas embarcações aos inimigos, e foi por aqui de vagar por eſperar pelos juncos, que haviam de vir de Jaoá; e andando aſſim fazendo toda a guerra que podia, foi aviſado que hum Capitão de ElRey de Ternate hia com huma boa Armada em favor, e ſoccorro dos Amboinos inimigos da noſſa Fortaleza, o qual Capitão ſe chamava Maladão, mancebo esforçado, e atrevido, pelo que foi neceſſario ao Sancho acudir á ſua Fortaleza, por não ſer a Armada que tinha capaz de peleijar com a que elle trazia. O Capitão Maladão vinha tão confiado em ſeu esforço, que não quiz trazer mais de quatro corocoras, e dizia que aquellas lhe baſtavam; e pelos inimigos amedrentarem aos noſſos, lançáram fama que elle trazia maior Armada. O Sancho chegou huma manhã á noſſa Fortaleza, e o Ternate ás duas horas depois do meio dia foi ter á praia

do

do lugar de Rosanive duas leguas da nossa Fortaleza, e logo foi dar vista della. O Sancho tanto que o vio, embarcou-se á pressa nas duas galeotas, e foi demandar o Ternate, o qual em o vendo voltou a proa, e foi-se acolhendo; e entendendo Sancho de Vasconcellos que sería estratagema, tornou a voltar pera a Fortaleza; abicou as galeotas, e se fortificou muito bem, porque entendeo que o Ternate havia de vir com poder sobre elle, e cercou a povoação que havia á roda da Fortaleza com tranqueiras de madeira. O Maladão tanto que vio recolher a Sancho de Vasconcellos, ajuntou dez corocoras, e foi commetter o lugar de Titiray, porque era nosso amigo, e commetteo o forte, em que estava hum soldado Portuguez com alguns Amboinos Christãos, o qual tinha dous berços com que peleijou tão valerosamente que quasi o desbaratou, matando-lhe muita gente, pelo que foi necessario ao Ternate acolher-se fugindo; o que visto pelos Amboinos, lhe sahíram alguns mancebos muito esforçados, e o foram esperar em huns passos estreitos, e difficultosos, onde Maladão, e hum primo seu foram mortos, e os Amboinos lhes tomáram as armas, cortáram as cabeças, e os corpos de todos os mortos comêram depois, por ser seu cos-

tu-

tume comerem todos os que matão na guerra. Estas novas se leváram a Sancho de Vasconcellos, que elle festejou com grande alegria, por se ver aliviado daquelle inimigo.

CAPITULO XXX.

Vai Sancho de Vasconcellos cercar o lugar de Hiamão, e o que lhe succedeo.

VEndo Sancho de Vasconcellos a mercê que Deos lhe fizera na morte daquelle Ternate, não desistio da empreza de Hiamão, porque os vizinhos amigos, e confederados lhe pedíram que os destruisse, porque estava já mui poderoso; e se se dissimulasse com elle, se poderia vir a fazer senhor daquelles lugares, e pera aquella jornada lhe offerecêram parte da despeza; porque se em algum tempo se podia fazer aquelle negocio era neste, em que elles estavam quebrantados com a morte de Maladão, em que elles tinham sua guedelha, e que de Ternate lhe não podia vir tão depressa soccorro, porque não sabiam ainda da perda do seu Capitão. Foi este lugar de Hiamão muito amigo dos Portuguezes, e já nelle houve Igrejas, em que residiam Padres da Companhia; e a causa de agora estarem tão rebellados nasceo do Reboan-

boangé, pera que lhe tornasse os que tinha cativos da embarcação de Simão de Abreu, o que elles fizeram, e ficáram daquella obra confederados com os Ternates; mas não de maneira que fizessem mal aos Portuguezes que alli viviam, sómente desmancháram a Igreja, e desta amizade fizeram sabedor a Sancho de Vasconcellos, e que nunca deixáram de serem amigos dos Portuguezes, mas com condição que os defendessem dos Ternates, ao que lhe elle não respondeo. Os Ulates como eram vizinhos deste lugar, e muito amigos dos nossos, receáram que por causa dos Hiamãos, de que não eram amigos, os Ternates os destruissem; pelo que pedíram a Sancho de Vasconcellos hum Capitão Portuguez com alguns soldados pera estarem com elles, e os defenderem, quando lhes fosse necessario, o que elle lhes concedeo, e lhes deo hum Alexandre de Matos, assim por ser homem muito esforçado, como por ter cabedal pera poder sustentar quinze soldados que lhe deo, o qual como se vio naquelle lugar, quiz logo capitanear, e mandou recado aos Hiamãos que negassem a obediencia aos Ternates, senão que os havia de castigar; ao que elles lhe respondêram que assim o fariam, se elle se obrigasse aos defender dos Ternates. Dissimulou o Alexandre

dre de Matos, e convocou a si outros Portuguezes, que estavam espalhados pelas Ilhas vizinhas, que seriam dez, com que fez vinte e sinco, e com seiscentos Amboinos hum dia, sem se temerem os Hiamãos de tal, foi dar nelles, e lhes entráram a povoação, e matáram muita gente, e leváram muita fazenda. Disto fizeram aquelles moradores a Sancho de Vasconcellos varias queixas, sem elle fazer alguma demonstração de amizade; mas antes escrevendo huma carta ao Alexandre de Matos, lhe fez grandes gabos, e lhe deo nella os agradecimentos do que fizera. Disto que os Hiamãos souberam, ficáram tão escandalizados, que logo se confederáram com os Sorocoros, e Buros, e os mettêram no seu lugar, porque entendêram que Alexandre de Matos com a cubiça das prezas que levou, havia de tornar a buscar mais, no que se não enganáram, porque dalli a poucos dias tornáram os nossos sobre elles, e huma madrugada commettêram as tranqueiras; mas os Hiamãos com os que tinham convocados lhes sahíram, e dando nos nossos, lhes matáram logo dous, e os mais desampararáram tudo, e se foram acolhendo apressados, ficando detrás de todos Alexandre de Matos com quatro Portuguezes, com os quaes os Hiamãos apertáram de mo-

modo que os matáram, e o mesmo fizeram ao irmão do Pate de Atuá com dez, ou doze parentes que foram com os nossos. Deste negocio ficáram os Hiamãos inimicissimos dos nossos; e o que foi peior, que os lugares vizinhos, amigos, e confederados da nossa Fortaleza, ficáram cobrando tão grande medo aos Hiamãos, que não havia cousa que os quietasse, e os Ulates estiveram de todo pera largarem o seu lugar, e irem-se pera a Fortaleza, senão fora hum Portuguez casado que alli se achou, que teve mão nelles, e os confortou, e animou, e avisou a Sancho de Vasconcellos, pedindo-lhe os visitasse, e soccorresse, e deo ordem pera se vigiar aquelle lugar, e com oito Portuguezes que ficáram se puzeram em vigias pera se defenderem, em caso que lhes fosse necessario. Os Hiamãos ficáram tão soberbos, que todos os dias hiam ao pé das tranqueiras a fazerem aos nossos grandes algazaras, e grandes affrontas, sem elles ousarem a lhe sahir.

Sancho de Vasconcellos sabendo o caso, mandou hum tio de ElRey de Tidore, chamado D. Henrique, grande cavalleiro, pera que os fosse soccorrer, que he aquelle que foi morto em Malaca em serviço de ElRey de Portugal, como se dirá em seu lugar. Este foi áquelle negocio com huma có-

cópia de gente ; e eſtando na tranqueira com os noſſos , foram os Hiamãos com grandes carrancas commetter os lugares, aos quaes ſahio D. Henrique com todos os que tinha em ſua companhia, e com tamanho impeto , e força deram nelles que os desbaratáram, ſendo elles mais de dous mil , e os da noſſa parte duzentos e ſincoenta; e affirmáram os noſſos que alli ſe acháram , que hum Atuá da noſſa parte, chamado Moné, matára por ſua mão mais de vinte e ſinco ; e outro chamado Papuá Caſtanhoré matára mais de trinta , e que eſtes dous homens eram quaſi agigantados, tão grandes cavalleiros, e de tantas forças, que todos os daquella Ilha os temiam. O Sancho, depois de deſpedir a D. Henrique, ſe fez preſtes, e partio com toda a ſua Armada em ſoccorro dos Ulates; e tomando a gente que lá eſtava , foi contra o lugar de Amão , e chegando á ſua praia, a todas as ſuas embarcações que achou mandou pôr fogo; e deſembarcando em terra, ordenou em o lugar que lhe melhor pareceo hum forte com ſuas tranqueiras pera dalli bater os inimigos; e ſabendo que os Hiamãos tinham feito duas corocoras muito fermoſas, dalli hum quarto de legua pela terra dentro, e marchando por hum tezo aſſima, foi até á parte onde as corocoras

ras eſtavam ainda por acabar; e querendo-lhes pôr o fogo, não pode, porque foi aviſado que os inimigos eſtavam já em ſilada eſperando por elles, como em effeito foi; porque em Sancho de Vaſconcellos voltando pera a praia, lhe ſahíram elles em hum paſſo eſtreito, e João Rabello que hia na dianteira em os vendo gritou a Sancho de Vaſconcellos, que hia na retaguarda, que voltaſſe pera o tezo, o que elle fez, indo-o encaminhando João Rabello, o que foi caſo de todos eſcaparem da morte. Sancho de Vaſconcellos, quando ſe vio em ſima, remetteo a hum eſquadrão de inimigos que o ſeguiam, hum dos quaes endireitou com elle, encarando a eſpingarda no roſto, e lhe diſſe: *Ah Capitão, hoje vos hei de matar*, e no meſmo tempo diſparou a eſpingarda, e quiz Deos que foi o tiro por alto, e com a furia rebentou a coronha de páo da eſpingarda, e foi dar por huma coixa a Sancho de Vaſconcellos, que ſe houve por morto, parecendo-lhe que a haſtilha da coronha era pelouro, e todavia remettendo com o que lhe tirou (que lhe voltou as coſtas) o foi ſeguindo, e o alcançou com huma geneta que o varou, e lhe cortou a cabeça. João Rabello peleijou na dianteira com tanto furor, que quando Sancho lhe acudio, já não tinha folgo, e com ſua chega-
da

da ſe recolhêram os inimigos; e ſe elle não viera, perecêra alli João Rabello, e com iſto tiveram os noſſos tempo de ſe irem recolhendo pera a praia, levando João Rabello a retaguarda; e chegando ás tranqueiras, deſcançáram, e todavia Sancho de Vaſconcellos determinou de não largar aquella empreza, e commetteo a entrada do lugar por vezes, ſem nunca o poder entrar; e inſiſtindo niſſo, tornou a commetter as tranqueiras, e as entráram, e o primeiro que ſe poz em ſima foi hum filho do Regedor das Relações, o qual matáram de huma eſpingardada que lhe deram pela cabeça; e quando cahio eſtava junto delle hum parente ſeu por nome Franciſco, homem de grandes forças, o qual vendo-o cahir lhe pegou por huma perna pera o lançar ás coſtas, e o levar, como fez; e indo com elle, lhe tiráram com hum chichorro, com que o varáram, e aſſim cahio morto debaixo do outro que levava ás coſtas, e ao cahir lhe ouvíram os noſſos chamar tres vezes pelo nome de Jeſus, e aſſim ſe cumprio huma profecia do Bemaventurado Padre S. Franciſco Xavier que o baptizou; e acabando o acto do baptiſmo, lhe diſſe, *que viveſſe confiado nas miſericordias de Deos, que quando acabaſſe, havia de ſer com o nome de Jeſus na boca.*

Eſ-

Eſtando Sancho de Vaſconcellos neſte trabalho, lhe chegáram cartas de Ternate do aperto em que aquella Fortaleza eſtava, em que lhe pediam os ſoccorreſſe com mantimentos, porque pereciam de fome, com o que largou tudo, e ſe foi pera Amboino, onde achou o galeão, de que foi por Capitão Franciſco de Lima, a buſcar mantimentos, que lhe Sancho de Vaſconcellos deo em abaſtança, e o deſpedio em breves dias, e elle ordenou a Fortaleza de pedra, e cal com conſentimento dos vizinhos, e a mudou hum pouco affaſtada da velha, porque eſtava entre dous padraſtos; e pera que a obra creſceſſe todo o dia, aſſiſtia nella em peſſoa, e nella jantava, e dormia a ſéſta; e como os Amboinos são maliſſimos, e atraiçoados, tratáram de o matarem pelo temerem muito; e por verem que muitas vezes ficava ſó, e tambem porque ſabiam que ſe aquella Fortaleza ſe acabaſſe de todo, haviam de ſer todos ſopeados, pelo que encommendáram eſte negocio a hum Chriſtão, chamado Coſta Arſem, por ſer muito atrevido, o qual vendo hum dia a Sancho de Vaſconcellos ſó, remetteo a elle com huma tomára, que he huma arma cruel; e todavia não foi tão preſtes, que Sancho de Vaſconcellos não tiveſſe tempo de ſe levantar com huma adaga

ga na mão, com a qual se abalançou a elle, e lha metteo pelo pescoço, de que lhe cahio aos pés, sem que Sancho de Vasconcellos pudesse suspeitar donde aquella maldade nascêra, antes cuidou que lhe dera a dor, e se fizera amouco, como cada hora nesta gente succede; e vendo os conjurados que lhe escapára daquella, ordenáram de o matarem descubertamente, e a todos os Portuguezes, e fizeram cabeça desta conjuração a Pate de Soya, o qual tambem convocou o Pate Daló seu cunhado, o qual não só se não quiz achar naquelle caso, mas teve modo com que avisou aos Padres da Companhia, e o Padre Jeronymo Rodrigues se embarcou logo a toda a pressa em huma almadia, e foi á Fortaleza nova, onde Sancho de Vasconcellos andava, e o levou comsigo pera a velha, onde lhe descubrio a conjuração, e melhor o Pate Daló, que foi ter alli com elle; e dissimulando Sancho de Vasconcellos o caso, mandou chamar os moradores dos lugares dos Atires, e Tavires, que eram os vizinhos da Fortaleza, e lhes disse que tomassem as armas, porque era avisado que eram entrados naquella Ilha duzentos Ternates, e juntos com elle foram todos pera a Fortaleza nova, onde os da conjuração estavam lançados em cilada, os quaes tiveram logo re-
 ba-

bate da ida do Sancho; e todavia ainda os nossos lhe matáram huns poucos, e os conjurados se ausentáram, e Sancho de Vasconcellos dalli em diante ficou tendo mais resguardo em si.

O lugar de Rosanive he o maior de toda aquella Ilha, cuja cabeça era hum Christão, chamado Ruy de Sousa, homem prudente, e o mais rico de todos, o qual imaginou Sancho de Vasconcellos que não podia deixar de ser sabedor daquella traição, e que dera toda a traça pera ella; e com esta suspeita o mandou chamar o mesmo dia que isto succedeo por Antonio Lopes de Rezende, Feitor de Amboino, que era grande seu amigo, e compadre, como tambem o era Sancho de Vasconcellos, e os Padres da Companhia, com quem parece que o Capitão communicou o que queria fazer, escrevêram logo ao Padre Fernão Alvares de Castello-branco, que residia em Rosanive, que logo se fosse pera a Fortaleza, porque importava muito; o que elle fez. O Ruy de Sousa em lhe dando o Feitor o recado do Capitão logo se foi com elle, e levou hum seu filho com elle; Sancho de Vasconcellos o recebeo bem, e lhe fez gazalhados, porque como este homem tinha tantas posses, determinou de o grangear, e fazello da sua parte, que esta foi

a

a tenção com que o mandou chamar. O Ruy de Soufa na prática que teve com o Capitão lhe diffe, que os Regedores do lugar de Puta lhe urdíram aquella traição, e que fe elle fe quizeffe fatisfazer delles, lhe déffe vinte Portuguezes, que com elles, e a gente de feu lugar fe obrigava aos deftruir a todos; e que lhe affirmava que os outros lugares, que elle fufpeitava, não tiveram diffo noticia. Os Padres da Companhia que alli eftavam, e alguns Portuguezes requerêram ao Capitão que prendeffe a Ruy de Soufa, o que o Capitão de nenhum modo queria fazer; mas infiftíram tanto todos naquelle negocio que fe não pode valer, e bem contra feu gofto lhe mandou lançar huma grande adoba, o que elle fentio tanto, que logo diffe que todas as honras que os Portuguezes fempre lhe fizeram, não chegáram todas áquella affronta; e as peffoas de melhor conhecimento aconfelháram ao Capitão que o bom fería não o foltarem nunca, porque tinham por fem dúvida que o prendêram innocentemente, e que não fora comprehendido na traição, e que era força que elle trataffe de algum modo de fe vingar daquella affronta; e affim como foi mal prezo, affim permittio Deos, que he jufto Juiz, que elle fugiffe da prizão em que eftava, tendo o Capitão conhe-

cido que fizera naquillo injuſtiça : e por ſem dúvida tenho que nunca os Viſo-Reys, nem Capitães a fariam , ſe não foram os induzidores dos males, que ſam mais certos que os dos bens; e ſuppoſto que neſte negocio entraſſem Padres da Companhia, de quem ſe não póde preſumir o fizeſſem por mal, bem poderia ſer que foſſem mal informados , e ſó ſe lhes poderia dar culpa de crerem os mal intencionados , que ſempre por reſpeitos particulares aconſelhão, e perſuadem o mal. Sancho de Vaſconcellos tanto que prendeo a Ruy de Souſa, logo mandou recado aos Roſanives que ſe queriam que lho ſoltaſſem, lhe mandaſſem ſua mulher , e filhos em refens , do que elles zombáram , e reſpondêram que entre elles não faltavam homens que os pudeſſem governar, e logo lhe deram em caſa ao Ruy de Souſa, e o roubáram de quanto nella tinha. Feito iſto , convocáram os lugares vizinhos, e fizeram huma liga contra a noſſa Fortaleza , da qual ſe temeo o Pate Daló; e receando que lhe foſſem deſtruir o lugar, pedio a Sancho de Vaſconcellos alguma ajuda contra elles , o qual lhe deo dez Portuguezes , e com elles, e com a ſua gente ſe fortificáram muito bem.

Os conjurados depois que juntáram ſeu poder ſe foram ao lugar de Varenulla, on-

de

de eſtavam ſeis juncos de Jáos ſeus amigos , aos quaes pedíram lhes deſſem cem homens pera os ajudarem , com os quaes , e com mais dous mil que elles levavam , partíram dalli por terra pera o lugar de Bagoella , no qual eſtavam vinte Portuguezes , e por Capitão delles Antonio Vilhegas ; e porque ſouberam que eſtavam muito fortes , paſſáram ao lugar de Aló , que ſería meia legua da noſſa Fortaleza , ſem ſerem ſentidos , nem viſtos mais que de hum peſcador , e com muito ſilencio commettêram a entrada do lugar , e o entráram. Eſtava naquelle tempo o Pate Daló jogando o Xadrez com hum Portuguez chamado João de Mello , homem Fidalgo ; e ſentindo a revolta , levantou-ſe depreſſa , e chamou pelos ſeus , que logo lhe acudíram com armas : os que entráram no lugar ſeriam menos de vinte , os quaes logo ſe tornáram a ſahir , vendo que eram ſentidos : os noſſos com os naturaes acudíram ás eſtancias pera ſe defenderem , e foi a tempo que os inimigos ſe hiam recolhendo , nos quaes foram dando , e matáram dous dos principaes , e os mais foram fugindo pera onde os da liga eſtavam emboſcados em hum valle ; e como os inimigos entendiam que os Alós haviam de acudir , deixáram algumas peſſoas eſcondidas em huma horta muito freſ-

ca

ca com humas caſas novas, que eſtavam ao pé da noſſa tranqueira, e as caſas dos arrabaldes eſtavam dalli muito perto; e tanto que os noſſos ſahíram fóra, que entráram pelos arrabaldes, que eram de caſas de palha, deram-lhe os inimigos fogo da parte donde ventava o vento, o qual como era rijo, começou a arder toda a povoação, e com aquella furia ſaltou nas guaritas do forte, e ardeo tudo, ſem o Pate Daló que com os noſſos eſtava querer fugir ao fogo, do qual os noſſos Portuguezes ſe foram recolhendo pera hum terreiro, que eſtava fóra da povoação, onde eſtava huma Cruz, no qual o fumo que cubria os ares os affogou, e alli os acháram os inimigos mortos ſem ſinal de queimadura, nem nos corpos, nem nos fatos, e foram buſcar os mais, pelos quaes fizeram tantas diligencias até que os acháram mettidos em huma cova, em que ſe eſcondêram, onde os matáram como ovelhas, e lhes cortáram as cabeças. O peſcador, que vio entrar o lugar, foi dar rebate a Sancho de Vaſconcellos, o qual juntou vinte Portuguezes, e alguns naturaes da terra, e foi caminhando por terra pera o lugar de Aló, e pelo caminho foi encontrando muita gente da noſſa, que hia fugindo pera a Fortaleza, os quaes tornou a levar

com-

comsigo, e delles soube a morte dos nossos que sentio em extremo; e chegando ao lugar de Aló, achou os da conjuração, e remettendo a elles, travaram huma boa batalha, em que mataram alguns dos inimigos, e os mais se puzeram em fugida; e deixando-os ir, entrou no lugar, e achou ainda os mortos ao pé da Cruz, e os mandou levar pera a Fortaleza, onde lhes deram sepultura, e achou ainda a artilheria, que não tiveram tempo de a levarem; e porque o filho do Pate Daló acudio alli, Sancho de Vasconçellos o consolou da morte do pai, e lhe entregou a Fortaleza pera a governar.

CAPITULO XXXI.

De como se perdeo o galeão de Belchior Botelho que hia pera Maluco, e onde.

PArtio o galeão, em que hia Belchior Botelho com o soccorro de Maluco, no qual tambem hia Nuno Pereira de Lacerda, que era provído naquella Capitanía de Ternate; e depois que em Malaca se reformou, e partio por via de Borneo, ao diante daquella Ilha, se foi perder nos baixos chamados Solocos, onde encalhou, e logo se metteo a gente no batel, e o deixá-

xáram, que se fizeram diligencia, pudéra mui bem ser, e certo he que facilmente o pudéram tirar; e tanto foi isto certo, que os Borneos acudíram logo a elle, e o acháram inteiro, e lhe tiráram toda a fazenda, e acháram ainda nelle huma Jaoa velha, que hia de Malaca, que foi levada a Borneo, e depois tornou a passar a Malaca, e depois deo relação de toda esta jornada; e da gente do galeão, que se salvou no batel, foram setenta Portuguezes, e por todo o caminho foram accommettidos de muitas embarcações, com quem peleijáram, e sempre lhes matáram alguns companheiros; assim chegáram perdidos com infinitos riscos, e trabalhos ás Ilhas de Celebes, onde os naturaes os agazalháram, e lhes deram de comer: tudo istó fizeram, porque os ajudáram contra huns vizinhos, com quem estavam em guerra, o que elles fizeram, mandando Belchior Botelho trinta companheiros áquelle negocio, ficando com elles dez, por serem outros mortos, e ainda destes nesta jornada matáram aquelles inimigos vinte, e os dez tornáram bem maltratados: estando assim, lhes deram a noticia, que em outro porto ahi perto estava hum galeão nosso, que hia pera Maluco, pelo que se foram em busca delle; e vendo que era o galeão S. Christovão,

de

de que era Capitão Francifco de Lima, que, como dissemos atrás, Sancho havia mandado com provimentos a Ternate, os do galeão em os vendo os agazalháram com muita humanidade, e delles fouberam fua perdição, e trabalhos: alhi fe provêram de algumas coufas, e fe partíram pera Ternate, aonde chegáram, e acháram os noffos em tal extremo de fome, que já comiam cevadilhas da terra, e outras coufas perjudiciaes á faude: foram todos agazalhados na Fortaleza com o que traziam. D. Alvaro entregou logo a Fortaleza a Nuno Pereira, e fe recolheo pera o galeão S. Chriftovão pera ir nelle bufcar alguns provimentos, por fer aquelle Rey muito feu amigo; o que fabido pelos Ternates, determináram queimar o galeão pera acabarem de pôr os noffos na ultima defefperação, affim pera os obrigar a entregar a Fortaleza, como por não fe cònfederarem com o Rey de Tidore em feu damno.

Affentado ifto entre todos, encarregáram defte negocio ao Reboange, e lhe ordenáram tudo o precifo de gente, e munições; mas por fe não atreverem a accommetter o galeão, tratáram de o queimar, porque eftava junto ao Recife, e furto, onde lhe podiam lançar balfas de fogo, as quaes logo fe ordenáram. D. Alvaro de

Ataí-

Ataíde eſtava no galeão com alguns companheiros pera o defenderem. Reboange tanto que teve ordenadas as jangadas , e balſas de fogo , mandou-lhes dar toa , e foi accommetter o galeão. D. Alvaro eſtava já advertido daquellas máquinas , e tinha ordenado deitar as entenas pela borda fóra por não poderem as jangadas abordallos ; e pela poppa vinha o batel com homens de recado , e muitas aſteas com eſtropalhos molhados pera deſviarem as jangadas , e ſe metterem pera o Reboange : foi-ſe chegando com a enchente da maré ; e ſendo já perto , deram fogo ás jangadas , que hiam liadas de duas em duas , as quaes começáram a arder com grande braboſidade , e toda a Armada ſe poz a bater o galeão com grande eſtrondo , e elle deſcarregou nella a ſua furia : as jangadas quiz Deos que com a maré ſe foram deſviando do galeão , até que remeſſáram no Recife , ſómente duas foram em direitura pela proa do galeão. Hum homem atrevido ſe lançou ao mar com hum traçado na mão , e chegando aſſim a nado ás jangadas , lhe cortou as cordas , com que hiam amarradas ; então ſe apartáram , e cada huma foi paſſando de longo , e foram-ſe tambem desfazer no Recife : a bateria foi-ſe continuando ; e como a Armada inimiga era muita ,
deſ-

destroçou-lhe a artilheria do galeão muitas dellas, e ainda a em que o Reboange hia, pelo que lhe foi forçado recolher-se sem fazer damno algum, e só matáram hum Hespanhol, e feríram dous Portuguezes.

Poucos dias depois disto, estando este galeão já preste pera se partir pera Tidore, e D. Alvaro de Ataíde nelle, levantou-se huma tormenta do Sudueste tão forte, e rija, e os mares se alteráram de feição, que com o trapear do galeão se lhe trincáram todas as amarras, e elle foi á cacea até encalhar no Recife, que era de pedra, onde se desfez, e os nossos, que nelle estavam, se salváram, alguns a nado, e outros nas embarcações, que estavam a bordo, e D. Alvaro de Ataíde escapou milagrosamente, e esse pouco, que tinha tirado da Fortaleza, ahi se acabou; e certo, que sam muito pera considerar as cousas deste Fidalgo, que era muito bom homem, porque nenhuma vez se embarcou, que se não perdesse. Vindo de Portugal, foi encalhar nos baixos de Pezo dos banhos, aqui nas Ilhas de Maluco, onde se perdeo duas vezes; e indo pera o Reyno, se tornou a perder nos mesmos baixos de Pezo dos banhos, e se salvou em huma embarcação, que de ambas as vezes fizeram aqui. Todos os tres annos que esteve nesta Forta-

le-

leza teve guerras contínuas, fomes crueis, trabalhos encapellados, perdições a cada passo, de maneira, que podia dizer, que veio entrar na Fortaleza, não pera enriquecer nella, senão pera padecer todas as miserias da vida, e experimentar os castigos, que Deos nosso Senhor foi dando áquella Fortaleza; porque depois que nella matáram aquelle Rey, sem nunca fazerem justiça a seus filhos, que sempre a requerêram, até que se entregou, o que lhe succedeo no Reyno, que foram sinco annos, tudo o que nella se vio foram desaventuras, e castigos dos Ceos; porque seis, ou sete galeões, que lhe foram com provimentos, todos se perdêram: por lá acabou Gonsalo Pereira Marramaque com huma tão poderosa Armada, sem della escapar huma taboa: por lá morrêram mais de dous mil homens, tanta artilheria, e fazenda, e se passáram tantas miserias, que não he possivel poderem-se contar. Em fim, veio Deos nosso Senhor a fazer justiça, que os nossos Reys não fizeram, do matador, do innocente, como era uso da India, e acabar as crisadas a mãos de Jaós cruelissimos: e póde ser que parte dos castigos de Portugal, e perdições de Africa procedessem daqui; e que os que hoje padecemos na India com a vida destes rebeldes, (cousa

que

que nunca ſe imaginou) tambem daqui vieſſem; porque Deos noſſo Senhor nunca deixou de caſtigar culpas, e algumas vezes ſe diſſimula, he pera mór damno noſſo, como aqui ſuccedeo; porque os caſtigos que nos deo neſte negocio, foram os maiores, que a India até agora padeceo: e praza a elle que não vam mais por diante. Os noſſos da Fortaleza com a perda deſte galeão ficáram os mais miſeraveis homens da vida, em tal eſtado, que até os ſeus proprios inimigos ſe compadeciam delles, porque na terra não tinham donde ſe valer; do mar, que era ſoccorro da India, ou de Malaca, hiam-lhes faltando, porque eſtavam em fim de Novembro, e a monção, em que lhes havia de chegar alguma couſa, era até os quinze, o mais tardar; e já na Fortaleza não havia couſa, de que ſe pudeſſem ſuſtentar nem dous dias: de todas as partes miſerias, e deſconfianças; as armas continuadamente nas mãos, os olhos nos Ceos, donde não viam ſenão caſtigos; e em fim, vieram a deſconfiar de ſeu remedio de todo haver-ſe perdido. O Rey de Ternate era por momentos aviſado de todos aquelles males; e parece que lhe diſſe o diabo, que vinha huma náo com provimentos dahi algumas leguas com calmaria, que tambem era caſtigo do Ceo,
pe-

pelo que determinou antes de concluir com os nossos, os quaes não queriam mais que salvar as vidas, e tratáram algum concerto com aquelle Rey, que folgou muito de lho mandarem commetter, e lhes mandou dizer, que se lhe entregassem dentro de vinte e quatro horas aquella Fortaleza, lhes daria as vidas a todos, e consentiria que ficassem os que quizessem. Os Padres da Companhia lhes fizeram requerimentos da parte de Deos, que se entregassem, senão que dariam conta a Deos dos damnos que disso succedesse, e dos que apontassem, tomando o inimigo aquella Fortaleza por força ao Rey, com condição de os pôr fóra: dentro nas vinte e quatro horas se resolvêram a entregar a Fortaleza ao Rey, com condição, que lhes daria embarcações pera se passarem a Amboino, e que todas as vezes que ElRey lhe fizesse justiça de quem lhe matára seu pai, a tornaria a entregar. Nestes concertos andou Henrique de Lima, até que veio aos concluir, de que se fizeram autos, papeis assignados por ElRey, e seus irmãos; e logo se foi ElRey pera a porta da Fortaleza, e os de dentro se sahíram della, e ElRey os consolou, e animou; e entrando logo dentro, mandou por hum Tabellião fazer entrega da Fortaleza, e hum auto, no qual se obrigou aquelle

ſe Rey a tornalla a entregar aos Capitães d'ElRey de Portugal, todas as vezes que lhe fizeſſe juſtiça do matador de ſeu pai, no qual auto ſe fez inventario da artilheria, que com a Fortaleza recebia: e mandou ElRey accreſcentar mais, que elle recebia a artilheria della como olheiro d' ElRey de Portugal, até elle o ſatisfazer, e que mandaria á India a tratar com o Governador de ſua juſtiça, no qual auto ſe aſſignou ElRey com ſeus irmãos, e Regedores, e aſſim ficou aquelle Rey de poſſe daquella Fortaleza, e vimos em tão poucos annos entregar-ſe eſta, e a de Chalé aos inimigos por falta de mantimentos, e não vimos caſtigar ElRey aos Governadores pelo pouco cuidado que tem de todas, e ſeus provimentos, porque algumas deſtas eſtam em eſtado, que as não tomam os inimigos, porque não querem, como ſam as de Cananor, Bauchor, Mangalor, Honor, que todas eſtam rotas, e mal provídas; e a Deos deixemos iſto, vamos continuando com a hiſtoria.

Entregue aquelle Rey da miſeravel Fortaleza, recolhêram-ſe os noſſos nas caſas dos Padres da Companhia, onde ElRey os mandou prover muito bem; e havendo tres dias que iſto era paſſado, quando appareceo huma náo muito fermoſa, que hia de Ma-

Malaca com muitos provimentos, a qual viſta foi pera todos de mór deſconſolação, que a viſta da Fortaleza; porque bem entendêram que aquella tardada fora pera ſeu caſtigo, e não veio ſurgir no porto, donde logo teve recado do que era paſſado. Vinha por Capitão della Leonel de Brito, filho de Mem de Brito, aquelle que D. Antonio de Vaſconcellos, ſenhor de Mafra, filho do Conde de Penella, matou por huns amores que teve com huma parenta ſua, no qual caſo ſe não fallou, por dizerem que ElRey D. João mandára a D. Antonio pera Lisboa, temendo-ſe dos parentes de Mem de Brito, e trazer comſigo muita gente; e algumas vezes a encontrar no caminho por onde hía eſte Leonel de Brito, e outro ſeu irmão menino, ambos em huma mula pera a eſcola. Eſte Leonel de Brito veio ſervir á India, onde foi deſpachado, e vinha com eſte ſoccorro; e ſabendo elle da entrega da Fortaleza, ſentio muito, e teve logo recado d'El-Rey, e dos noſſos, que podia deſembarcar ſeguramente, como elle fez; e ElRey o recebeo muito bem, e lhe diſſe, que mandaſſe deſembarcar as fazendas, e as recolheſſe, e fizeſſe ſua carga tão livremente, como ſe aquella Fortaleza foſſe d'El-Rey de Portugal, cuja era, o que ſe fez,
e

e poz toda em terra em cafas, fem lhe bulirem em coufa alguma, fó das munições lhe mandou ElRey tomar algumas, que eram pera defeza da Fortaleza, que era do feu Rey. Affim ficou o galeão até o tempo de carregar, e comprou-fe o cravo com as fazendas pelo preço ordinario, fem haver alteração; e como foi tempo de partir, fe embarcou nelle Belchior Botelho, D. Alvaro de Ataíde, a quem ElRey fez mercê de huma cópia de cravo, e Nuno Pereira de Lacerda, e os mais que quizeram; e defpedidos d'ElRey, que teve com elles muitas fatisfações, deram á véla pera Amboino, mandando ElRey com elles hum Embaixador feu, pelo qual efcrevia a ElRey o que era paffado, e lhe pedia juftiça de quem lhe matára feu pai, dizendo-lhe, que entre tanto elle teria aquella Fortaleza em guarda, fobre o que lhe efcreveo huma carta muito avifada, que eu tinha guardada pera efte lugar, e não a achei. Deo efta náo á véla em Junho defte anno de fetenta e finco, em que eftamos, e em breves dias foi a Amboino, onde tomou alguns provimentos, e dahi fe fez á véla em 15 de Julho contra o parecer de todos, por fer já tarde; e fazendo fua derrota, como Deos noffo Senhor ainda eftava irado contra aquellas Ilhas, permittio

que ſe foſſe perder em huns baixos, que ſe chamam de Tucubeicu, onde encalháram, e os noſſos ſe puzeram em huma Ilha, que ahi eſtava perto. O Embaixador d'El-Rey de Ternate, que ahi hia, como ſabia tudo aquillo muito bem, diſſe aos noſſos, que ſe não buliſſem dalli, que elle os viria buſcar em embarcações, e aſſim em hum balão ſe paſſou ás Ilhas de Butre, junto a huma caſa, onde negociou embarcações, com que tornou a buſcar os perdidos, que ſe embarcáram com elle, e foram ter a huma caſa, onde já tinham ido outra vez perdidos, e aquelle Rey os negociou, e lhes deo hum junco, com que ſe foram pera Malaca; e aſſim deixaremos as couſas de Maluco até ſeu tempo.

CAPITULO XXXII.

Do que neſte tempo ſuccedeo na India.

TOrnemos a continuar com as couſas da India, e ſeja com o Embaixador, que o Governador mandou ao Grão Mogor em companhia do ſeu, o qual foi em breves dias ter a Cambayete, e viſitou o Governador, que ahi deixou o Mogor, como levava no Regimento. Succedeo no meſmo tempo Ruy Pires de Tavora, Capitão de Dio,

Dio, comprar a hum Mouro Parſeo hum cavallo muito fermoſo, que diziam levára o Governador de Cambaya; o qual ſabendo do caſo, metteo a Chriſtovão do Couto em ferros, e a todos os Portuguezes, que ahi eſtavam com ſuas fazendas, e a ellas confiſcou-as, e além diſſo mandou fazer a Chriſtovão do Couto muitas affrontas; e fazendo-o elle a ſaber ao Capitão de Dio, pedindo-lhe largaſſe o cavallo pera o reſgatar a elle, e a todos, o que logo elle fez, e nem com tudo iſto o Governador os quiz largar, antes lhes fez mais affrontas; e poſto que lhes tirou os ferros, os não quiz deixar ir pera Goa, o que tudo Chriſtovão do Couto eſcreveo ao Governador Antonio Moniz Barreto em cartas que eu vi, affirmando que daquillo tudo foram cauſa os correſpondentes da nação, que lá eſtavam fazendo ſuas fazendas pera o Reyno, e que aſſim como elles ſoffriam infinitas affrontas, que lhe faziam em Cambaya, cuidava o Governador della que tambem elle Chriſtovão do Couto ſoffria outras tantas.

Chegou atéqui, e daqui não paſſou.

Fim da Decada Nona.